

Celso Konflanz

## **A MODERNA TRADIÇÃO GAÚCHA**

Um estudo sociológico sobre o Tradicionalismo Gaúcho

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Airton Jungblut

Porto Alegre

2013

Celso Konflanz

## **A MODERNA TRADIÇÃO GAÚCHA**

Um estudo sociológico sobre o Tradicionalismo Gaúcho



Porto Alegre

2013

Dedico este trabalho a meu saudoso pai e a minha querida mãe.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos professores e colegas da Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul com quem tanto pude aprender.

Celso Konflanz, 2013.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as lógicas sociais que operam no funcionamento e na atuação do ‘Tradicionalismo Gaúcho’ no Rio Grande do Sul e que possam dar conta de explicar, com maior ou menor consistência, a significativa projeção que ele adquiriu neste estado mesmo se colocando como um Movimento dito “Tradicionalista” em pleno século XXI. A nosso ver a sua projeção pode ser explicada, ao menos razoavelmente, a partir de dois ângulos de análise, sendo primeiro, por meio da investigação daquelas propriedades ou características assumidas pelo Movimento para que ele pudesse propagar-se por todo o Rio Grande do Sul (diga-se adquirir ampla adesão) mesmo sob a condição de enorme diversidade étnica e cultural que o estado gaúcho apresenta; e segundo, por meio da investigação daquelas propriedades que explicam a continuidade temporal que o Movimento demonstrou, estendendo-se até os dias atuais, mesmo tendo havido significativas mudanças de ordem econômica e social desde a sua fundação até a presente época. A partir dessas duas dimensões acreditamos conseguir compreender de forma bastante razoável as propriedades sociológicas de atuação e funcionamento do Tradicionalismo que explicam a considerável projeção que ele adquiriu no Rio Grande do Sul.

**Palavras chave:** Tradicionalismo Gaúcho, funcionamento e atuação, expansão e continuidade, Rio Grande do Sul.

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze the social logics that operate in the functioning and performance of 'Traditionalism Gaucho' in Rio Grande do Sul and that can explain, with more or less consistency, significant projection that he acquired in this state even putting up as movement called "traditionalist" in the XXI century. We believe its projection can be explained, at least reasonably, from two different angles of analysis, namely, first, by investigating those properties or characteristics assumed by movement so it could be spread throughout the Rio Grande South (say acquire large membership) even under the condition of enormous ethnic and cultural diversity that the state has gaucho, and second, by investigating those properties that explain the temporal continuity that the Movement has shown, extending to the nowadays, while there were significant contextual changes of economic and social order since its founding until the present time. From these two dimensions we believe we can cover reasonable sociological properties of performance and functioning of traditionalism that explain the considerable projection that he acquired in Rio Grande do Sul.

**Keywords:** Gaucho Traditionalism, functioning and performance, expansion and continuity, Rio Grande do Sul.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
O cenário cultural da modernidade e da pós-modernidade .....	11
O interesse de pesquisa .....	21
Sobre o Tradicionalismo Gaúcho .....	22
Algumas problemáticas em torno do objeto de pesquisa .....	24
Problema e objetivo de pesquisa .....	28
Considerações metodológicas sobre a pesquisa e o estudo do tradicionalismo .....	32
CAPÍTULO 1 - O itinerário de desenvolvimento histórico do Tradicionalismo e as características especiais da fase moderna.....	37
1.1 - As diferentes fases do Tradicionalismo e o movimento moderno .....	37
1.2 - O itinerário de desenvolvimento do tradicionalismo .....	41
Parthenon Literário e Grêmio Gaúcho .....	43
As características assumidas pelo Parthenon e pelo Grêmio.....	49
O Tradicionalismo Moderno .....	50
A modernização brasileira.....	51
A chegada da cultura de massas e do paradigma estadunidense .....	52
Assim nasce o Tradicionalismo: As implicações do contexto para as suas características constitutivas.....	58
QUADRO 1: Características de constituição das diferentes fases do Tradicionalismo .....	65
CAPÍTULO 2 - Cultura, Folclore e Tradição.....	66
2.1 - Considerações acerca de alguns assuntos da “cultura” e do “Tradicionalismo” importantes à compreensão do fenômeno .....	68
Antiguidade: A noção de “tradição” para o “Tradicionalismo gaúcho” .....	69
A ruralidade ao invés de etnia .....	71
Cultura de Elites .....	75
Destradicionalização .....	78
2.2 - As lógicas que operam na seleção dos elementos do Tradicionalismo.....	80
A noção de “cultura” e “tradição” .....	80
Seleção de elementos e a regra maior .....	83
Exemplo externo .....	88
A segunda variável: Relações de poder.....	90
Terceira variável: Questões políticas .....	91
O termo invenção e suas consequências.....	91
2.3 - O processo de transformação do Folclore em Tradicionalismo.....	93

Distinção entre folclore e Tradicionalismo .....	94
O processo de transformação do folclore em tradição e a emergência do Tradicionalismo	97
<b>CAPÍTULO 3 - A ampla adesão ao Movimento Tradicionalista: O sentido, a mítica, a estética e a ludicidade. ....</b>	<b>105</b>
3.1 – Sentido: A identificação com o Tradicionalismo através da ruralidade .....	107
A influência rural sobre a população.....	108
A natureza e o sentido dos elementos do Tradicionalismo .....	109
As músicas nativistas .....	112
O aconchego do galpão .....	114
Expressões dos colonos.....	116
A aceitação pelo sentido ou significado .....	118
3.2 - A mítica social do Tradicionalismo .....	120
3.3 – O Tradicionalismo como projeção estética da vida rural .....	125
3.4 - A ludicidade como forma de reprodução da tradição .....	129
<b>CAPÍTULO 4 - Tradição e modernidade: O caráter ritual e a vivência dos Tradicionalistas... 133</b>	
4.1 - A vivência dos Tradicionalistas e o ‘caráter ritual’ .....	134
A natureza destradicionalizada do Tradicionalismo .....	136
A condição pós-moderna.....	137
O caráter das regras dentro e fora do Movimento .....	138
O caráter ritual.....	140
A função e os limites do caráter ritual.....	141
O modo de operação do caráter ritual .....	142
4.2 - A evolução institucional: sua importância e consequências .....	149
O processo de institucionalização .....	151
O distanciamento do folclore .....	155
A dinamicidade do tradicionalismo.....	157
A exacerbação do caráter ritual: os novos e os velhos Tradicionalistas.....	157
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>169</b>
O fim último do Tradicionalismo.....	169
O mérito da institucionalização.....	170
O Tradicionalismo como síntese .....	171
Os limites do Tradicionalismo .....	172
A função do Tradicionalismo.....	173
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>175</b>



## INTRODUÇÃO

A era moderna e especialmente a pós-moderna<sup>1</sup> são períodos históricos em que os temas culturais ganharam grande importância, estes foram primeiro alvo de muita curiosidade investigativa fomentando estudos e levantamentos sobre a diversidade, hábitos e costumes das diferentes sociedades, e depois, com as transformações que a própria modernidade passou, foram deslocados para o centro dos debates políticos, tornando-se mediadores importantes na relação entre os grupos. E assim podemos dizer, inclusive, que o anseio de suscitar debates em torno dos temas culturais é inerente à própria natureza da contemporaneidade.

Por um lado, tanto a era moderna, do industrialismo e da consolidação do capitalismo, como a era pós-moderna, da excrescência da esfera mercantil, foram e continuam sendo períodos em que as tradições, as crenças e as diferenças como um todo foram bastante atingidas, sendo profundamente contestadas e mesmo aniquiladas em prol - no caso da modernidade - do progresso técnico e do homem universal - e da pós-modernidade - dos estilos globais fornecidos pelo capitalismo. A industrialização, a técnica, a burocracia, a democracia e o estado-nação, bem como os produtos, os estilos de vida modernos, o consumismo, as marcas e todo o conjunto de efeitos da

---

<sup>1</sup> Quando falamos aqui em “modernidade” e “pós-modernidade” como eras sociais distintas, é importante que fique claro, que essa descrição não deve ser entendida de forma taxativa, mas simplesmente como um recurso para distinguir dois momentos históricos com características sociais diferentes. A questão da era em que estaríamos vivendo, se ela se constitui ou não como “pós-modernidade”, é uma discussão muito longa, levada a cabo pelos mais renomados intelectuais e que ainda está bem longe do fim. As exigências desse texto nos impõe a necessidade apenas de constar que existem diferenças importantes entre a primeira modernidade (aquela do século XIX e da primeira metade do século XX, marcada pelo forte industrialismo) e o cenário atual (iniciado na década de 1970 em decorrência de significativas transformações no capitalismo), e que essas diferenças, no que tange aos aspectos sociológicos, se referem a rigidez das estruturas sociais no primeiro caso, e a flexibilidade ou fluidez no segundo. Deste modo, como nosso interesse são as características sociais e não a classificação, não decorre prejuízo para o texto fazermos uso das diferentes terminologias criadas para classificar a sociedade atual, uma vez que todas elas indicam transformações significativas ocorridas de lá para cá, independentemente da posição do autor sobre estarmos ou não na pós-modernidade.

globalização, se estenderam e se intensificaram por todo o mundo e homogeneizaram práticas e hábitos.

Contudo, foi também nessa época de ímpeto uniformizante que foram retomadas com intensidade sem igual às questões sobre a diversidade e sobre a identidade. Foi a era que revelou um novo espaço para as questões culturais. Noções como tradição, cultura popular, identidade, etnia, raça, pureza, etc., embora pretendam remeter a tempos remotos ou mesmo imemoriais, são todos temas inclusos no projeto moderno e/ou pós-moderno.

Observa-se então duas tendências quase que paradoxais concorrendo no mesmo cenário: uniformização e pluralização. A própria condição da globalização econômica e cultural e da homogeneização das práticas e hábitos, que aniquilam a diversidade, causam, por vezes, reações e conflitos, assim como a necessidade de diferenciação entre os grupos. Estes calcados, justamente, em signos e emblemas pretensamente recuperados do passado. E assim, nesta era, no momento em que a diferença é apagada pelo efeito da globalização, emerge a necessidade da fabricação da diferença, da demarcação das identidades.

O presente texto dedica-se ao estudo de um movimento cultural tradicionalista que também é efeito desse contexto, ou seja, que teve seu nascimento diretamente incluso na problemática da homogeneização e da diversidade, ou melhor, no processo de encontro entre o global e o local, entre a modernidade e a tradição, mais especificamente entre a moderna cultura de massas do paradigma capitalista/consumista estadunidense com uma realidade local da América Latina (ainda predominantemente pré-moderna) em meados do século XX. Estamos falando do ‘Tradicionalismo Gaúcho’, um Movimento originário do estado brasileiro do Rio Grande do Sul, que ganhou bastante projeção e adeptos desde sua fundação e atualmente atua com bastante vigor.

Tendo esse movimento nascido em um momento de agudas transformações, ele se pôs como defensor daquilo que seria a “cultura regional” e a “tradição local” que, conforme seus fundadores, estava se desfazendo frente aqueles eventos. Percebe-se, na análise do mesmo, que com uma perspicácia muito grande em codificar as características histórico-culturais da região, esse movimento projetou características bem singulares de atuação - alinhadas justamente à forma como são compreendidos certos temas culturais nessa sociedade - e assim diferenciou-se em boa medida, no modo de operar, da maior parte dos movimentos que lidam com temas culturais. Por essas e

outras, conforme veremos, esse movimento se tornou uma maneira significativa de dispor a cultura regional na pós-modernidade.

Mas para que se descreva os comparativos analíticos em que a discussão será mediada - sob a qual justamente se poderá compreender as peculiaridades desse movimento em relação aos outros e ainda estabelecer o interesse de pesquisa - e também para situar com mais precisão a posição do objeto que estamos estudando enquanto fenômeno sociológico próprio da era moderna, sendo este incluso em um universo maior de fenômenos operantes na modernidade e que portanto não se referem somente a região em que ele se manifesta - devemos vasculhar um pouco mais esse cenário da pós-modernidade na maneira como se dispuseram as questões culturais.

### **O cenário cultural da modernidade e da pós-modernidade**

Sobre a implantação da modernidade, devemos considerar que a partir das revoluções industriais e políticas do século XVIII e XIX, se estabeleceu tanto um abismo técnico/produtivo profundo entre as regiões industriais e aquelas ainda distantes destes processos, como se determinou a supremacia dos 'estados-nações' enquanto regime político/administrativo. O paradigma civilizatório do capitalismo se impôs ferozmente tanto sobre as regiões periféricas dos próprios países ocidentais como sobre as outras regiões do globo, modificando substancialmente as formas de vida de quase todas as comunidades e sociedades.

Nesse contexto, como uma das principais forças operantes na modernidade - em conformidade com o projeto iluminista que era de unificar, de acabar com as diferenças para impor o homem universal - o estado-nação foi o instrumento político/administrativo que, no intuito de acabar com barreiras econômicas, com as restrições regionais, com a despadronização de normas e legislações, contribuiu para que se impusesse um regime de uniformização cultural dentro de um território politicamente determinado, pois, no seu ímpeto de unificar, se lançou não só a instituir um alinhamento econômico, jurídico e administrativo, mas também a um longo e forçoso processo de abafar as diferenças culturais locais para instituir uma identidade nacional. E assim, devido a essas circunstâncias, que efetivamente levaram ao sucesso do projeto de unidade nacional, conforme Hall (2000), é possível observar que "na história moderna, as culturas nacionais têm dominado a "modernidade" e as identidades

nacionais tendem a se sobrepor a outras fontes, mais particularistas, de identificação cultural<sup>2</sup>”.

Contudo, é imprescindível considerar que embora o estado-nação seja um instrumento de aplicação do Capitalismo e da Modernidade, estes sempre foram essencialmente globalizantes, nunca se prenderam absolutamente ao estado-nação. Hall diz:

Lembremos que a globalização não é um fenômeno recente: "A modernidade é inerentemente globalizante" (Giddens, 1990, p. 63). Como argumentou David Held (1992), os estados-nação nunca foram tão autônomos ou soberanos quanto pretendiam. E, como nos faz lembrar Wallerstein, o capitalismo "foi, desde o início, um elemento da economia mundial e não dos estados-nação. O capital nunca permitiu que suas aspirações fossem determinadas por fronteiras nacionais" (Wallerstein, 1979, p. 19). Assim, tanto a tendência à autonomia nacional quanto a tendência à globalização estão profundamente enraizadas na modernidade (veja Wallerstein, 1991, p. 98)<sup>3</sup>.

E por isso, podemos dizer que se administrativamente o estado-nação é o modelo próprio e inseparável de gestão/organização do capitalismo, em termos de identificação cultural essa relação não é tão direta ou necessária. Então, o poderoso estado-nação, como fonte de identificação segura e forte, mostrou-se apenas como uma etapa para a construção desse homem universal livre, sem essas limitações.

Nesse sentido, se observa que no mesmo ritmo com que o capitalismo se alastrou pelo mundo, que ampliou sua atuação, que acabou com as resistências locais, que comprimiu o tempo e o espaço por meio da globalização, chegou o momento em que o próprio estado-nação, enquanto unidade principal de identificação, perdeu força e passou a ser contestado. Para Giddens (2003) todas as mudanças que ocorrem no mundo atual estão inextricavelmente ligados ao fenômeno da globalização. A globalização representa um “pacote de mudanças”<sup>4</sup>. Pode-se falar que devido a transformações econômicas intensas no capitalismo, chamadas por Hall (2000) de “[...] um complexo de processos e forças de mudança[...]”, principalmente a partir dos anos de 1970 “tanto

---

<sup>2</sup> HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 4ª edição. Ed. DP&A. Rio de Janeiro, 2000.

<sup>3</sup> HALL, 2000.

<sup>4</sup> GIDDENS, Anthony. Mundo em descontrolado. 3ª edição. Editora Record 2003. Original 1999.

o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e os laços entre as nações<sup>5</sup>”. E assim decorre que quando a modernidade clássica desfalecia e se impunha a pós-modernidade:

[...] o efeito geral desses processos globais tem sido o de enfraquecer ou solapar formas nacionais de identidade cultural. [...] existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, "acima" e "abaixo" do nível do estado-nação. As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes. Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações "globais" começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais<sup>6</sup>.

O capitalismo e a globalização econômica, então, criam um cenário de certa forma paradoxal no que se refere à cultura, ou seja:

Ao mesmo tempo em que o mercado e as indústrias culturais fabricam uma cultura mundial caracterizada por uma forte corrente de homogeneização, assiste-se também à multiplicação das solicitações comunitárias de diferença: quanto mais o mundo se globaliza, mais alguns particularismos culturais aspiram a afirmarem-se nele. Uniformização globalitária e fragmentação cultural caminham a par<sup>7</sup>.

Por outras palavras, quando não há mais contestação econômica, quando o capitalismo e a democracia se tornam unânimes e não são mais contrariados, a ordem do dia passa a ser o revivalismo das questões culturais - que foram abafadas no início da modernidade em prol do homem universal - a fim de demarcar as diferenças entre os grupos sociais. Com o fim das cisões bloqueadoras em relação ao mercado e à democracia recriam-se novas exigências em torno das questões da cultura<sup>8</sup>. As atenções se deslocam para as definições culturais dos grupos na formação das identidades

---

<sup>5</sup> HALL, 2000.

<sup>6</sup> HALL, 2000.

<sup>7</sup> LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. A Cultura-Mundo: Resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: companhia das letras, 2010. p. 23.

<sup>8</sup> LIPOVETSKY 2010.

individuais e coletivas. Isso quer dizer que quando não há mais diversidade, cria-se a diversidade. E por isso, no mundo moderno, “em torno do ‘cultural’ recriam-se novas exigências, novas divergências e novas fogueiras, que vêm atíçar novamente os centros políticos e econômicos que constituem o fundo dos conflitos humanos<sup>9</sup>”.

Podemos dizer então que “quanto mais o mundo se globaliza, mais os particularismos e as exigências identitárias ganham importância<sup>10</sup>”, e assim pode-se afirmar que “as forças da unificação global vão progredindo ao mesmo ritmo que as da diversificação social, mercantil e individual. Quanto mais as sociedades se aproximam, mais se desenvolve uma dinâmica de pluralização, de heterogeneização e de subjetivação<sup>11</sup>”. “[...] o mundo tecno-mercantil contribui para realçar [as questões culturais] com a problemática das identidades coletivas, das “raízes”, do patrimônio das línguas nacionais, do religioso e do sentido<sup>12</sup>”. Então, como nos diz Lipovetsky (2010), na hipermodernidade<sup>13</sup> “a erradicação do passado deixou de estar na ordem do dia: a época dedica-se à reabilitação do passado, ao culto do autêntico, a mobilizar de novo as memórias religiosas e identitárias, às reivindicações particularistas<sup>14</sup>”. Por fim, a vitória do mercado, do mundo capitalista, ao invés de paz e harmonia dada à superação das concorrências, conforme Lipovetsky (2010) gerou, ao contrário, conflitos tribais, a explosão dos fanatismos identitários, as limpezas étnicas, os ressurgimentos nacionalistas e os fluxos de imigração em massa, etc. O componente cultural está presente em boa parte dos conflitos que agitam o mundo: reivindicações territoriais, interesses econômicos, ambições políticas, etc.<sup>15</sup>, e assim a cultura transforma-se “[...] numa esfera cada vez mais politizada, conflitual e, por vezes, trágica<sup>16</sup>”.

Em suma, o paradoxo da modernidade demonstra que na verdade, conforme Lipovetsky (2010), uniformização globalitária e fragmentação cultural caminham a par,

---

<sup>9</sup> LIPOVETSKY, 2010, P. 37.

<sup>10</sup> Ibid. P. 33.

<sup>11</sup> Ibid. P. 21.

<sup>12</sup> Ibid. p.23.

<sup>13</sup> “Hipermodernidade” é o conceito utilizado por Lipovetsky para definir a sociedade atual. Embora esse conceito diferencie-se da noção de “pós-modernidade”, no caso desse estudo, ele serve, sem prejuízos, para demarcar diferenças sociais entre aquilo que seria a modernidade clássica (ou primeira modernidade) do cenário que se vive atualmente.

<sup>14</sup> Ibid. p. 18

<sup>15</sup> Apud. Ibid. p. 33.

<sup>16</sup> Ibid. p. 33.

e sendo assim, o avanço da indústria cultural, das culturas de massas, ou então simplesmente da cultura-mundo<sup>17</sup> por sobre as comunidades locais ou regionais:

Não significa de modo algum cultura mundial e una, nem unificada. À medida que as mesmas marcas vão estando presentes em todo o lado e que dispomos das mesmas informações sobre o estado do mundo, multiplicam-se não só as hibridações do global e do local, mas também a diversidade dos valores, a “guerra dos deuses”, as reivindicações particularistas<sup>18</sup>.

Então nesse cenário, cria-se a seguinte situação: se por um lado as identidades nacionais estão em declínio, em decorrência tanto do surgimento de outras fontes de identificação suscitadas pela globalização dos fluxos culturais, como por impactos sociais ou econômicos que afetam as sociedades, por outro lado, as identidades regionais, locais, ou até nacionais podem ser reforçadas tanto em decorrência daquelas forças locais que desejam reforçar sua posição contra a corrente de homogeneização imposta pela globalização, como por aqueles grupos políticos que rechaçam mudanças sociais ou econômicas. Deste modo, conforme Hall, por um lado “as identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do ‘pós-moderno global’<sup>19</sup>”. Contudo, por outro lado, “as identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização<sup>20</sup>”. Além do que “As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades — híbridas — estão tomando seu lugar<sup>21</sup>”.

Dentre esses movimentos, ou eventos gerados nesse contexto de excrescência da esfera cultural podemos falar em fontes de identificação para “cima” e para “baixo” do estado-nação. Esses movimentos, a grosso modo, podem ser classificados de dois tipos: os globais e os regionais.

Os globais são aqueles situados acima da abrangência do estado-nação, que extrapolam as fronteiras nacionais. Esses grupos são formados em boa medida em detrimento dos estilos consumistas fornecidos pelo capitalismo, mas em muitos casos

---

<sup>17</sup> Termo utilizado por Lipovetsky para se referir à cultura vendida pelo tecnocapitalismo global, pelas mídias de massa, pelo *show business*.

<sup>18</sup> LIPOVETSKY, 2010, p. 23.

<sup>19</sup> HALL, 2000.

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> Ibid.

podem mesmo assumir um caráter étnico e politizado como o caso, por exemplo, do estilo “black” como fator de identidade para os negros nos EUA. Esses grupos podem se identificar muito mais com os estilos globais do que com uma cultura dita nacional:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas —desalojadas— de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”<sup>22</sup>.

Conforme Hall (2000), isso ocorre como efeito da dinâmica da globalização atual dos produtos do consumo em que:

As pessoas que moram em aldeias pequenas, aparentemente remotas, em países pobres, do “Terceiro Mundo”, podem receber, na privacidade de suas casas, as mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidas através de aparelhos de TV ou de rádios portáteis, que as prendem à “aldeia global” das novas redes de comunicação. Jeans e abrigos — o “uniforme” do jovem na cultura juvenil ocidental — são tão onipresentes no sudeste da Ásia quanto na Europa ou nos Estados Unidos, não só devido ao crescimento da mercantilização em escala mundial da imagem do jovem consumidor, mas porque, com frequência, esses itens estão sendo realmente produzidos em Taiwan ou em Hong Kong ou na Coreia do Sul, para as lojas finas de Nova York, Los Angeles, Londres ou Roma<sup>23</sup>.

Por outro lado, se a modernidade cria as culturas transnacionais a partir dos estilos que o consumismo fornece, também cria aquelas manifestações de evocação

---

<sup>22</sup> HALL, 2000.

<sup>23</sup> HALL, 2000.



nacionalista, regionalista ou étnica, ou seja, aquelas que se referem a um território, a um povo, a uma “raça”, a uma identidade. Estas manifestações podem tanto pretender reforçar a “essência” nacional que se perderia em detrimento dos eventos causados pela globalização (como as migrações em massa, por exemplo), como promover reivindicações na busca de autonomia e legitimidade regional ou étnica. Sobre esses movimentos, devemos considerar que embora o que mais fique aparente neles seja justamente sua capacidade de gerar conflitos (como pode ser observado a todo o momento nos noticiários), na verdade, compreendem expressões de todas as espécies, ou seja, podem ser, evidentemente, desde aquelas mais agressivas, conservadoras, mas também se referem a outras tantas pacíficas, como grupos folclóricos, confrarias da terra, promoção do turismo local, etc. Sendo assim, dentre os efeitos gerados pela globalização econômica e cultural estão inclusos diversos tipos de reações, determinados em grande medida pelo contexto local e a forma como cada cultura ou sociedade recebe a globalização.

Podemos citar então como efeito do globalismo primeiramente o que Warnier (2000) chama de “conservatórios culturais” que se refere ao apelo pela cultura local ou regional. Conforme esse autor, tornou-se um fenômeno frequente, tanto por parte de governos como de grupos civis, manifestações no sentido de “proteger” aquilo que são consideradas as tradições mais “genuínas” de uma determinada comunidade ou sociedade, sendo criadas, por exemplo, regulamentações, selos de origem, confrarias da terra, museus, associações e movimentos, etc. medidas sempre relacionadas a cultura, a autenticidade, a tradição, entre outros conceitos evocados para legitimar os esforços das comunidades em torno da defesa das práticas locais<sup>24</sup>. Warnier chama as práticas ou iniciativas regionalistas dos clubes, das escolas, dos agricultores, dos artesãos, dos enólogos, de “conservatórios culturais” e para ele essa revitalização é o sentido nobre da conservação cultural. Essa tendência ganha cada vez mais adeptos desde a década de 1970 e não representam tradições em extinção, mas uma tendência muito vigorosa.

Esse é o lado pacífico das reivindicações, mas como dissemos, o que se torna mais exposto, são justamente as circunstâncias em que os efeitos dessa globalização se mostra bem atrituosa e problemática<sup>25</sup>, e de fato esses casos não são poucos. No

---

<sup>24</sup> WARNIER, Jean-Pierre. A mundialização da cultura. Bauru : EDUSC, c2000. 182 p.

<sup>25</sup> Devemos destacar conforme Warnier (2000) que a questão dos contatos culturais embora seja problemática é menos do que parece, sendo mais uma espetacularização da mídia que da muito destaque a esses eventos. Diz ele que no mundo existem, por exemplo, mais de seis mil línguas e somente duzentas nações, o que demonstra o convívio pacífico entre a diversidade, sendo isto a regra e não a exceção, e os

ocidente, por exemplo, acontece a multiplicação dos nacionalismos regionais, identitários e linguísticos (Catalunha, País Basco, Escócia, Bélgica, etc.), onde as regiões reivindicam autonomia em relação aos poderes centrais dos estados maiores/centralizadores. De igual modo, também no ocidente acontece uma retomada do nacionalismo por parte de grupos civis ou políticos conservadores no intuito de firmar uma posição em busca da “essência” nacional que estaria sendo perturbada em razão principalmente das imigrações das ex-colônias ou de outras regiões. Sobre esse caso, Hall (2000) cita o renascimento do “inglesismo”. Contudo, o início desse reclame, que pode até ser chamado de hipócrita, se encontra justamente em outro evento relacionado à globalização gerado pelo ímpeto expansionista do capitalismo: o colonialismo moderno. As potências colonialistas (dentre as quais a Inglaterra é a mais proeminente e beneficiária) subjulgaram diversas sociedades do mundo impondo sistemas políticos e modos de vida estranhos à realidade das comunidades locais, no caso da África, por exemplo, os efeitos da implantação de estados nacionais aos moldes ocidentais, gerou disputas por poder local, guerras civis violentas, e inevitavelmente a pobreza, a razão maior dessas migrações, o que justamente, distante dali, vai gerar o tal “inglesismo”. E assim decorre uma sucessão de eventos em torno do mesmo fato: a globalização econômica. Além desses casos, pode-se citar ainda como exemplo de situações suscitadas pela globalização que evocam temas culturais, os eventos do leste europeu e dos Bálcãs, em que se criam estados novos, tentando se adaptarem ao capitalismo, com a necessidade de se afirmarem enquanto povo, reivindicando uma pureza étnica, o que causa inúmeros atritos, uma vez que essas regiões são formadas por uma diversidade muito grande de etnias e religiões. Por fim, no Oriente Médio, como um dos casos mais emblemáticos, ocorre a reintrodução do Islão como uma arma contra a ocidentalização, segundo Hall (2000), “Começando com a Revolução Iraniana, têm surgido, em muitas sociedades até então seculares, movimentos islâmicos fundamentalistas, que buscam criar estados religiosos nos quais os princípios políticos de organização estejam alinhados com as doutrinas religiosas e com as leis do Corão”.

Todos esses movimentos, que embora possam ter motivações diferentes, estão todos inclusos no quadro de efeitos da expansão do capitalismo e da globalização. Observa-se que os termos em que esses movimentos se dispõem apelam para noções bem rígidas de etnia, raça, nação, povo, etc., que como se sabe, são descrições que de

---

casos de agressividade, embora não sejam poucos, são uma parcela muito reduzida da totalidade dos contatos culturais.

modo algum podem ser justificadas pela factualidade decisiva de seus aspectos, pois se tratam de recortes sobre a realidade, que tem peso determinante somente no imaginário dos militantes desses movimentos. A afirmação dessas identidades envolve construção de tradições, histórias, rituais, mitos, signos, emblemas, etc. que justamente pelo caráter normalmente fundamentalista, conservador, tradicionalista, de sua atuação, caracteristicamente evocam noções bem rígidas de pureza, autenticidade, antiguidade, originalidade, integralidade, para descreverem seus símbolos ou justificarem suas causas.

Percebe-se os parâmetros sobre os quais são conduzidos e construídos a maior parte dos movimentos que evocam temas culturais, no caso, por exemplo, que citamos anteriormente da “inglesidade”, mas que oportunamente se aplica também a muitos outros casos. Conforme Sennett:

O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas. No Reino Unido, por exemplo, a atitude defensiva produziu uma "inglesidade" (englishness) reformada, um "inglesismo" mesquinho e agressivo e um recuo ao absolutismo étnico, numa tentativa de escorar a nação e reconstruir uma identidade que seja una, unificada, e que filtre as ameaças da experiência social<sup>26</sup>.

De igual modo, como também vimos anteriormente, no caso do Leste Europeu e nos Bálcãs, criam-se estados novos com a necessidade de se afirmarem, reivindicando uma pureza étnica, mas devido a sua diversidade interna geram guerras civis uma vez que não encontram a tão buscada pureza, não conseguem se definir com os parâmetros imaginados como ideais de um povo, uma etnia, uma nação, uma raça. Sobre casos desse tipo, diz Hall (2000) que “esses novos aspirantes ao *status* de ‘nação’ tentam construir estados que sejam unificados tanto em termos étnicos quanto religiosos, e criar entidades políticas em torno de identidades culturais homogêneas”.

Sobre outros casos de afirmação identitária tipicamente encontrados em regiões muito cosmopolitas como Estados Unidos, Londres, Paris, ou de outros grandes centros, etc. observa-se, conforme Hall (2000), que:

---

<sup>26</sup> SENNETT, 1971.

Algumas vezes isso encontra uma correspondência num recuo, entre as próprias comunidades comunitárias, a identidades mais defensivas, em resposta à experiência de racismo cultural e de exclusão. Tais estratégias incluem a re-identificação com as culturas de origem (no Caribe, na Índia, em Bangladesh, no Paquistão); a construção de fortes contra-etnias — como na identificação simbólica da segunda geração da juventude afro-caribenha, através dos temas e motivos do rastafarianismo, com sua origem e herança africana; ou o *revival* do tradicionalismo cultural, da ortodoxia religiosa e do separatismo político, por exemplo, entre alguns setores da comunidade islâmica.

Deste modo, na era pós-moderna, aquela em que as lógicas do mercado e as forças homogeneizadoras do capitalismo e da globalização se impuseram como unânimes, a questão cultural revive com muita força. Nas palavras de Lipovetsky (2010), ocorre a “vingança da cultura”, ocorre um retorno à etnia. Contudo devemos ressaltar, sobre a natureza dos novos movimentos, que não devemos confundir que sejam eles retomados de fato em termos antigos. Diz Hall (2000) que:

Este "local" não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identidades "globais" e *novas* identidades "locais".

Assim dispõem-se resumidamente certos aspectos operantes no cenário cultural da pós-modernidade e percebe-se o decisivo papel da cultura nesse contexto, não havendo mais contestações convincentes contra a democracia e o capitalismo, a nova ordem do dia nos debates políticos de grupos e governos são os temas culturais, principalmente identitários, calcados em diversos parâmetros conforme cada contexto e retomados pelos grupos sociais para identificarem-se e diferenciarem-se.

## O interesse de pesquisa

Tendo visto essas disposições da modernidade e o espaço da cultura nesse cenário, como dissemos sobre o tema de pesquisa, o ‘Tradicionalismo Gaúcho’ pode ser considerado como uma das manifestações que emergiu suscitadas por esse contexto, partilhando das mesmas angustias e dilemas que lhe constituem.

Observa-se que na conjuntura da fundação do Movimento, na primeira metade do século XX, transcorreram eventos que modificaram bastante as formas de vida conhecidas até então. Neste período, por um lado, os efeitos da modernidade apontavam no horizonte devido as transformações modernizantes que se desenvolviam no Brasil gerando, por exemplo, a industrialização, o êxodo rural, a urbanização, o surgimento do operariado, etc. Mas além disso, para tornar esse cenário ainda mais crítico no que tange a mudanças sociais, foi também neste tempo que aportou na região o paradigma consumista norte-americano trazendo elementos novos para essas sociedades, foram apresentadas as “maravilhas” do consumo e do mundo moderno: novos produtos, técnicas, padrões culturais e estilos de vida, etc., tudo ainda bem desconhecido - poderíamos dizer até estranhos - à matriz social pré-moderna do continente. E então, justamente do impacto do recebimento de todas as “boas novas” trazidas pela globalização e pela modernização – que, de fato, conferiram grande golpe nos modos de vida conhecidos até então, uma vez que representavam o suplantamento do modo de vida pré-moderno - é que despertou o interesse de alguns indivíduos em “proteger” ou “resguardar” aquilo que se acreditava ser a “cultura” e a “tradição” local, e assim nasceu o moderno Tradicionalismo Gaúcho enquanto movimento cultural organizado<sup>27</sup>.

Mas o que nos instigou a estudar este objeto, e o que efetivamente vai definir nosso ângulo de pesquisa, é justamente a disposição deste Movimento que demonstra características muito singulares na forma como se manifesta ou nas configurações que assume para atuar. Ou seja, tanto seu formato e sua proposta como sua maneira de atuar diferem bastante da maior parte dos movimentos suscitados pelos eventos globais que evocam temas culturais. Podemos dizer que ele se tornou um movimento com características bem peculiares no que se refere ao tratamento com a cultura regional.

Efetivamente e o que chama a atenção para ser pesquisado neste fenômeno, é, primeiro, que mesmo se tratando de um movimento tradicionalista de caráter prático (ou

---

<sup>27</sup> Essa questão será vista com mais detalhes no capítulo 1.

seja, que deve ter suas atividades executadas e não somente apreciadas) em uma sociedade já bem modernizada como o Rio Grande do Sul, ele consegue manter suas expressões e atividades com considerável audiência e participação em pleno século XXI; e, segundo, mesmo sendo este estado composto por diferentes vertentes étnicas, o tradicionalismo gaúcho adquiriu significativo reconhecimento frente a grande parte da população como representante legítimo da identidade local. Esses fatores o projetaram com muita proeminência.

Assim, podemos dizer que, justamente devido a suas características próprias de se organizar, atuar e funcionar (calcados especialmente na capacidade de representar culturas múltiplas e ser vivido na modernidade), o tradicionalismo se colocou como um mecanismo interessante de identidade coletiva, uma tecnologia capaz de abarcar questões como as diferenças étnicas e culturais, a modernização, a reflexividade, o consumismo, entre outros fatores presentes na dinâmica social, e assim ofereceu uma possibilidade identitária quase étnica para uma comunidade plural, ofereceu uma “tradição” comum para uma comunidade culturalmente distinta, além de uma possibilidade de viver a “cultura regional” na pós-modernidade. Deste modo, devido a essas características, este movimento constituiu-se como um fenômeno muito interessante de ser pesquisado.

Mas antes de problematizarmos algumas questões que envolvem o tradicionalismo e a maneira como o estudaremos (o interesse e o ângulo de pesquisa), vamos fazer uma breve descrição do movimento para que fique exposta a forma como ele se apresenta na sociedade rio-grandense.

### **Sobre o Tradicionalismo Gaúcho**

O “Tradicionalismo Gaúcho” pode ser descrito como um Movimento cultural originado no Rio Grande do Sul que expressa o apego de parte da população do estado pelas coisas do campo e por episódios históricos mitificados da região. Além disso, tem como representação simbólica os antigos *gauches* - um tipo social do pampa (que também serve como representação mítica dos habitantes do estado) - sendo por isso, também essa manifestação chamada de “gauchismo”.

O Movimento possui suas expressões culturais próprias demonstradas na música, na dança, nas indumentárias, nos trajes, nos jogos, no gosto pelo cavalo e

atividades campeiras, bem como diversas outras expressões inspiradas na realidade rural antiga.

O Tradicionalismo tem suas expressões vivenciadas nos Centros de Tradições Gaúchas (CTG) espalhados por todo o Rio Grande do Sul. Esses CTG's são associações ou clubes locais, quase sempre urbanos, criados por iniciativa de seus associados para execução das atividades do Movimento. Atualmente no estado estão em funcionamento aproximadamente 1700 entidades Tradicionalistas<sup>28</sup>.

Os CTG's congregam especialmente famílias, a por isso caracterizam-se pelo forte cunho familiar de suas atividades. Suas manifestações são predominantemente de caráter lúdico, podendo ser artística, campeira ou cultural, conforme a subdivisão interna do centro de tradição.

Os CTG's estão organizados em uma federação denominada MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho – e formam uma cadeia hierárquica administrativa que organiza e regulamenta todas as atividades do Movimento.

O Tradicionalismo possui uma atuação pujante no Rio Grande do Sul, organizando durante todo o ano diversos eventos em torno de suas expressões e impulsionando um importante mercado na fabricação de seus produtos.

Podem-se destacar os rodeios ou festas campeiras que ocorrem em todo o Estado e vão desde pequenas festas locais até grandes encontros internacionais que podem reunir milhares de pessoas. De igual modo, os festejos em comemoração a semana farroupilha também estão proliferados em todo o estado e chegam a reunir 1 milhão de espectadores somente em Porto Alegre. Podemos destacar também as competições artísticas como o Encontro de Artes e Tradição (ENART) que chega a congregar aproximadamente quatro mil competidores e setenta mil expectadores. Além desses, o Congresso Tradicionalista, a Festa Campeira (FECARS), os festivais de música, os bailes, as apresentações, entre outros encontros realizados tanto em nível local nos CTG's, como em nível estadual, mobilizam um número enorme de pessoas em torno das expressões do Movimento.

O Tradicionalismo, como dissemos, fomenta um mercado importante em torno de seus produtos. Este alimenta uma indústria fonográfica considerável para os músicos do estilo gauchesco; possui diversos programas em rádio e TV; inspira apresentações e

---

<sup>28</sup> Além dessas, existem aproximadamente outras inúmeras entidades espalhadas pelos outros estados brasileiros, totalizando em torno de 2800 entidades filiadas a Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG).

espetáculos, etc. Além disso, impulsiona mercados como produção de trajes típicos, calçados, chapéus e indumentárias em geral; incentiva o artesanato; difunde o consumo do chimarrão e por consequência a expansão das ervateiras (fábricas de erva-mate); além das práticas relacionadas com o trato de cavalos como cabanhas, hotelarias, fabricação de encilhas, etc.

Se tratando do imaginário social, o Tradicionalismo Gaúcho representa a identidade coletiva do Rio Grande do Sul. Possui a autoridade representativa da identidade cultural do estado. Por influência do Movimento, o tipo social símbolo do tradicionalismo, o gaúcho, se tornou o nome genérico dos habitantes da região.

Quanto a sua influência para com os poderes públicos, embora seja ele um movimento civil e não estatal, obteve diversas conquistas para sua causa frente ao Estado conseguindo, por exemplo, que vários de seus elementos, como os trajes e a comida campeira, fossem estabelecidos como símbolos oficiais do Rio Grande do Sul; também conseguiu que fosse instituído a disciplina de folclore nas escolas, e que o 20 de setembro, data da revolução cultuada pelo Movimento, a Farroupilha, passasse a ser a data magna do estado.

Neste sentido então, podemos observar que o Tradicionalismo é uma forma de manifestação bastante atuante e com considerável projeção na sociedade rio-grandense.

### **Algumas problemáticas em torno do objeto de pesquisa**

Dentre as questões que envolvem o objeto de pesquisa que devemos problematizar como circunstância fundamental para a compreensão do fenômeno e da definição da pesquisa, refere-se justamente as características peculiares de sua configuração, atuação e concepções, além de sua relação com a matriz socio-histórica e cultural do Rio Grande do Sul. Esses aspectos para o plano de pesquisa vão estabelecer as informações necessárias a serem levadas em consideração no estudo, primeiro das próprias disposições do Movimento e depois das características da matriz social que ele atua.

Este movimento, que muito embora de uma forma bem ampla possa ser incluso no mesmo procedimento de construção de tradições que se viu na Europa e em outras partes do mundo, tendo em vista assuntos já bem trabalhadas pelos sociólogos como as *reações a ocidentalização, a construção das identidades, o surgimento das tradições em momentos de mudança social, a invenção das tradições, a problemática do resgate*



*folclórico*, entre outras questões suscitadas pelo advento da modernidade e agravados com a pós-modernidade, ele o fez isso de uma maneira muito própria e consideravelmente diferente do que se vê em outros movimentos.

Na prática, dentre as suas características morfológicas específicas primeiramente podemos destacar que distintivamente ele não se colocou como uma proposta partidária, política, separatista, religiosa, mas se pôs como um movimento de cunho cultural, civil, tradicionalista que visa simplesmente fomentar aquelas expressões e atividades consideradas por ele como a “tradição” do Rio Grande do Sul. Contudo, mesmo se tratando de um movimento que se destina a cultivar a “tradição” na modernidade, diferentemente da maior parte dos “conservatórios culturais” existentes, como museus ou patrimônios históricos, cerimônias e rituais (da realeza e dos nacionalismos), em geral tão caros a Europa e a outros lugares do mundo<sup>29</sup>, ao que se observa, esse Movimento, dentre os inúmeros casos citados, não se restringiu, por exemplo, em apenas resguardar ou apreciar os elementos, mas em praticá-los, em trazê-los à “vida” para a população. Mas de igual modo diferentemente de outros tipos de movimento de cunho conservador, retrogrado ou mesmo fundamentalista<sup>30</sup>, como se observa, o Tradicionalismo Gaúcho não tem por prática executar as expressões antigas tal como eram no passado, mas, sim as adapta a vivência moderna, e cria espaços para essas práticas, que passam a ser rotineiras na vida de muitas pessoas. Então por uma série de dispositivos de seu funcionamento como veremos, esses participantes conseguem combinar a vida moderna com a participação no Movimento.

Outra questão importantíssima se refere à capacidade do Tradicionalismo de representar etnias distintas e de não ser estatal, ou seja, enquanto outros movimentos ou manifestações culturais que – igualmente ao Tradicionalismo - esboçam pretensões representativas de gentilidade ou de nacionalidade para uma determinada população/território demonstram um caráter rigidamente étnico ou nacionalista (quase sempre se constituem como um projeto de Estado<sup>31</sup> ou de grupos que reivindicam uma

---

<sup>29</sup> Esses tipos de tradições dispostas em museus ou protegidas como patrimônio histórico, Giddens (2003) chama de “herança” e são tradições desassociada da experiência cotidiana. Ou então de relíquia (1995), “as relíquias são itens exibidos em mostruários, monumentos tais como ruínas ou palácios preservados, castelos e casas de campo restauradas, é como uma peça de museu”. (GIDDENS, 1995, p. 126).

<sup>30</sup> Conforme Giddens (2010) fundamentalistas são aqueles que “reclamam um retorno aos textos ou escrituras básicos, a serem lidos de maneira literal, e propõem que as doutrinas derivadas de tal leitura sejam aplicadas a vida social, econômica e política” (GIDDENS, 2010, p. 58).

<sup>31</sup> Com a edificação dos estados-nações, a identidade tornou-se um assunto de estado, a ideologia nacionalista se impôs muito fortemente na determinação das identidades. Para esse assunto ver Denys Cuhe (2002).

etnicidade), o Tradicionalismo, por uma série de questões que abordaremos, configurou-se como uma iniciativa civil e não estatal, na qual as diferentes vertentes formadoras do Rio Grande do Sul conseguiram se ver legitimamente representadas, tendo inclusive, o símbolo representativo máximo cultuado pelo Movimento - a figura mítica do gaúcho – se tornado o nome gentílico para se referir a população estado.

Por fim, de igual modo, devemos considerar que enquanto outros movimentos normalmente se apegam a noções bem rígidas, por exemplo, de etnia, tradição, pureza, originalidade, antiguidade, etc. para justificarem suas causas e sua distinção, no Tradicionalismo Gaúcho essas noções se enveredaram por outros entendimentos assumindo significados diferenciados.

Deste modo o tradicionalismo apresenta inúmeras características bem peculiares no que se refere ao estabelecimento de uma representação gentílica ou de uma tradicionalidade.

\* \* \*

Uma vez dispostos esses aspectos morfológicos, outra questão a ser destacada - e que se refere não ao Movimento em si, mas o mundo que o rodeia, e que, portanto, é de fundamental importância que seja problematizada para um entendimento amplo e efetivo desse fenômeno - se refere ao fato de que se essas características do Movimento se diferem bastante da forma como se configuram ou operam a maior parte dos movimentos motivados por temas culturais. Devemos salientar que isso ocorre porque ele reflete de maneira muito própria as características socio-históricas e culturais do Rio Grande do Sul, ou melhor, podemos considerar que o Tradicionalismo se configurou de forma peculiar, pois emergiu em consonância com a matriz cultural do estado, se formatando de modo a apreender, englobar, abarcar todas as especificidades da região.

Deste modo, observamos que o Tradicionalismo, na sua instauração e desenvolvimento, teve que lidar com questões novas sobre a cultura, ou melhor, com experiências sociais distintas, na qual, por exemplo, os movimentos de outros lugares não tiveram, ou tiveram de uma forma diferente, relacionadas com a própria constituição do continente americano enquanto “Novo Mundo”: sua multiplicidade de culturas colonizadoras, suas contradições, sua história recente, etc. Além disso, inserem-se na dinâmica contextual que deu origem ao Tradicionalismo, as questões referentes à

própria região, que se trata da mais meridional do Brasil, e que possui características históricas de formação bem peculiares em relação ao resto do país como o seu posicionamento de fronteira entre as duas grandes colônias espanholas e portuguesas, o cenário de guerra constante criado por isso, o interesse tardio pela região por parte das metrópoles, sua colonização de povoamento por etnias de vertentes culturais múltiplas como açorianos, portugueses, espanhóis, alemães, italianos, poloneses, etc. E outros fatores como as questões políticas, sociais e econômicas específicas daquele contexto que evidentemente só valem para aquela região. Tudo isso fez emergir um movimento com características distintas e bem alinhadas com aquela realidade.

Então na análise do Tradicionalismo, destaca-se sua grande capacidade de traduzir em suas configurações, funcionamento, atuação, pretensões, os aspectos socio-históricos e culturais do Rio Grande do Sul. E assim, podemos dizer que o movimento assimilou em sua forma, de maneira muito eficaz, a dinâmica social da região, a diversidade, o código social, as características socio-históricas e por isso constituiu-se como uma engenharia muito singular, adaptada àquele contexto e que resume muito bem diversos aspectos, noções, concepções, características operantes naquela sociedade. Justamente é essa circunstância que vai explicar não só suas próprias características de funcionamento, sua singularidade em relação a outros movimentos, mas vai também justificar sua grande proeminência nesse estado dada a capacidade tanto de se propagar como de se estender até os dias atuais.

Por fim, salientamos que todas essas questões terão que ser levadas em conta no estudo que estamos propondo. Então podemos dizer que a forma como o Tradicionalismo se configurou, a maneira própria como ele tratou as questões culturais, evidentemente atreladas diretamente à formação histórica e cultural da região, e que podemos dizer até que foram refletidas no Movimento, a nosso ver, permitiram que fosse alcançada sua considerável projeção no Rio Grande do Sul<sup>32</sup>, onde se observa suas práticas alastradas por diversos segmentos sociais em pleno século XXI. Dispuseram um movimento com características bastante distintas no projeto pós-moderno.

Esse, portanto, é nosso objeto de pesquisa, e o que desperta o interesse de investigação é primeiro, justamente, a projeção significativa desse Movimento - que pretende representar toda a “tradição” da região, em um estado tão múltiplo culturalmente como o Rio Grande do Sul – e segundo, mas com a mesma importância, a

---

<sup>32</sup> E em muitos outros estados brasileiros.

sua maneira própria de ser vivido e praticado em plena modernidade. Esse fenômeno é envolto de uma série de variáveis que condicionaram sua existência, suas características de atuação, sua forma, sua projeção, sua expansão e sua continuidade, calcados tanto nos eventos globais que influenciaram a região como nas características socio-históricas locais.

\* \* \*

Por tudo isso, pode-se dizer que a análise do Tradicionalismo, das suas propriedades de funcionamento e atuação, pode contribuir para a compreensão não só de como ele atingiu tamanha projeção no Rio Grande do Sul em pleno século XXI, mesmo incluso em condições sociais modernas e de diversidade cultural, como pode também revelar muitos aspectos da maneira como certos conceitos ou noções sobre a cultura são singularizados e apreendidos, bem como o sentido ou significado que recebem naquela sociedade (e claro no Brasil e na América Latina como um todo, uma vez que, excetuando as particularidades, todos estão inclusos em quadros semelhantes de formação). Por fim, alinhado as ocorrências da globalização, o estudo do Movimento Tradicionalista também cria possibilidades interessantes para se pensar a cultura regional no cenário pós-moderno.

### **Problema e objetivo de pesquisa**

Uma vez tendo estabelecidos esses fundamentos compreensivos iniciais sobre o fenômeno que estamos estudando, que em boa medida já nos forneceram alguns delineadores significativos sobre o objeto (já o localizaram enquanto fenômeno), podemos agora definir a maneira como trabalharemos a questão. Nesse sentido, a partir das exposições anteriores, devemos considerar que chama a atenção no objeto, primeiro a quase monopólica capacidade adquirida de representar a identidade coletiva do Rio Grande do Sul, mesmo sendo este estado composto por diversas vertentes culturais diferentes. E segundo, justamente, a considerável projeção que este Movimento ostenta no Rio Grande do Sul, mesmo se expressando como um Movimento dito “Tradicionalista” voltado à vivência prática das suas atividades - e não somente literário ou expositivo/apreciativo - em pleno século XXI.

Deste modo, pretendemos investigar as propriedades sociológicas presentes em seu funcionamento e atuação que expliquem tanto a ampla adesão ao Movimento pela comunidade rio-grandense, como sua continuidade até os dias atuais. São justamente, por meio desses dois fatores, esses dois ângulos de observação, que tentaremos explicar a vigorosidade do Tradicionalismo na sociedade rio-grandense, tendo em vista as duas variáveis contextuais que o Movimento teve que lidar: representar grupos sociais múltiplos; adaptar-se a modernidade.

Na pesquisa então, na busca pela explicação de como se deu a considerável projeção do Tradicionalismo, deveremos observar duas propriedades principais: (1) a capacidade de se propagar (se tornar representativo) a todo o Rio Grande do Sul mesmo em situação de multiplicidade cultural e étnica que a região apresenta; (2) a capacidade de ser vivido ativamente em plena atualidade mesmo em meio às agudas mudanças sociais que transcorreram desde o período de sua fundação nos anos de 1940, referentes aos processos modernizantes e que implicaram na instauração da era chamada “pós-modernidade” e que atingiram também a região. Em resumo, os focos analíticos para explicar a atual projeção do Movimento serão justamente sua capacidade de expansão e continuidade.

Mas tendo em vista que o Movimento se ergueu conforme a dinâmica cultural do Rio Grande do Sul e com os eventos contextuais que transcorriam na época de sua fundação para adquirir as características que lhe projetariam proeminentemente por sobre essa sociedade, então teremos também que explorar os aspectos conceituais ou conceptivos que ele assumiu nesse cenário e que justamente lhe moldaram para que pudesse obter ampla adesão e continuidade. Ou melhor, é a partir da compreensão, primeiro daqueles fatores que envolvem a própria história do Movimento e das condições em que ele se formou, e segundo das noções conceituais em torno dos temas culturais que foram assumidas pelo Movimento - e que estão atreladas a base cultural do Rio Grande do Sul - que poderemos explicar as características que ele assumiu para representar a multiplicidade cultural do Rio Grande do Sul, e também ser vivido na modernidade.

Deste modo, o *problema de pesquisa* só pode referir-se a perguntas sobre: como o esse Movimento adquiriu projeção tão proeminente e singular no Rio Grande do Sul em pleno século XXI? Como ele pode constituir-se como um Movimento Tradicionalista tão vigoroso em plena modernidade? Quais as propriedades sociológicas

que operam na sua atuação e funcionamento que lhe permitem isso? Essas são as questões que tentaremos responder na presente pesquisa.

Sendo assim o *objetivo geral* da pesquisa consiste justamente em analisar as propriedades sociológicas que operam no funcionamento do Tradicionalismo e que lhe permitem atuar com projeção e vigorosidade no Rio Grande do Sul moderno, ou em outras palavras, que possam explicar a atual proeminência dele enquanto fenômeno cultural regionalista na pós-modernidade.

Deste modo, como já havíamos considerado, devido às características que mais chamam a atenção na atuação do Movimento e que se referem à grande propagação (ampla adesão) adquirida e a adaptação à modernidade, buscaremos explicar a maneira como o Tradicionalismo adquiriu a projeção ou proeminência significativa observada hoje, justamente, a partir, primeiro da capacidade representativa que ele adquiriu e que justamente lhe permitiu ampla adesão pelas diferentes formações culturais do estado, e segundo, devido à capacidade de continuidade até os dias atuais dada a possibilidade de ser vivido na modernidade. Esses são os dois ângulos ou fatores principais de análise. Contudo, como dissemos, para subsidiar devidamente essa compreensão, antes serão analisados tanto os aspectos históricos de sua formação e que definiram significativamente seus rumos e características, como os aspectos conceituais ou sociológicos da formação sócio-histórica e cultural do Rio Grande do Sul que refletem no Movimento e definem suas concepções sobre as noções culturais moldando assim sua atuação. Deste modo, tendo em vista as inúmeras variáveis e considerações a serem feitas, o roteiro de desenvolvimento da pesquisa seguirá por quatro capítulos.

Em um primeiro capítulo, que se coloca em caráter delimitador e conceituador do objeto, e que se refere a aspectos da própria constituição do Movimento, revisitaremos a sua história a fim de extrair as características definidas em sua formação que influenciaram os contornos ou os rumos que seu desenvolvimento tomaria. Sobre essa questão deveremos considerar que o Tradicionalismo passou por diferentes fases, e estas possuem tanto aspectos muito semelhantes entre elas como outros que diferem bastante. Então, justamente a partir do comparativo entre essas diferentes fases, poderemos compreender as características próprias do momento moderno do Tradicionalismo, sendo que somente este despontou como singular e perdurou até os dias atuais. Essa distinção será de fundamental importância para a compreensão do Tradicionalismo, uma vez que fica claro nos estudos sobre o Movimento, que muitas confusões foram geradas em detrimento da indiscriminação analítica entre essas fases,

levando, por exemplo, a acusações e equívocos teóricos e explicativos contra o Movimento Tradicionalista atual, que na verdade, somente são válidas para as fases anteriores.

Se o primeiro capítulo se refere ao Movimento em si, o segundo capítulo enfatiza a matriz social em que ele atuou, ou seja, o contexto histórico e cultural do Rio Grande do Sul e a maneira como ele influenciou certas noções sobre a “cultura” presentes no Tradicionalismo, e que foram fundamentais tanto para sua disposição singular como para seu grande sucesso no estado. Sendo assim, iremos tecer algumas considerações e reflexões sobre as disposições em torno dos conceitos de *cultura*, *folclore* e *tradição* na maneira como essas noções são concebidas no Tradicionalismo e que se distinguem consideravelmente das concepções manifestadas na maioria dos movimentos que lidam com temas culturais. Justamente a maneira distinta de perceber ou apreender esses conceitos que vão explicar certos posicionamentos que o Movimento assumiria no seu modo de operar e de se relacionar com o mundo. A partir do entendimento de suas características por meio da base social que ele atua e não, por exemplo, através de teorias - quase sempre europeias sobre o assunto - que foram forjadas por sobre realidades distintas, ou seja, tendo por base contextos muito diferentes ao do Rio Grande do Sul, é que poderemos interpretar o fenômeno com mais segurança e consistência.

No terceiro momento do texto, investigaremos a capacidade representativa de vertentes culturais múltiplas adquiridas pelo Movimento a partir do significado que ele fez as populações ao minimizar o peso do caráter étnico e utilizar elementos da ruralidade como eixo central de sua representação. Sobre esse aspecto veremos a maneira com o Movimento conseguiu articular as peculiaridades históricas do estado para se constituir como representante dessas culturas.

No quarto e último momento poderemos refletir sobre a capacidade do Movimento de conseguir - mesmo se dizendo “Tradicionalista” - ser vivido em plena modernidade e mesmo assim não constituir-se como um movimento retrógrado, antiquado ou mesmo fundamentalista, uma vez que possui lógicas de funcionamento bem peculiares que permitem a seus membros combinar a vivência de suas expressões com a modernidade, sem, contudo, misturar o que é tradicionalismo e o que é modernidade.

Por meio dessas reflexões acreditamos apreender as propriedades de funcionamento do Tradicionalismo, que explicam sua ampla adesão e continuidade, e

assim demonstram a proeminência do Tradicionalismo enquanto Movimento cultural “Tradicionalista” ativo na pós-modernidade.

### **Considerações metodológicas sobre a pesquisa e o estudo do tradicionalismo**

O estudo do Tradicionalismo revela algumas problemáticas que teremos que definir aqui e que foram decisivas tanto para a formulação do próprio ângulo de observação que a pesquisa se configurou como para definir a maneira ou metodologia que seria usada para tentar abarcar e compreender satisfatoriamente as necessidades que o objeto suscitou.

Nesse sentido, sobre o estudo do Tradicionalismo Gaúcho, podemos dizer que a primeira e constante dificuldade com que nos deparamos foi justamente a própria condição em que o termo “tradição” se apresenta, ou seja, este conceito possui caráter muito flexível, vago, impreciso e polivalente, se aplica a diversas situações: podem se referir, por exemplo, desde a mera tradição de fazer um bom café ou prestar bom um serviço até a “grandiosa” tradição da realeza inglesa ou o complexo conjunto de hábitos e costumes de uma sociedade (confundindo-se assim com o conceito de cultura).

Além disso, outra dificuldade se refere à escassez de fontes sobre o tema, como o próprio Giddens destacou, não são muitos os estudos que se dedicam a abordar objetivamente a questão da tradição.

Uma terceira dificuldade que podemos destacar sobre o estudo do Tradicionalismo Gaúcho refere-se ao complicado exercício de aplicar em sua compreensão os conceitos teóricos convencionais ou clássicos que se referem a temas da cultura como, por exemplo, etnia, nação, tradição, antiguidade, pureza, autenticidade, entre outros, elaborados justamente para analisar fenômenos ou manifestações que tratam de temas culturais. Embora seja vasta a literatura sobre esses assuntos, evidentemente que essas definições foram forjadas a partir da análise de outras realidades e manifestações, e assim, devido às características peculiares assumidas pelo Tradicionalismo, como dissemos, alinhadas às particularidades socio-históricas e culturais do Rio Grande do Sul, essas noções não se aplicam bem, mostram-se desajustadas, deficientes, e não dão conta de abarcar satisfatoriamente todas as nuances do fenômeno. Contudo, embora essa seja uma questão importante de ser levada em conta no estudo do tradicionalismo, ao que se observa na maneira como ele tem sido estudado, comumente não se problematiza essa diferença instrumental e assim aplicam-



se conceitos de certa forma impróprios, sem se fazer as devidas ressalvas - forjados sobre realidades alheias - para analisar um construto que apresenta características bem distintas em sua configuração.

Por fim, podemos destacar a maneira política ou pouco científica que o Movimento por vezes é tratado. Não são poucos os estudos que tecem críticas nitidamente fundadas em uma profunda desafeição ao Movimento, e assim, exacerbando o caráter científico, as opiniões acabam afetando as argumentações das pesquisas. Deste modo, provavelmente muito calcados também em parâmetros comparativos manifestos em outras realidades e em teorias construídas para analisar outras situações, boa parte dos estudos não conseguem escapar de compreensões muito epidérmicas sobre o Tradicionalismo confundindo-o ou indiscriminando-o analiticamente e contextualmente de outros movimentos que se utilizam daquilo que seria a “tradição” de suas sociedades. E assim acusam, por exemplo, o caráter de dominação social que o gauchismo teria, ou a tentativa de manutenção do *status quo* (pondo-se como vestígio do passado que tenta manter-se no presente), ou a forma anacrônica que trataria a cultura, ou as posições conservadoras, entre outras questões que, muito embora, possam ou não ser verdadeiras, em se tratando de ciência, não pode gerar preconceitos que bloqueiem o desvendamento da forma específica como o referido fenômeno se manifesta.

\* \* \*

Sendo assim, a partir dessas considerações sobre as dificuldades de estudar o fenômeno e de como ele tem sido trabalhado, devemos tecer algumas reflexões sobre a maneira que consideramos ser a mais adequada de tratá-lo.

Para se chegar a uma compreensão mais satisfatória sobre esse fenômeno, a nosso ver, devemos analisar o Tradicionalismo Gaúcho enquanto fenômeno sociológico incluso em um quadro mais amplo de observação, e assim, veremos que - como todos os fenômenos sociológicos - existe uma série de condições históricas tanto regionais como globais que possibilitaram seu advento e sua manifestação. Muito embora essa constatação pareça algo obvio, na verdade são poucos os intelectuais que o tratam de fato como objeto sociológico, que ao invés de esboçar críticas sobre isso ou aquilo, se dediquem realmente ao fenômeno em uma tentativa de explicá-lo. Uma abordagem

dessa maneira significa que devemos buscar os aspectos factuais de seu funcionamento dispostos na sua prática e em seu contexto, e não em comparativos teóricos.

Se esse fenômeno foi entendido em diversos estudos - de forma mais ou menos declarada - como uma tentativa de impor a “tradição” de uma elite rural decadente a todas as regiões, é justamente porque ele é considerado como vestígio do passado, agonizante no presente. Mas a condição de atualidade de um fenômeno – no caso do Tradicionalismo, ou no estudo de qualquer outro – pode ser constatado observando uma situação sociológica bem simples, mas que nem sempre é levada em conta: se um fenômeno está atuante, ele nunca deve ser considerado como ultrapassado a menos que se tenha comprovações contundentes sobre isso. Se trata de um equívoco sociológico considerar a priori um fenômeno como obsoleto devido a sua aparência, sem observar com profundidade sua natureza. Como nos disse Lévi Strauss:

As explicações por sobrevivência são sempre incompletas; porque os costumes não desaparecem nem sobrevivem sem razão. Quando eles subsistem, a causa se encontra menos numa viscosidade histórica do que na permanência de uma função que a análise do presente deve permitir desvendar<sup>33</sup>.

Deste modo, cabe ao pesquisador buscar as evidências de sua continuidade e atualidade, e não sepultar algo que está em plena atividade.

\* \* \*

Sobre os elementos importantes para o estudo do Tradicionalismo, ao nosso ver - para que se tenha um quadro de informações mais completo sobre o fenômeno - no mínimo três grupos de informações são essencialmente necessários de considerar: Primeiramente a realidade social, política, histórica, cultural de formação da matriz cultural em que ele se manifesta, no caso o Rio Grande do Sul (que refere-se também a forma como se particulariza na região as grandes forças da globalização, da modernidade, da pós-modernidade, do consumismo, da política internacional, etc.); Segundo, a morfologia ou disposições e características das práticas do movimento ou de

---

<sup>33</sup> MACIEL, Maria Eunice. Gauchismo, Tradição e Tradicionalismo. Caderno IHU ideias, n. 87, 2007. São Leopoldo. (p. 9).

sua atuação e funcionamento, bem como os fatores significativos sobre formação, função e sentido. E terceiro, os conceitos e teorias existentes sobre as temas culturais que serão abordados - que utilizadas com as devidas ressalvas - podem fornecer bons e essenciais instrumentos analíticos para compreender o Movimento. Ao se livrar da tentação de utilizar os conceitos clássicos de forma rígida para explicar o objeto, mas diferentemente, aproximar o Tradicionalismo Gaúcho da matriz cultural em que ele se manifesta, dos aspectos socio-históricos e culturais de sua base de atuação, então certamente será possível chegar a resultados mais convincentes sobre suas lógicas de operação. A articulação entre essas informações significa um enquadramento do Tradicionalismo nos diversos acontecimentos que o cercam tanto em nível local como global e a compreensão de suas características peculiares e sua forma de atuação.

\* \* \*

Sobre a metodologia utilizada na coleta de dados, tivemos que recorrer a diversas fontes e evidentemente utilizar procedimentos diferentes para suprir as demandas de informações muito variadas requisitas pela proposta da pesquisa. Devido ao caráter de certa forma bem geral que tínhamos que ter sobre o movimento, não foi possível nos utilizarmos de entrevistas estruturadas nem tão pouco recorrer a etnografia, mas tivemos que optar por realizar uma coleta muito longa de dados extraídos a partir de situações cotidianas, informais, rotineiras no que se refere aos membros do Movimento e documental e descritiva no que se refere as configurações institucionais; Além disso, como a pesquisa requisiu muita informação sobre a história do Rio Grande do Sul e do Movimento, além de inúmeros aspectos sociológicos da região, e, é claro, daquelas informações que se referem ao contexto global que circunscrevem o estado e o Tradicionalismo, os livros sobre esses temas também foram uma grande fonte de extração de dados.

Foram observados - ao longo de alguns anos - diversos rodeios, congressos, apresentações; assim como durante o estágio de dezoito meses que realizei no Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF) foi possível contatar algumas lideranças do Movimento e assim recolher muitas informações sobre suas percepções, opiniões, atitudes, etc. bem como compreender razoavelmente o funcionamento daquela instituição; além disso, foram observados tradicionalistas tanto nas atividades do

Movimento como em suas vidas cotidianas, nas suas atitudes e opiniões; foram realizadas muitas conversas com praticantes de perfis distintos, mais antigos, mais novos, iniciantes, veteranos, famílias, indivíduos, ricos, pobres, empresários, profissionais liberais, agricultores, policiais, etc. Podemos citar ainda fontes como rádio e TV que fornecem inúmeros aspectos da forma como a mídia trata o tema e como os entrevistados esboçam suas opiniões; podemos acrescentar ainda a internet que revela um campo rico de dados nos sites sobre o tema, nas redes sociais, nos comentários de vídeos musicais postados na rede, etc. daí se observa a natureza das opiniões, da receptividade, da repulsa, da maneira como o movimento é apreendido, etc.

Todas essas informações foram sendo coletadas em situações cotidianas e aleatórias e evidentemente polidas pela subjetividade do pesquisador, que ciente dos seus objetivos assume um olhar treinado para captar aquelas informações importantes para a pesquisa. Deste modo, em um exercício demorado de interpretação e organização dos dados, de reformulações a luz de novas informações, foi possível suprir satisfatoriamente o interesse de pesquisa e se chegar aos resultados esperados.

## **CAPÍTULO 1**

### **O itinerário de desenvolvimento histórico do Tradicionalismo e as características especiais da fase moderna**

Para iniciar a compreensão das lógicas de funcionamento e atuação do Tradicionalismo, neste primeiro capítulo, como dito, teremos que traçar algumas considerações sobre o Movimento e sua formação, demonstrando algumas circunstâncias contextuais de seu surgimento que certamente foram essencialmente importantes para definir os rumos que o Tradicionalismo Moderno assumiria e que não só o diferenciaria das fases anteriores do nativismo, mas também o habilitaria a adquirir as disposições especiais de funcionamento que lhe tornaram um movimento muito proeminente no Rio Grande do Sul.

Sendo assim, faremos primeiramente um recorte sobre o período da história evolutiva do Tradicionalismo a que nossa pesquisa se refere, pois muito embora ele tenha passado por diferentes momentos em seu desenvolvimento, somente o último se inclui na conjuntura que estamos estudando. Depois poderemos abordar o contexto e as características de cada fase e estabelecer as peculiaridades de nosso objeto que justamente irão explicar certos contornos atuais que ele adquiriu.

#### **1.1 - As diferentes fases do Tradicionalismo e o movimento moderno**

Vamos diferenciar – ao menos em linhas gerais - os principais períodos históricos do Tradicionalismo, até a constituição do formato atual, com intuito de definir a que período estamos nos referindo (mas também para evitar confusões conceituais sobre o fenômeno)<sup>34</sup>. Sendo assim, para efeito de delineamento temporal de

---

<sup>34</sup> Essa classificação temporal não deve ser entendida como taxativa, pois a história é sempre um processo e não convive com demarcações rígidas, então, este é um recurso para classificar algumas tendências que foram predominantes (mas não exclusivas) em cada fase do desenvolvimento do culto ao regionalismo, e que podem ajudar a compreender o tradicionalismo atual.

nosso estudo, podemos destacar três momentos distintos do Tradicionalismo, sendo que, somente o último atingiu a qualidade tanto de representação geral da sociedade rio-grandense como de se consolidar no tempo e chegar aos dias atuais como um movimento atuante, devido, evidentemente, as características singulares que assumiu e que iremos explorar no presente estudo.

Pois bem, o momento inicial do Tradicionalismo cultural no Rio Grande do Sul pode ser atribuído ao Partenon Literário de Porto Alegre fundado em 1868. Funcionando como uma espécie de *intelligentsia* rio-grandense, os intelectuais dessa associação produziram diversos textos sobre a temática regional, resgataram alguns ideais da revolução farroupilha, do bom campeiro, do gaúcho, exaltaram figuras importantes da história, bem como construíram considerável acervo literário. Embora seu objetivo principal não fosse a tradição especificamente, acabaram colaborando para que se estabelecesse as bases do culto ao regionalismo. Por volta de 1885 esta sociedade encerrou suas atividades.

A segunda fase do Tradicionalismo ocorreu durante a República Velha (1889 - 1930) até a década de 1940, quando a pretexto da afirmação da ideologia positivista, foram resgatados e reinterpretados a imagem do gaúcho e das tradições. Sobre essa fase, vamos destacar a criação, em 1898, da primeira agremiação objetivamente Tradicionalista, o ‘Grêmio Gaúcho’ de Porto Alegre por iniciativa do Major João Cezimbra Jacques. A entidade tinha por finalidade o culto à “tradição” por meio de festas, desfiles, palestras, entre outras<sup>35</sup>. Se o Partenon tinha por elemento central a literatura, no Grêmio Gaúcho, o Tradicionalismo passou ocupar a posição principal. Podemos dizer então que, a partir desta instituição, o Tradicionalismo passou a ter uma noção consciente e sistematizada de culto ao passado. O Grêmio compartilhou do contexto da efervescência republicana e do positivismo no Rio Grande do Sul do final do século XIX. Foram resgatados e romantizados, nesse período, inúmeros acontecimentos históricos do Estado, especialmente sobre a Revolução Farroupilha, enaltecida como símbolo de heroísmo. Os interesses políticos dos positivistas alinhavam-se - em boa medida - com os ideais da Revolução, e por isso a necessidade de resgatá-la. Sob a ordem de Júlio de Castilhos, presidente do Estado, foi adotado, por exemplo, o pavilhão tricolor da República Farroupilha como bandeira oficial do Rio Grande do Sul. Foram criadas outras entidades similares ao Grêmio Gaúcho no interior,

---

<sup>35</sup> OLIVEN, Ruben George. “Em Busca do Tempo Perdido: o Movimento Tradicionalista gaúcho.” Revista Brasileira de Ciências Sociais, 6(15), 1991, p. 40-52.

dentre as quais se destaca a União Gaúcha de Pelotas na qual participou João Simões Lopes Neto, um dos maiores literatos regionalistas do Rio Grande do Sul e que, com seus contos e lendas, contribuiu muito para a evolução do culto ao nativismo. Mas aos poucos os objetivos iniciais dessas entidades foram desvirtuando-se até que se tornaram clubes sociais convencionais<sup>36</sup>.

Além da fundação do Grêmio Gaúcho, como manifestação propulsora do culto às tradições durante a República Velha e os anos que se seguiram, ainda se viu, por exemplo, o regionalismo literário emergindo com bastante força, a fundação da Sociedade Gaúcha Lomba Grande em Novo Hamburgo<sup>37</sup>, as comemorações ao centenário da Revolução Farroupilha, entre outras iniciativas importantes à construção das tradições do Rio Grande do Sul.

Tanto a primeira como a segunda fase do Tradicionalismo estão ligadas a situações políticas e sociais bem específicas da América Latina e especialmente do Brasil, como a decadência do regime monárquico, a implantação da república, a abolição da escravatura, a modernização, etc. e muito marcadas por influências intelectuais europeias. O Partenon, por exemplo, ancora-se fortemente na construção romântica do passado, na exaltação do bucólico, do “tempo de ouro”, do lirismo e outras noções do romantismo. Já a construção do tradicionalismo no caso da república velha, tem por base a ordem, o progresso, a evolução, a apologia às figuras da história, o patriotismo, além da máxima de culto ao passado sem excluir o presente, etc. todos elementos do positivismo da época. Evidentemente que esses períodos da história não são homogêneos em suas ideias e visões de mundo, mas ao contrário, apresentam inúmeras divergências políticas e teóricas entre os intelectuais. Por exemplo, durante o governo positivista do Partido Republicano Rio-Grandense que governou o estado durante toda a República Velha, literatos como Alcides Maya e Ramiro Barcellos, não compartilhavam da norma coletiva que era apregoada pelo regime positivista, e fizeram severa oposição. Contudo, a preponderância de algumas ideias indica a influência maior da cada fase, em que o apelo a república, ao progresso, a modernidade foram dominantes.

Estas duas primeiras fases ajudaram a amadurecer a ideia de culto as tradições e fomentaram a criação de um conjunto de símbolos e representações do imaginário sobre

---

<sup>36</sup> A União Gaúcha de Pelotas retomou suas atividades em meados do século XX já no formato que seria observado no Tradicionalismo moderno, ou seja, se organizou em um “CTG” e assim permanece até hoje.

<sup>37</sup> Fundado em 1938, era uma sociedade semelhante tanto ao Grêmio Gaúcho quanto aos futuros CTG's.

o gaúcho. Mas somente na terceira fase que foram estabelecidas as características modernas do Tradicionalismo, aquelas que lhe condicionariam tanto a uma representatividade ou significação muito maior frente à população, bem como lhe disporiam uma configuração capaz de adentrar a pós-modernidade e se estender até os dias atuais com notável vigor. Esta fase iniciou logo após a Segunda Guerra Mundial, mas especificamente no ano de 1947, com as primeiras atividades Tradicionalistas da Escola Júlio de Castilhos de Porto Alegre, por iniciativa, primeiro, de Paixão Côrtes e alguns colegas, e depois, Barbosa Lessa, Glaucus Saraiva e outros jovens do interior resididos na capital que se juntaram ao grupo. Estes, encorajados pelo sucesso das atividades do departamento escolar em torno do gauchismo, no ano de 1948 fundaram o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o “35 CTG”<sup>38</sup>. Apenas esta fase iniciada em meados do século XX está ligada ao fenômeno da globalização, da cultura de massas, e mesmo da pós-modernidade que não tardaria a iniciar. E sendo assim esse é o fenômeno que nos interessa.

\* \* \*

No desenvolvimento do culto ao regionalismo percebe-se que desde a fundação do Partenon, na segunda metade do século XIX, já rondava um anseio por resgatar as tradições do estado. A partir da fundação da República esse sentimento só cresceu. Observa-se que foram inúmeras as iniciativas, que de algum modo, fizeram referência ao passado do Rio Grande do Sul. Inaugurou-se, como dissemos, o Grêmio Gaúcho e suas entidades congêneres, manifestou-se com bastante força o regionalismo literário, foi fundado em Novo Hamburgo a Sociedade Gaúcha Lomba-Grande, ocorreram as comemorações ao centenário da Semana Farroupilha, etc. Podemos acrescentar a isso, que, no momento da criação do movimento moderno, por exemplo, o jovem Lessa, que bem no início não conhecia Paixão Côrtes, relata já ter ideias parecidas, e outros grupos na capital, também manifestavam pensamentos semelhantes. Por fim, depois da fundação do primeiro Centro de Tradição, os CTG's rapidamente se proliferaram pelo Rio Grande do Sul, confirmando que o desejo por resgatar as tradições, se colocava quase como um espírito de época.

---

<sup>38</sup> Nome alusivo ao ano de início da Revolução Farroupilha, 1835.



Deste modo, a fundação do tradicionalismo dos anos de 1940 não se trata de uma situação isolada, mas está incluso em um cenário que já vinha germinando a décadas. Apesar disso, este novo movimento não pode ser confundido com os outros momentos de culto a tradição, pois foi somente com o formato assumido pela fase moderna que finalmente o tradicionalismo pode tornar-se um movimento grande, abrangente, que pode expandir e se proliferar, e não ficar somente restrito a grupos letrados, como vinha acontecendo desde o início.

## **1.2 - O itinerário de desenvolvimento do tradicionalismo**

Tendo em vista estas distinções das diferentes fases do Movimento, passaremos agora a uma breve reflexão sobre o itinerário de desenvolvimento do Tradicionalismo com ênfase para as diferentes características sociológicas e de formação de cada fase. A partir dessas informações já teremos anunciado algumas das características singulares que somente o Tradicionalismo moderno assumiu e que o distinguem não só de suas fases anteriores, mas também de outros Movimentos pelo mundo e que lhe condicionaram a representar as vertentes étnicas distintas do Rio Grande do Sul e manifestar-se de forma bastante vigorosa em pleno século XXI. A compreensão de sua gênese será de fundamental importância para estabelecer os parâmetros analíticos da observação e assim extrair as lógicas de operação do construto.

Por outras palavras, podemos dizer que para a análise do Tradicionalismo moderno que se propõe aqui, devemos refletir brevemente sobre algumas circunstâncias da sua gênese constitutiva - que o distinguiram das fases antecessoras - e que possivelmente condicionaram suas características atuais. Ou melhor, através da comparação entre alguns aspectos presentes já na formação das distintas fases do Tradicionalismo, poderemos observar diferenças relevantes entre elas que podem ajudar a explicar a perenidade e pujança do caso moderno, e a efemeridade e a pouca projeção dos outros momentos<sup>39</sup>. Essa comparação certamente ajudará a compreender as características diferenciadas que o Movimento moderno assumiu em seu desenvolvimento e que justamente lhe credenciaram a se generalizar pelo corpo social e ter suas expressões executadas com bastante vigorosidade em pleno século XXI como

---

<sup>39</sup> Neste caso nos referimos especialmente ao Grêmio Gaúcho, por ter uma proposta semelhante ao Tradicionalismo moderno.

se observa no Rio Grande do Sul. Com esse exercício já estaremos traçando as bases compreensivas do Tradicionalismo moderno conforme nossa proposta.

Nesse sentido, observa-se que as três fases do Tradicionalismo aqui citadas - o Partenon, a República Velha (no caso dessa segunda fase, nos referiremos especificamente ao Grêmio Gaúcho) e o Tradicionalismo Moderno - estão inclusas ou refletem processos de desenvolvimento econômico e social do estado e manifestaram-se em momentos em que mudanças profundas, relacionadas especialmente a modernização, davam fim aos modelos sociais vigentes. Contudo embora essa circunstância de mudança econômica e social seja intrínseca a todas as fases (e mais do que isso, na verdade qualquer caso de construção de tradição sempre está vinculado a transformações econômicas e sociais) quando analisamos o Tradicionalismo, não devemos generalizar as explicações sem considerar as peculiaridades de cada momento do fenômeno, pois, como pode ser observado, as duas primeiras fases diferenciam-se contextualmente da terceira porque tanto o Partenon Literário de 1868 como o Grêmio Gaúcho de 1895 foram fundados em momentos de pujança econômica e moral do Rio Grande do Sul em relação ao Brasil, enquanto que o Movimento de 1947-48 está localizado em um momento de decadência ou perda de importância da região no cenário nacional. E isso já distingue sua gênese em diversos aspectos.

Deste modo, é necessário considerar que embora possam ser identificados inúmeros elementos comuns a todas as fases do culto ao regionalismo como a utilização da figura do gaúcho e do mundo rural, o associativismo e a visão positivista, além de outros - e que evidentemente tem grande importância na análise do Tradicionalismo - percebe-se que, de igual modo, existem diferenças fundamentais na gênese constitutiva e no desenvolvimento das manifestações, que são mais profundas do que a mera semelhança estética e discursiva - pois estas podem ser apenas de caráter epidérmico e camuflador sobre o verdadeiro fenômeno - e que de modo algum podem ser desconsideradas.

E neste caso a compreensão do Tradicionalismo gaúcho enquanto fenômeno sociológico - que é nossa proposta - não pode ficar restrita somente ao estudo dos elementos que ligam essas fases, pois, uma análise que enfatize apenas os aspectos comuns não pode dar conta de explicar porque os destinos de ambas foram diferentes. A questão então é, onde reside a explicação que justifica a projeção do terceiro Tradicionalismo? Quais pontos o diferencia dos outros? Neste caso, quebra-se a linha histórica que normalmente coloca uma fase como herdeira incondicional da outra,

quando na verdade somente alguns aspectos são herdados e a eles são agregadas outras características próprias do tempo em que o novo Movimento é forjado. Essa confusão ou indistinção analítica fez com que diversos intelectuais lançassem severas críticas ao Movimento Tradicionalista atual se baseando em situações referentes aos momentos anteriores do tradicionalismo e que na verdade podem ter pouco ou nada a ver com o movimento atual. Sendo assim, passamos a refletir sobre as circunstâncias de surgimento do Tradicionalismo e as implicações disso para sua constituição.

### **Parthenon Literário e Grêmio Gaúcho**

Pois bem, o contexto de nascimento dos dois momentos iniciais do culto ao regionalismo - o Parthenon de 1868 e o Grêmio Gaúcho de 1895 - se deram no momento em que o Rio Grande do Sul tinha atingido, talvez, sua maior representatividade econômica, política, intelectual e mesmo moral no cenário brasileiro. E se referem ao contexto incipiente de modernização do país, de enfraquecimento da monarquia e implantação da república no Brasil.

Conforme nos demonstra a historiografia, devemos considerar que o estado desde o início de sua ocupação apresentou aspectos peculiares que lhe deram contornos culturais e identitários bem próprios. No seu processo de formação histórica, a região esteve por séculos esquecida pelas coroas colonizadoras, pois, devido a seu isolamento geográfico, a falta de riquezas naturais, ao ambiente hostil e desprotegido de fronteira, ela não despertou interesse inicial. E assim, o histórico de ocupação e povoamento da região foi marcado pela fraca presença do Estado e de qualquer tipo de instituição.

Deste modo foi se desenvolvendo na província uma comunidade composta fundamentalmente por estancieiros,<sup>40</sup> peões, gaudérios,<sup>41</sup> militares, contrabandistas, etc. que assumiram para si as atividades econômicas e a responsabilidade de defesa das propriedades e do território como um todo.

A atividade econômica, no início, referia-se basicamente a funções pastoris de lida com o gado que era criado nas estâncias e vendido principalmente para o sudeste brasileiro. Nas questões de defesa, esses povoadores, inclusos na profunda instabilidade

---

<sup>40</sup> Normalmente militares que ganhavam posses do governo imperial em troca de seus serviços.

<sup>41</sup> Aqueles indivíduos tidos por vagabundos, que andavam sem leis pelos campos, não eram dados a regras sociais e tinham um código de honra próprio na qual poderiam ser muito leais para aqueles que lhes estavam empregando. Eram considerados marginais porque não estavam na pirâmide social formal composta por patrão e peão.

política do Prata, envolveram-se em inúmeras escaramuças, guerras e revoluções, e assim aprenderam a defender o território adquirindo excepcional experiência na luta contra os castelhanos. Constituíram-se, por assim dizer, ‘estancieiros-generais’ e ‘peões-soldados’ com grande destreza bélica e exímio conhecimento geográfico.

Outra circunstância a ser destacada é que, muito embora as lideranças em vários casos estivessem vinculadas aos interesses do poder central em razão das próprias possessões fundiárias que ganhavam e das patentes militares que possuíam, certamente pelo ambiente hostil e isolado que exigiu grande especialidade e adaptabilidade de povoamento, conseguiram desenvolver-se com considerável autonomia em relação às governanças colônias metropolitanas e depois imperiais.

Então conforme se desenvolvia essa sociedade, tendo suas circunstâncias históricas fundada nas relações sociais relacionadas ao campo e a guerra, se criou na população uma relação muito emotiva com a terra, um sentimento de valorização e apego a seu chão, a seu “pago”<sup>42</sup>, a sua “querência”<sup>43</sup>, que pode ser explicado devido justamente as dificuldades que tiveram para manter seu território e que tão logo passaria a ser uma marca identitária do rio-grandense: o seu bairrismo.

Deste modo, podemos dizer que esses aspectos da formação caracterizados pelas questões de fronteira, pela guerra, pela lida campeira, e também pela considerável autonomia em relação ao poder central, projetaram características sociológicas peculiares àquela população e fizeram com que se moldasse uma certa identidade comum aos rio-grandenses que passaram a reconhecerem-se por certos valores. Percebe-se isso, por exemplo, nos relatos de Conde D’Eu, que percorreu o Rio Grande do Sul em 1865, e em suas observações constatou uma certa indiferença dos habitantes da província para com aqueles vindos de fora, que apresentavam hábitos diferentes. Fato esse já indicativo de uma identificação interna. Disse o viajante sobre os rio-grandenses:

*(...) O sentimento que ao rio-grandense inspiram homens que, em primeiro lugar não são da província, e que além disso andam a pé, é sempre de desdém. De fato, para eles há no mundo três denominações, três classes de habitantes: rio-grandense ou filho do país, castelhano ou hispano-americano, e baiano. Para o gaúcho rio-grandense, quer um homem tenha nascido à sua*

---

<sup>42</sup> Local de nascimento de um gaúcho.

<sup>43</sup> Local onde o gaúcho reside, onde fez morada, onde se “aquereciou”.

*porta, na província de Santa Catarina; quer venha da Lapônia, é sempre baiano. E se, para ele, o gaúcho castelhano é um rival odiado, ao menos o considera seu igual, pois sempre é gaúcho, ao passo que o baiano, é um ser inferior, porque não maneja bolas nem laço, não se tem por “centauro” e não entende ser desonra andar a pé<sup>44</sup>.*

O estado, então, ao longo de seu desenvolvimento, adquiriu como vimos, aspectos identitários singulares à sua população devido às circunstâncias de sua formação (isolamento, autonomia, militarismo, ocupação) que o diferenciaram das outras províncias, criou um sentimento comum muito forte, e um apego à terra que tanto esforço se fez para defender. Devido a isso, como observou Oliven (1989), acabou se criando uma “relação controvertida<sup>45</sup>” com o Brasil, ou melhor, esta comunidade se considerava brasileira, mas antes rio-grandense. Constata-se esse sentimento, por exemplo, na inquietação com relação a ordens de cima para baixo, pois gerências externas vindas do império causavam grande desconforto nas lideranças locais, tanto que uma das reivindicações da Revolução Farroupilha foi o direito local de indicar o governador da província. E deste modo, se por dois séculos os “continentinos<sup>46</sup>” defenderam o Brasil, e por assim dizer se constituíram como os únicos “brasileiros por opção” - como gostam de dizer os Tradicionalistas - a Revolução Farroupilha cultuada pelos Tradicionalistas se tornou emblemática talvez pelo fato de significar esse recado ao Brasil: ou seja, se o gaúcho lutou por séculos para defender o Brasil, foi antes para defender o Rio Grande. E se o Brasil fosse contra os interesses do Rio Grande, o Rio Grande seria contra o Brasil.

Sendo assim, por essas e outras questões, a relação com essa província se estabeleceu de uma forma diferenciada, ela não se constitui como uma província convencional que recebe ordens de cima para baixo, mas ocorria na verdade uma certa negociação entre as partes, entre o poder central e as lideranças locais<sup>47</sup>. A experiência

---

<sup>44</sup> Relato de Conde D’Eu in ALBECHE, Deyse Lange. Imagens do gaúcho : história e mitificação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. 152 p. (Coleção História; 13). (P.39)

<sup>45</sup> OLIVEN, Ruben G. “O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controvertida”, In Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: Vértice: ANPOCS, 3(9): 3-14. fev. 1989.

<sup>46</sup> Nome antigo dado aos habitantes do Rio Grande do Sul.

<sup>47</sup> A própria “Paz de Ponche Verde” que deu fim a Revolução Farroupilha já indica isso, Caxias, negociador do império, atendeu reivindicações dos farroupilhas muito difíceis de serem atendidas em outros casos de revolta, normalmente o enforcamento era o destino dos revoltosos, mas neste caso além de receberem indenização pelas perdas geradas pela revolução que eles mesmo causaram, ainda se

militar dos estancieiros-generais e dos peões-soldados naquele ambiente hostil de fronteira certamente lhe deram essa condição. Ao mesmo tempo em que estes assumiram para si a defesa da fronteira, também não aceitavam imposições externas.

Então, no processo de formação do estado, na medida em que as duas grandes colônias ibéricas (América espanhola e América portuguesa) se desenvolviam e se expandiam e, posteriormente, já com as independências nacionais, as questões de fronteira ficaram mais tensas entre os agentes do continente, e assim a região ganhou importância política e militar. Ou melhor, as circunstâncias contextuais fizeram com que os rio-grandenses assumissem a posição muito enaltecida de “sentinela da fronteira”, ou seja, aqueles que teriam por missão defender a invasão do território brasileiro pelos castelhanos.

Então com o ganho de importância de sua posição, de sua função dentro do país, os gaúchos ganharam prestígio, e justamente passaram a orgulhar-se de seu tipo social diferenciado dentro do cenário nacional, uma “raça” guerreira que poderia enfrentar os mais sanguinários invasores, isso inflamava seu sentimento de orgulho.

Pois justamente, a partir da segunda metade do século XIX, devido a certo grau de desenvolvimento que o Rio Grande alcançaria e muito em função do maior conflito armado da história do continente que estouraria, a Guerra do Paraguai, o estado entraria em sua fase de maior importância no cenário nacional.

Como demonstra a historiografia, neste período, quando começa a ser questionado o regime monárquico, muito em função, é claro, do processo de modernização que ocorria, o próprio Rio Grande passava por significativas transformações, mudanças como o cercamento dos campos, o estabelecimento de instituições religiosas e governamentais, o aumento populacional, o estabelecimento de algumas povoações mais importantes, o desenvolvimento das colônias alemãs, enfim diversos fatores que davam fim aquele estilo primeiro, de campo aberto, de gado solto e *cimarrón*<sup>48</sup>, entre outros aspectos que eram responsáveis também pelo fim do tipo original daquela figura própria do pampa, os *gaudérios*, ou *changadores*, ou gaúchos, tipos que andavam pelos campos, sem lei e sem rei, tidos por vagabundos, desordeiros, pois não eram adeptos da vida social, mas que seriam logo adiante mitificados pelos literatos e reapropriados pelo Movimento Tradicionalista.

---

mantiveram no exército brasileiro com as mesmas patentes que tinham enquanto militares da República Rio-Grandense. Obviamente isso aconteceu porque o império não podia dispensar o serviço desses generais, muito experientes na luta contra os castelhanos e conhecedores exímios da geografia local.

<sup>48</sup> Cimarrón, quer dizer gado selvagem, solto nos campos, sem dono.

Podemos dizer então que devido as transformações econômicas e sociais que ocorriam, combinadas às circunstâncias históricas peculiares da formação do Rio Grande do Sul, o estado por definição se constituía como um terreno fértil para o surgimento de culto ao nativismo, e isso de fato não demoraria a acontecer.

Em 1864 estoura a Guerra do Paraguai, e devido aos desfechos desse conflito, podemos dizer que a participação decisiva das forças militares locais determinaram a condição de elevação moral que a região adquiriu. A província tivera atuação importantíssima com sua afamada cavalaria, compondo a totalidade dessa divisão<sup>49</sup>. Além de atuação relevante de diversas figuras do estado como Almirante Tamandaré, General Câmara, General Neto, General Davi Canabarro, entre outros. Porto Alegre estava em posição privilegiada e foi o mais relevante polo estratégico da guerra pelo lado brasileiro. Com esse conflito, as guerras de fronteira alcançaram seu apogeu, seu grau mais elevado de exigência, e somente um exército muito experiente poderia enfrentar o emergente Paraguai, sabidamente uma das regiões mais desenvolvidas do continente. Então, com a participação vislumbrosa das forças gaúchas às vistas de todos contra aquele inimigo que apresentava perigo real, os rio-grandenses consagraram sua posição destacada dentro do país. Foi um momento então de importância nacional sem igual para o Rio Grande do Sul, que podia se orgulhar da “raça guerreira” que representavam, se consagrando como os “sentinelas do Brasil”<sup>50</sup>.

No ano de 1868, em meio à efervescência da guerra, surgiu em Porto Alegre a Sociedade Parthenon Literário, que por meio de sua produção, contribuiu para a propaganda republicana e começou o processo de enaltecimento das tradições locais, enfatizando a figura do “bom campeiro” e depois do próprio “gaúcho”<sup>51</sup> que a essas alturas já sumira como tipo social, enfatizando seus aspectos de liberdade e sinalizando desde então a crítica à monarquia. A Revolução Farroupilha então, por ter sido a experiência republicana de maior expressão até então no Brasil, foi tida como o “tempo de ouro” para esses literatos.

---

<sup>49</sup> Neste momento que a bombacha foi introduzida no Rio Grande do Sul, e talvez pelo fato de somente os rio-grandenses terem composto a cavalaria, essa indumentária de equitação ficou quase que exclusivamente restrita ao estado, tornando-se posteriormente, talvez o elemento mais emblemático do Tradicionalismo.

<sup>50</sup> A partir dessa guerra iniciou a modernização do exército brasileiro, uma vez que ali foi constatado que o Brasil não possuía um exercito qualificado, profissional, e que se não fosse a atuação destacada de agentes como os estancieiros-generais, os peões-soldados e os voluntário da pátria, o destino da guerra poderia ter sido outro.

<sup>51</sup> Para esse tema ver ALBECHE, 1996.

Foi nesse contexto de ascensão do estado que o Partenon atuou, em meio a transformações sociais que davam fim ao tempo “bárbaro” do Rio Grande e de grande elevação moral da população dada à posição de destaque na guerra. O Partenon ainda funcionou até 1885 contribuindo para a propaganda republicana quando encerrou suas atividades.

Terminada a guerra, o estado continuou seu papel de destaque no processo de implantação da república em nível nacional. O regime monárquico vinha sendo questionado, e o Rio Grande, como o precursor desse sistema, com a república de Piratini de 1835<sup>52</sup>, teve papel fundamental.

Uma vez fundada a república brasileira em 1889, o vigor econômico do estado atingiu talvez sua maior representatividade no cenário nacional. Nesta época o Rio Grande do Sul apresentava desenvolvimento importante para os patamares brasileiros, já contava com cidades prosperas como Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, as colônias italianas e alemãs já ajudavam a dinamizar a economia local e o estado tornou-se o segundo mais industrializado do país. Por meio do governo positivista do Partido Republicano sob liderança de Julio de Castilhos, o Rio Grande do Sul pode manifestar com bastante força esta ideologia, ou projeto de sociedade, próprio de sociedades avançadas como era o caso da França. O positivismo então se alastrou por instituições, pela política e pela sociedade<sup>53</sup>. Neste contexto surgiu a segunda fase do culto ao regionalismo (e a primeira fase do Tradicionalismo propriamente dito, uma vez que o Partenon não tinha por objetivo o culto à tradição), a reordenação das tradições realizada pelos positivistas e especificamente, como tratamos aqui, com a criação do Grêmio Gaúcho, pelo militar João Cezimbra Jacques, sendo essa uma iniciativa inclusa no projeto modernizante dos positivistas, com o propósito de ajudar o estado a “caminhar para o futuro sem esquecer o passado”.

Portanto, então assim como o Partenon, o Grêmio também nasceu em um contexto de vigorosidade econômica do Rio Grande do Sul. E se as “tradições” normalmente se manifestam, ou passam a ser cultuadas, em momento de transformações, nestes casos não foi diferente, pois ocorriam diversas mudanças econômicas, políticas e sociais, porém o momento não era de crise, mas sim de ascensão e vigorosidade do estado em relação ao país.

---

<sup>52</sup> Antes desse tempo, em 1924, no nordeste, foi criada a Confederação do Equador, mas durou apenas cinco meses.

<sup>53</sup> Exemplo da força positivista é o templo positivista de Porto Alegre, sendo um dos poucos exemplares no mundo.



### *As características assumidas pelo Parthenon e pelo Grêmio*

Deste modo, podemos dizer que esse contexto condicionou as características que essas entidades assumiriam, ou seja, no que se refere as suas pretensões ou motivações, por exemplo, ambas eram claramente norteadas pelo projeto modernizante da sociedade que visava superar o velho regime monárquico e implantar um sistema administrativo mais adequado a uma sociedade moderna, que era a república. E, deste modo, suas pretensões ou motivações eram influenciar regimes políticos e sociais novos e no caso do Grêmio, com a república já proclamada, o objetivo era consolidá-la por meio do positivismo científico.

De igual modo, justamente por representarem projetos políticos, seus modos de atuação resumiram-se ao campo das ideias, principalmente no caso do Parthenon Literário que se utilizou das letras para difundir suas concepções de mundo. Por meio da literatura, descreviam novos valores para a sociedade em detrimento das mentalidades conservadoras dos monarquistas. Não tinham por pretensão tornarem-se gaúchos, mas apenas falar sobre os gaúchos. Esse é o modo de operação dos literatos românticos, e justamente o que o distinguirá dos Tradicionalistas modernos que pretendem tornarem-se “gaúchos”.

Mas esse caso também vale para o Grêmio que, embora tenha sido estabelecido em forma de clube com intuito de “praticar” a tradição, não foram fundadas muitas agremiações desse gênero ficando restritas a um grupo pequeno das elites, e assim, muito embora ele pretendesse ser de caráter prático, sua pequena projeção já acusa a falta de execução de suas atividades que não despertou muito interesse. Além do que a principal circunstância desse Movimento era mesmo o projeto social positivista na qual o Tradicionalismo era considerado como parte importante desse grande plano. Por isso as questões teóricas eram predominantes em relação a prática em si que era secundária. Essa disposição, como dissemos, seria invertido no Tradicionalismo moderno.

Por fim verifica-se que ambos os Movimentos tiveram um caráter elitizado. Justamente por representarem projetos políticos teóricos da qual o povo estava alijado e

não remeterem às práticas populares na forma conhecida pelo povo, ficaram restritos aos grupos da elite<sup>54</sup>.

Deste modo, então, esses primeiros clubes regionalistas, constituíram-se como sociedades de cunho intelectual, tornaram-se uma espécie de confraria das elites, em que seus membros eram intelectuais cômicos da doutrina que queriam difundir no Estado e na sociedade. A implicação disso, é que ele não passou às camadas populares, o povo não compreendia aquelas discussões, e principalmente no caso do Grêmio, foi sem querer exagerar, uma “modinha” de alguns ricos, naquele momento de efervescência positivista. O resultado foi que essas associações não vingaram, logo se desviaram de seus objetivos iniciais e se tornaram clubes sociais convencionais.

### **O Tradicionalismo Moderno**

Diferentemente desses Movimentos, o ‘Terceiro Tradicionalismo<sup>55</sup>’ nasceu em um contexto de circunstâncias bem diferentes, ou melhor, longe de fazer parte de um momento de vigor econômico e político do estado como as outras fases do nativismo, na época de sua fundação, em meados do século XX, a região perdia tanto a importância política de “sentinela da fronteira”, como a representatividade econômica de outrora. A ocasião então era de decadência. E assim, como dissemos, embora compartilhe muitas semelhanças dos outros Movimentos, este adquiriu novas configurações que certamente ajudam a compreender porque seu destino foi diferente dos outros. Por essa fase do Tradicionalismo ter emanado em condições aparentemente desfavoráveis contextualmente, tendo em vista a situação de decadência que o estado entrou, não quer dizer que tenha tido menos repercussão ou influência. Mas, ao contrário disso, a partir do contexto que ele se formou, poderemos compreender as características que ele assumiu, e que lhe condicionaram a projetar-se muito ativamente em todo o Rio Grande do Sul até os dias atuais.

---

<sup>54</sup> Podemos dizer que embora nem todos os literatos sejam oriundos de berços abastados, as letras representam uma maneira de adentrar nesse meio, e portanto, já projetam um alinhamento à visão de mundo das elites.

<sup>55</sup> Devemos considerar aqui, que na verdade o ‘Tradicionalismo moderno’ é somente a segunda fase do Tradicionalismo institucionalizado e o Grêmio Gaúcho é a primeira. Então chamamos o ‘Tradicionalismo moderno’ de ‘terceiro Tradicionalismo’ porque estamos considerando nesta linha de desenvolvimento, para efeito de nosso raciocínio, que o Partenon Literário tenha sido o primeiro momento, muito embora não tivesse sido uma entidade objetivamente Tradicionalista, mas foi ali que se iniciou o culto ao regionalismo.

Duas questões permeiam seu contexto de nascimento: o processo de modernização que o Brasil vinha passando desde o final do século XIX, e que se acelerou no início do século XX, e a chegada do paradigma de consumo estadunidense na década de 1940.

### *A modernização brasileira*

Observa-se então sobre as transformações contextuais que o Brasil passou, que no próprio decurso em que se divulgou, implantou e consolidou a república, se intensificaram muitos outros processos modernizantes. Neste período se intensificou a atuação das companhias estrangeiras no país, chegaram novidades como energia elétrica, se estabeleceram novas relações de trabalho em substituição a escravocrata, as cidades passaram a receber contingentes populacionais maiores, mas, principalmente, a partir do início do século XX, a indústria começou a se dinamizar mais significativamente, e com Getúlio Vargas, na década de 1930 - 40 - 50 este processo recebeu seu incremento mais significativo devido ao atendimento de certas demandas básicas à industrialização do país. Então, o cenário econômico brasileiro foi bastante transformado das últimas décadas do século XIX até meados do século XX.

Podemos dizer, conforme dados geográficos, que naquele momento incipiente de industrialização, a região sudeste, e no caso especialmente São Paulo, detinha algumas circunstâncias que seriam decisivas na sua definição como a grande região industrial brasileira. Nesse processo - justamente por essa região estar no centro político-administrativo do Brasil e em conjunto representar uma maior concentração populacional, o que já seria favorável à indústria e ao capitalismo, ainda São Paulo detinha uma infraestrutura bem desenvolvida dado aos sistemas de transportes ferroviários e o porto de Santos já bem estabelecidos para escoamento da produção de café. Soma-se a isso o capital acumulado dos barões do café que a partir da crise de 1929, passaram a investir pesado na indústria a assim estabelecer um parque industrial mais moderno que os outros parques brasileiros.

Então quando Getúlio Vargas chega ao poder na década de 1930, é pressionado justamente a atender as demandas dessa região, e assim concentram-se também no sudeste os investimentos públicos infraestruturais.

Deste modo cria-se no Brasil um efeito “bola de neve”, centralizador em que cada vez mais essa região passa a absorver os investimentos e a estrutura modernizante.

Observa-se isso na questão da “complementariedade industrial”, em que as indústrias tendem a se localizar próximas umas das outras no intuito de fornecerem materiais e serviços entre si. Com isso, se completa o ciclo de concentração dos investimentos por essa região e sua consequente preponderância sobre o resto do país.

Na industrialização varguista, então, o favorecimento do Rio Grande do Sul e de outros estados fora do eixo Rio-São Paulo, estava destinado a ser somente de “tabela”, ou melhor, o sudeste receberia os investimentos diretos e as outras regiões ficariam encarregadas de fornecer produtos àquela região (no caso específico do Rio Grande, sua função seria fornecer alimentos baratos) e, assim, o desenvolvimento destas regiões ficava condicionado ao crescimento do sudeste.

Com essa política centralizadora, foram se desfazendo os antigos “arquipélagos econômicos regionais” - da qual o estado era um dos mais significativos - e que estabeleciam um maior balanceamento entre as regiões, uma vez que cada um desses blocos continha um ciclo econômico que pouco competia com os outros, e se concentrou a estrutura produtiva no centro do país.

Deste modo, como já podemos constatar, no decorrer desse processo, o Rio Grande do Sul, por estar fora dessa região, foi perdendo a representatividade que possuía na economia nacional.

No mesmo caminho, o segundo fator que agravou a decadência do Rio Grande do Sul no cenário que se instalava, foi a perda de importância política. Ou melhor, sua outrora tão louvada posição de “sentinela da fronteira” se enfraquecia, uma vez que o contexto mudava e as questões de invasão de fronteira passaram a ser cada vez menos críveis. Então a condição moral que sustentou por muito tempo o discurso gaúcho, fora desfeito. Deste modo, essas duas circunstâncias foram amargas para o Rio Grande do Sul e lhe tiraram paulatinamente, tanto a representatividade econômica no cenário nacional, como a força política.

### ***A chegada da cultura de massas e do paradigma estadunidense***

Outro evento significativo no quadro de transformações contextuais que afetaram diretamente o Rio Grande do Sul, e conseqüentemente o momento de fundação do novo Tradicionalismo, se refere à chegada do paradigma capitalista/consumista estadunidense ao estado.

Juntamente com esses eventos relativos à modernização brasileira, o cenário que se formava em detrimento das rivalidades internacionais entre as grandes potências e que anunciavam o perigo eminente de guerra, fizeram com que a grande potência norte americana voltasse os olhos a seus vizinhos continentais. Ou seja, foi lançada na década de 1940 a “política da boa vizinhança” que trouxe a cultura de massas ao continente do sul.

A Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) foi o divisor de águas para a preponderância do EUA sobre o continente americano. Foi na Segunda Guerra que Roosevelt, juntamente com a agência de Rockefeller, por meio da política da boa vizinhança, traçaram os planos de avanço sobre o continente.

Antônio Pedro Tota no livro “Imperialismo sedutor” (2005)<sup>56</sup> demonstra como se deu o processo de americanização do Brasil a partir dos desfechos que se formaram no contexto da Segunda Guerra. A América Latina e principalmente o Brasil se tornaram terrenos estratégicos de atuação tanto para os países do Eixo liderados pela Alemanha como para os Aliados liderados pelos EUA.

Os eventos ocorridos tiveram importância fundamental para a chegada da modernização capitalistas estadunidense na América Latina, pois o “perigo” da influência nazista e um eventual alinhamento com o Eixo incentivaram e aceleraram o avanço dos EUA sobre o resto do continente.

A política da boa vizinhança foi implementada pelos Estados Unidos com intuito de cooptar o Brasil aos interesses dos Aliados na Guerra. Para isso foi criado o “Office of Inter-American Affairs” (OCIAA), agência comandada pelo milionário Nelson Rockefeller e destinada especialmente a traçar projetos de aproximação entre as Américas. A estratégia norte-americana foi utilizar as maravilhas do mundo moderno a fim de deslumbrar os brasileiros com o “fantástico” modo de vida dos Americanos do Norte.

Devemos lembrar que o paradigma civilizatório dos brasileiros até a Segunda Guerra era o Velho Continente, os EUA eram vistos como a bárbara cultura de massa, enquanto que a Europa (principalmente a França) a verdadeira civilização. Nesse sentido o deslocamento desse paradigma era um objetivo a ser alcançado pelos EUA.

---

<sup>56</sup> TOTA, Antônio Pedro. O imperialismo sedutor : a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo : Companhia das Letras, 2005. 235 p.

Por isso, segundo Tota, Rockefeller acreditava que o sucesso do projeto estadunidense na América Latina não poderia assentar-se somente em trocas comerciais, ou seja, no campo econômico, mas seria fundamental uma boa estratégia no campo ideológico. A aproximação, nesse sentido, deveria vir de apoio econômico somado a difusão ideológica. Seria importante primeiro familiarizar o Brasil com os valores culturais estadunidenses para depois tentar superar a resistência da aproximação política entre os dois países<sup>57</sup>.

Nesse sentido, juntamente com a introdução de novos ciclos econômicos baseados na indústria moderna e no consumo de bens, foi implantada uma política cultural tendo por base o cinema, o rádio e as revistas. Estas vendiam os produtos como novas maneiras de ser e viver, colocando os elementos culturais nativos em plano de superação uma vez que representavam o arcaísmo das regiões abrangidas.

Estava nos planos do projeto de Rockefeller uma vasta lista de investimentos em infraestrutura. A operação tinha por meta realizar primeiramente ações que elevassem a competitividade econômica do subcontinente, oferecer tecnologia e estratégias, bem como comprar produção agrícola e mineral. Pois sabiam eles que construindo laços econômicos fortes os argumentos nazistas (e mesmo socialistas) perderiam força tornando mais fácil a tarefa dos EUA de trazer a América Latina para o seu lado. Governo e iniciativa privada trabalharam juntos nesta grande empreitada, uma vez que as grandes companhias, inclusive a de Rockefeller, seriam as grandes beneficiadas com a abertura do mercado.

Acreditavam os estrategistas que com essa aliança comercial unida a cooperação cultural se poderia “elevar” a condição de vida dos povos latino-americanos e, quem sabe, até torná-los um pouco mais “civilizados”. Em pouco tempo aumentou o fluxo de comércio entre o sul e o norte e também os empréstimos bancários e investimentos. Com o crescimento econômico que se viu e as novidades modernas trazidas para América do Sul, efetivamente se fechou o espaço para as ideias dos nazistas e dos socialistas.

A estratégia no campo ideológico foi sempre tentar “deslumbrar” os Latinos com as maravilhas que a civilização norte-americana poderia oferecer. Foi realizada, por exemplo, a Feira Internacional de Nova York para reunir em um só lugar todas as os “milagres” da era moderna. Quem visitava a feira podia observar todo o tipo de

---

<sup>57</sup> TOTA, 2005.

utensílio doméstico como aparelhos de barbear, máquinas de lavar roupas, aparelhos de televisão e robôs. O impacto disso era a confirmação de que o modelo norte-americano era o verdadeiro caminho para o progresso. Lá se encontravam produtos que prometiam tornar a vida mais fácil e, no caso da América latina, quem sabe, até tirá-la da condição de atraso. Foram mostradas também projeções do futuro com grandes autoestradas, elevadas, viadutos e controle eletrônico. Era um mundo incrivelmente novo e fascinante, especialmente para um latino pré-moderno.

Da mesma forma, conforme Tota (2005) a partir de 1940, Hollywood passou a promover intensamente seus filmes no Brasil e como não poderia deixar de ser, os norte-americanos estavam no lugar dos mocinhos, heróis, superando dificuldades e saindo vitoriosos. Juntamente com a construção da imagem do ídolo-herói, passavam o modo de vida ali apresentado: as marcas, as roupas, os gestos, as músicas, etc. A Disney, por exemplo, deslumbrava as crianças com seus personagens que além de divertidos, aos poucos passavam os valores capitalistas as crianças latinas.

Todas as estratégias executadas tinham o dedo do Office, e o departamento de comunicações da agência - formada pela divisão de Imprensa e Publicações, divisão de Rádio, divisão de Cinema e divisão de Informação e Propaganda - se incumbiu de divulgar uma imagem favorável dos Estados Unidos, de depreciar o Eixo e principalmente de espalhar as boas novas da cultura que chegava. Revistas como “Em Guarda” e “Reader’s Digest” ensinavam o modo de vida: como se vestir, como se comportar, como utilizar os novos equipamentos. Somente no Brasil, a tiragem em 1945 de Reader’s Digest, por exemplo, chegou a mais de 500 mil exemplares. Os soldados americanos eram tratados como heróis e os EUA como a terra exemplar. As empresas investiram milhões em propagandas de seus produtos. Philco, Westinghouse, Ford Motor Company, Johnson, Goodyear, Batom Michel, etc. ofereciam enormidade de “maravilhas” de consumo.

As grandes emissoras de rádio dos Estados Unidos NBC e CBS também se uniram para a transmissão na América Latina. Enviavam programação em ondas curtas direto dos EUA às rádios Cruzeiro do Sul, Mayrink Veiga e Tupi no Rio de Janeiro; Record, Cruzeiro do Sul, Cosmos, Cultura e Tupi em São Paulo; **Farroupilha em Porto Alegre**; Radio Club em Recife; e Pampulha em Belo Horizonte. Foram convocados pelas emissoras astros consagrados nos EUA como Orson Welles, John Ford e Douglas Fairbanks Jr. E do lado brasileiro Carmem Miranda e outros. O foco era primeiramente passar confiança a população de que os EUA poderiam vencer a guerra -

uma vez que seus exércitos eram formados de “heróis”- e depois difundir o seu modo de vida. As músicas foram importantes instrumentos para isso.

Percebe-se, então, que rádio, cinema e revistas foram as principais ferramentas de divulgação ideológica do “american way of life”. Um fato relevante a ser destacado pela sua representatividade do “encantamento” é a criação da esquadrilha interamericana de aviação em 1941. Ela partiu de Washington e passou por várias capitais latino-americanas, os pilotos vestiam seus blusões de couro e óculos Ray-Ban chegando com suas poderosas máquinas de guerra, gerando, segundo Tota<sup>58</sup>, grande fascínio na população. Representavam a síntese do poderio militar, econômico e ideológico dos EUA naquele momento. Eram como deuses alados vindos do céu e trazendo as boas novas.

Devido a todas as medidas tomadas pelos Estados Unidos, podemos dizer que o estabelecimento de uma política de boa vizinhança na conjuntura da guerra pode ser considerado como o momento em que estavam se conjugando as forças que trariam efetivamente a cultura consumista do tecnocapitalismo moderno à América latina.

Com relação ao Tradicionalismo gaúcho, em convergência com essa situação, Barbosa Lessa, em um dos livros mais importantes do Tradicionalismo, intitulado “Nativismo: um fenômeno social gaúcho” (1985) relata vários fatos dos momentos iniciais do Tradicionalismo que demonstram a visão daqueles jovens sobre essas ocorrências. Podemos extrair de seus escritos algumas informações que nos ajudam a compreender qual era o espírito da época para aquelas pessoas que estavam envolvidas no Movimento.

Percebe-se que no final da Segunda Guerra Mundial Porto Alegre já tinha recebido vários elementos dessa “cultura-mundo” e também se convertia em “metrópole” capitalista. Relata Barbosa Lessa que:

Porto Alegre nos fascinava com seus anúncios luminosos a gás neón, Hollywood nos estonteava com a tecnolorida beleza de Gene Tierney e as aventuras de Tyrone Power, as lojas de discos punham em nossos ouvidos as irresistíveis harmonias de Harry James e Tommy Dorsey [...]<sup>59</sup>.

---

<sup>58</sup> TOTA, 2005, p. 79.

<sup>59</sup> LESSA, Barbosa. Nativismo: um fenômeno social gaúcho. Porto Alegre: L&PM, 1985. 119 p. (Coleção Universidade Livre) (P. 56).



A Coca Cola, por exemplo, chegou ao Brasil em 1942 com uma fábrica no Rio de Janeiro e depois outra em São Paulo, mas teve sua primeira franquia no Brasil em Porto Alegre, em 1945.

Então, se via profundas transformações ocorrendo na sociedade brasileira e gaúcha nos tempos de fundação do Tradicionalismo moderno que modificavam bastante os modos de vida conhecidos.

### *Um evento significativo*

Teremos que destacar uma questão que pode nos dar a dimensão do que a americanização representou para o contexto do Rio Grande do Sul. Devemos considerar que estado tivera uma industrialização interna bem dinâmica, considerada como a mais completa do país no que se refere a processos de desenvolvimento endógeno. E o projeto de aproximação norte-americano foi especialmente marcante para a sociedade rio-grandense, pelo fato de ser afetivamente a primeira investida modernizante externa as forças históricas que formaram o estado.

Como vimos, o cenário econômico brasileiro antes dos processos modernizantes que melhoraram a infraestrutura, que interligaram o país, era marcado por “arquipélagos econômicos regionais”, cada qual contendo um ciclo produtivo que pouco competiam com os outros. E assim, muito embora, como vimos, o Rio Grande perdesse importância econômica, política e prestígio, em relação às regiões centrais, observa-se também, conforme Ronaldo Herrlein<sup>60</sup>, que até a década de 1950 “o Rio Grande do Sul se manteve com uma industrialização fechada, interna com pouca concorrência em relação aos produtos de outras regiões, principalmente a forte indústria paulista”. Então a chegada da americanização, na década de 1940, com suas marcas, produtos e estilos diferentes, foi a primeira vez que o estado recebeu de forma mais aguda investidas modernizantes externas, produtos novos, que não faziam parte daquilo que os povoadores e colonizadores conheciam.

Deste modo, podemos supor que não foi propriamente a industrialização que fomentou o surgimento do Tradicionalismo, pois na verdade atividades industriais já eram conhecidas no Estado há um bom tempo, e em nenhum dos Movimentos

---

<sup>60</sup> HERRLEIN Jr. Ronaldo. Desenvolvimento industrial e mercado de trabalho no Rio Grande do Sul: 1920-1950. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 14, p. 103-118, jun. 2000. (p. 8).

anteriores foi tida por “prejudicial”, mas ao contrário eram enaltecidas como parte de um grande projeto civilizacional na qual o Tradicionalismo estava incluso. Assim, o peso da investida externa, significando um elemento “estranho” ao processo de formação social histórica do estado, a partir de suas forças colonizadoras, a nosso ver, foi decisivo para a fundação do Movimento, pois isso deve ter significado uma constatação muito séria para alguns, de que com aqueles eventos, as “tradições” efetivamente estariam morrendo.

Mas enfim, essa circunstância de seu nascimento, em um período em que o Rio Grande do Sul recebeu efetivamente a primeira grande ou significativa influência modernizante externa - como foi o caso da chegada das “maravilhas” modernas trazidas pelos EUA - influenciaria diretamente certas concepções futuras do Movimento sobre questões como, por exemplo, a definição do que é ou não tradicional, ou melhor, o que pode ou não fazer parte do conjunto de expressões Tradicionalistas.

Então neste cenário de profundas transformações que se referem tanto a perda de importância econômica e militar no cenário brasileiro, como de contato com os produtos e estilos norte-americanos, é que nasceu o Tradicionalismo moderno, e, justamente, esta circunstância contextual de decadência do estado que diferencia o Movimento moderno das outras fases do nativismo, e como veremos, definiu características distintas que o novo Movimento assumiria. Ou melhor, essas circunstâncias contextuais foram fundamentais na determinação dos rumos do Tradicionalismo, dos agentes que fariam parte, do formato que assumiria, da maneira como trataria as tradições, enfim do modelo de Movimento que seria criado.

***Assim nasce o Tradicionalismo: As implicações do contexto para as suas características constitutivas.***

Com relação a esse novo Movimento, percebe-se de imediato que nesse cenário do século XX, em meio às maravilhas do consumo que chegavam, os agentes mobilizados em torno do projeto Tradicionalista não partiram das elites como nas outras fases. Quem tomou a iniciativa dessa vez foram pessoas de camadas sociais mais baixas, mais especificamente jovens, oriundos do interior do estado, que se sensibilizaram com as transformações que viam ocorrendo. Lessa fala da “afirmação de vitória e fé” que eles precisavam fazer agarrando-se aos antepassados, referindo-se a afirmação da cultura regional frente ao novo mundo que eles presenciavam chegar.

Aqueles jovens então se incumbiram de fundar um movimento para “proteger” a “cultura regional” que acreditavam estar morrendo.

Nessas novas circunstâncias contextuais, as pretensões ou motivações não se constituíram com a mesma grandiosidade de outrora, ou seja, o Movimento que queriam fundar não representava, ou não estava incluso, em grandes projetos políticos ou sociais como foi da implantação da república ou do positivismo. Sua pretensão principal era mesmo resguardar as tradições que estavam “desaparecendo” em meio àquelas transformações.

A condição mais humilde e menos letrada dos agentes não lhe davam nem mesmo os subsídios teóricos ou intelectuais necessários para que se pudessem dizer herdeiros das fases anteriores. Diz Lessa (1985):

Nunca tínhamos ouvido falar das anteriores experiências nativistas – dos anos de 1860, dos anos de 1890 e dos anos de 1920 – e precisávamos escolher nosso rumo por nós mesmos<sup>61</sup>. ”Não contávamos com nenhum modelo pré-existente, e tivemos que buscar por nossa própria intuição o rumo da estrada real”. “Do regionalismo literário dos anos de 1920 nunca tínhamos ouvido falar como escola [...] Quando alguém se referiu a Cezimbra Jacques, fomos procurar seu Grêmio Gaúcho, no bairro Teresópolis, mas já não havia nem sinal de gauchismo naquela sociedade recreativa<sup>62</sup>.

Então, em meio a suas concepções de mundo e possibilidades de execução, em 1948, foi fundado o “CTG 35”, a primeira associação civil devidamente constituída do Tradicionalismo Moderno. Nos objetivos dessa instituição percebe-se bem sua intenção: “o centro terá por finalidade zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções, costumes, etc. [...] o centro não desenvolverá nenhuma atividade político partidária, racial ou religiosa<sup>63</sup>”. O Movimento assim constituiu-se como um construto mais objetivo e simples.

Da mesma maneira, a origem dos membros, assim como suas pretensões e possibilidades, também definiram seu modo de atuação, ou seja, mais do que valorizar teorias, eles concentraram-se na prática da “tradição”: diz-nos Lessa:

---

<sup>61</sup> LESSA, 1985, p. 56.

<sup>62</sup> LESSA, 1985, p. 60.

<sup>63</sup> LESSA, 1985, p. 58.

Vínhamos da área interiorana pastoril [...] não nos animavam preocupações literárias, mas sim o empenho associativo<sup>64</sup>. Ao contrário do movimento literário de trinta anos antes, não pretendíamos escrever sobre o gaúcho ou escrever sobre o galpão: desde o primeiro momento encarnamos em nos mesmos a figura do gaúcho, vestindo e falando à moda galponeira<sup>65</sup>.

Então, procedendo dessa maneira, dispuseram uma característica para esse Movimento, que é o caráter prático, que o diferencia fundamentalmente não só das fases anteriores como de grande parte de movimentos que evocam símbolos culturais para representar uma população/território (como o caso das realezas, dos nacionalismos ou mesmo dos regionalismos) que assumem caráter muito mais apreciativo do que de execução prática. Os Tradicionalistas, ao contrário, não pretendiam apenas coletar elementos folclóricos para colecionar ou resguardar em museus como fazem os antiquários, nem tão pouco se restringir a escrita como os literários, mas queriam vivenciar, dramatizar, aquela “tradição”. Então devido a essas pretensões, de fazer/viver tradição, ao invés de teorizar, eles fundam um Movimento com características bem distintas<sup>66</sup>.

Justamente nesse ponto, devemos considerar uma questão relacionada a esse tema que causou algumas confusões nos estudos sobre o Tradicionalismo. O modo de atuação prático estabelecido pelo movimento desde a sua fundação, que relegou às teorizações um caráter residual ou secundário, determinou também a fraqueza teórica que se faria presente nos textos e documentos do movimento.

Muitos intelectuais se lançaram a fazer severas críticas contra esses textos, acusando-os de estarem repletos de senso comum, de serem ingênuos, de tratarem a cultura de forma estática, positivista, enfim de esboçarem diversas visões estúpidas e conservadoras sobre a cultura. Podemos citar, por exemplo, Ruben Oliven (1993)<sup>67</sup>, que ao analisar alguns os textos do MTG diz que as teorias científicas na forma como são utilizadas pelo Movimento para construir seus argumentos na verdade representam uma maneira de transformar a ciência em senso comum, justamente por serem desenvolvidos

---

<sup>64</sup> LESSA, 1985, P. 57.

<sup>65</sup> LESSA, 1985, P. 58.

<sup>66</sup> Como veremos mais adiante, esse fato justamente acarretaria no manejo do folclore, ou seja, na adaptação do folclore as condições modernas como faz o Tradicionalismo Gaúcho.

<sup>67</sup> OLIVEN, Rubem. A cidade e a tradição. *Ciência e Ambiente*, IV(7) jul/dez 1993, p. 69-78.

sem o domínio efetivo das teorias, ou então com pouco embasamento. De fato, nota-se que os escritos fundadores do Tradicionalismo não são trabalhados de forma aprofundada, o próprio Lessa relatou que se utilizou de apenas dois livros (Donald Pierson e Ralph Linton) com os quais, na medida em que o conteúdo dessas obras se encaixava naquilo que eles estavam fazendo, foi montando uma argumentação teórica sobre o Tradicionalismo, e assim, sem substância mais firme, ou crítica mais desenvolvida, ele teceu um dos documentos mais importantes do Movimento, intitulado “o sentido e o valor do tradicionalismo”.

Contudo, sobre esta condição do Tradicionalismo, de fraqueza teórica, devemos destacar uma circunstância bem importante que em boa medida demonstra a proximidade que o Tradicionalismo teria com a população justamente por não teorizar muito, mas ir direto a prática das expressões. Conforme relata Lessa<sup>68</sup> sobre as conversas que ele tinha com os participantes do Movimento, os tradicionalistas não estavam preocupados em fazer teorias sobre a cultura ou tradição, em falar sobre ideologias de mundo, mas sim em “viver” a “tradição”: Diz Lessa, que os tradicionalistas tratam bastante de temas sobre como o CTG sobrevive, como arrecada verbas, como constrói sua sede, etc. tudo isso eles sabiam, mas não falar de cultura. Deste modo, fica claro que as questões teóricas ou ideológicas, não sendo importantes aos participantes, tem um peso muito menor nas definições dos rumos do movimento do que os intelectuais acreditam. Poder-se-ia acusar, por exemplo, a posição positivista que inunda textos e discursos do Tradicionalismo, mas ao se observar as discussões dos congressos anuais onde são tomadas as decisões mais importantes sobre o Tradicionalismo organizado, observamos que as opiniões ou posições positivistas que possam ser defendidas, são aquelas que podem estar subliminarmente embutidas nas propostas que tangem aos elementos culturais (inclusão, exclusão ou alteração de algum elemento, expressão ou modalidade), e na verdade refletem a mesma influência positivista difusa em toda a sociedade, ou melhor, não há essa sistematização ou consciência sobre essas doutrinas como se pensa. Em última análise, essas preocupações teóricas são muito mais ansiedades dos intelectuais – que não participam do movimento – do que de seus participantes que pouco se atinam para esses temas.

Mas a constatação dessa circunstância não é residual para compreender o Tradicionalismo, mas ao contrário, a partir dela pode-se estabelecer alguns norteadores

---

<sup>68</sup> LESSA in OLIVEN, 1991.

para o estudo do Movimento. Ou seja, na análise do Tradicionalismo, não deve ser buscado a coerência ou a incoerência, o certo ou o errado, o sucesso ou o insucesso, naquilo que está escrito em seus documentos, mas nas suas atividades práticas, cotidianas, pois aí está a sua verdadeira ação. Deste modo, percebe-se, então, que aquilo que pelos intelectuais é considerado fraqueza, na verdade faz parte do grande sucesso do Tradicionalismo entre as camadas populares, pois significa, não uma imposição ideológica que somente faria sentido a intelectuais, mas um importante alinhamento e aproximação com a forma de pensar das camadas populares, com seus códigos sociais e visões de mundo. Foi uma característica assumida já no seu início e muito importante para sua atuação e conseqüentemente para sua propagação.

Falando agora da origem social dos membros, estabeleceu-se também o ângulo na qual eles descreveriam o mundo e as tradições, sendo este evidentemente o “popular” e não o elitizado. E assim, diferenciaram-se novamente dos literatos e folcloristas predominantemente oriundos das elites. E assim, quanto ao caráter social do Movimento, observa-se que, se nos momentos de vigor político e econômico do estado, quem fundou os movimentos nativistas foram as elites, nesse cenário de decadência, as rédeas foram tomadas por jovens das classes popular rurais, que nem de longe detinham a erudição dos antecessores, mas eram jovens na sua ingenuidade construindo um movimento dito “Tradicionalista”.

Diz Lessa (1985), que na definição dos rumos a seguir:

[...] alguns, mais ‘aristocratas’, temiam que o Movimento se popularizasse demais e que a arraia miúda também terminasse fundando seus centros de tradições. Mas era exatamente isso o mais lógico. A elite já tinha seus grêmios tipo Club Comercial, Jockey Club, Rotary Club ou Lions Club<sup>69</sup>”.

Nessas discussões, chegou até ser proposto por alguns de influência maçônica, como é o caso de Glaucus Saraiva, algo mais exotérico, restritivo, este mesmo propôs para o código de honra do CTG 35, como requisito básico de aceitação, “*o reconhecimento de um principio criador de todas as coisas*”. Então se gerou muitas

---

<sup>69</sup> LESSA, 1985, P. 82

discussões e a reprovação do artigo, pois fala Lessa, “na verdade nunca na vida tínhamos ouvido numa roda de galpão uma temática metafísica desse feito<sup>70</sup>”.

E assim, a própria condição popular dos participantes, foi criando a identidade do Movimento, foram definindo os rumos a serem seguidos e automaticamente refutando essas “temáticas metafísicas e restritivas”, mais significantes a grupos letrados. Aos poucos diz Lessa, que os mais sofisticados foram se afastando, ficando neles apenas os mais “simples”, populares, talvez não somente em questões financeiras, mas de identificação, e assim seu destino seria pelo viés popular e não elitizado.

A versão popular foi se impondo, e confirmou-se isso, quando sua tese fundamentadora aprovada no primeiro congresso ficou descrito: “O Tradicionalismo deve ser um Movimento nitidamente POPULAR, não simplesmente intelectual”. Embora ele acreditasse que apenas uma minoria compreendesse a finalidade última do Movimento (que seria resgatar o núcleo local perdido com os eventos modernizantes), diz ele que, “para vencer, é fundamental que seja sentido e desenvolvido no próprio seio das camadas populares, isto é, nas canchas de carreira, nos auditórios das radio emissoras, nos festivais e bailes populares, na Festa do Divino e Navegantes, etc.<sup>71</sup>”. Assim, devido a participação de indivíduos das camadas mais humildes, o Movimento foi constituindo-se pelo código popular, pela visão popular. Essa condição é importantíssima para a compreensão mais precisa do Tradicionalismo. Isso justamente facilitaria a propagação do movimento.

Fica-nos então a pergunta, porque no contexto de crise não partiu das elites a iniciativa de culto a “tradição” do estado? Ora, possivelmente porque a essas alturas, as elites já tivessem abandonado a ideia de culto a tradição e já tivessem se alinhado com as novas tendências da modernidade, já estivessem seduzidas pelas maravilhas modernas: cinema, sorvete, automóveis, discotecas, era um mundo sedutor demais se comparado às velhas tradições pré-modernas. Era, então, a vez do povo, ainda em sua absoluta maioria distante dessas modernidades, iniciar o culto novo a “tradição”.

Devido a essa circunstância, podemos dizer que o ângulo de construção das tradições e do levantamento folclórico que seria feito no gauchismo moderno distinguiu-se não só das fases anteriores, mas também do que se observou na Europa, por exemplo. Ou melhor, diferenciou-se do trabalho feito por antiquários das classes nobres em seu gosto de colecionar bizarrices, e dos literatos românticos para estilizarem

---

<sup>70</sup> LESSA, 1985, P. 61

<sup>71</sup> LESSA, 1985, p. 83

seus textos, que encontraram nas províncias distantes da capital um prato cheio na qual acreditavam eles que poderiam coletar histórias e expressões fantásticas na sua forma mais “íntegra”, e assim protegidos pelas brumas do distanciamento se envolveriam efetivamente da áurea mais “autêntica” da tradição do povo, mas que na verdade eram construções a partir de um ângulo ou irreal ou mitificado conforme suas concepções elitizadas de mundo na qual o povo talvez nem se reconhecesse<sup>72</sup>. No Tradicionalismo moderno, pelo fato de serem os próprios populares a coletar a tradição popular, então certamente, seu ângulo de descrição das tradições - mesmo sendo de igual modo mitificados e por vezes até irreais, ou mesmo expressando a assunção de algumas visões de mundo das elites - certamente codificou melhor o imaginário popular sobre eles mesmos, incluindo seus preconceitos, suas contradições, sua visão de mundo, e assim pode retroagir com mais significado para a população. Conforme Clifford Geertz<sup>73</sup> somente a interpretação do nativo é uma interpretação em primeira mão, afinal é a sua cultura, e, portanto, seria a mais próxima do original, ou a menos descaracterizada, e assim, enquanto Movimento, ele poderia estender-se mais facilmente às camadas populares como efetivamente ocorreu<sup>74</sup>.

Deste modo, são estes, basicamente, os contornos que o Tradicionalismo moderno assumiu devido às circunstâncias contextuais em que sua fundação esteve envolvida e que delinearam em boa medida os rumos que ele seguiu.

Vejamos o quadro a seguir com a síntese/descrição das principais características que destacamos aqui.

---

<sup>72</sup> Sobre os levantamentos sobre a cultura popular feita por literatos românticos e antiquário ou folcloristas ver Renato Ortiz, 1992, *Românticos e Folcloristas*.

<sup>73</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, cap. 1 Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. LTC Editora, Rio de Janeiro, 1989. P.11

<sup>74</sup> No capítulo 2 veremos as investigações sobre propriedades de funcionamento do Tradicionalismo que buscam explicar sua ampla difusão pelo Estado e poderemos observar que a acusação do Movimento ser um grande projeto das elites rurais falidas no intuito de restaurar seu poder por meio da difusão de seus valores e de sua visão de mundo, parece estar muito mais na cabeça dos pesquisadores do que vida real do Movimento. Nossa análise buscará uma interpretação menos espetacular e mais sociológica sobre as condições que fizeram o Tradicionalismo alcançar uma projeção considerável no rio grande do sul.



**QUADRO 1: Características de constituição das diferentes fases do Tradicionalismo**

	<b>Parthenon Literário (fase pré-republicana)</b>	<b>Grêmio Gaúcho (fase republicana)</b>	<b>Tradicionalismo Moderno</b>
<b>Contexto de nascimento</b>	Pujança econômica e política	Pujança econômica e política	Decadência econômica e política
<b>Motivações/ Pretensões/</b>	Aplicar ou influenciar regimes políticos sociais novos: República e positivismo científico.	Aplicar ou influenciar regimes políticos sociais novos: República e positivismo científico.	Resguardar/cultivar as tradições
<b>Modo de atuação</b>	Teórico	Teórico e prático, porem muito mais projeto teórico.	Predominantemente prático. Fraco em teoria.
<b>Caráter social</b>	Elitizado	Elitizado	Popular

Passemos a ver agora como se dispuseram certas noções culturais no tradicionalismo e que também são aspectos fundamentais a compreensão desse fenômeno.

## **CAPÍTULO 2**

### **Cultura, Folclore e Tradição**

A partir da consideração desses aspectos genésicos do Tradicionalismo e que já revelam informações importantes sobre as características do movimento moderno, neste capítulo, vamos refletir sobre outros aspectos de igual importância para a compreensão do Tradicionalismo que se referem a maneira como algumas noções em torno de temas culturais são particularizados no estado e refletidos ou codificados pelo tradicionalismo. Essas noções, assim como aquelas dispostas no capítulo 1, subsidiarão a explicação do modo de operação do Movimento que será trabalhada nos capítulos 3 e 4.

Observa-se então que a maneira como o Tradicionalismo Gaúcho lida, entende ou interpreta as noções de ‘cultura’, ‘folclore’ e ‘tradição’, é uma condição fundamental na atuação do Movimento moderno. Justamente por sua maneira própria de compreender estas questões - calcadas em concepções muito próprias da cultura do Rio Grande do Sul em seu histórico de formação e notoriamente distintas daquelas concepções bem rígidas utilizadas na maioria dos movimentos culturais para orientar sua atuação - é que ele se tornou passível de generalização às diversas situações do tempo e do espaço, podendo assim, tanto representar as múltiplas culturas formadoras do estado, como ser vivido em condições modernas estendendo-se até os dias atuais com notável vigor.

Deste modo, neste capítulo estabeleceremos algumas reflexões sobre a maneira como são concebidas certas questões culturais no Movimento buscando enfatizar os aspectos relevantes e peculiares que permeiam suas lógicas compreensivas e que justamente possam contribuir para o entendimento de sua maneira de atuar e funcionar.

Sendo assim, primeiramente iremos abordar sobre alguns temas amplamente reivindicados quando se fala em questões culturais como, por exemplo, antiguidade, pureza e integralidade - que são alvo efetivo da maioria dos estudos sobre a cultura - e

que no Tradicionalismo parecem ser entendidos de uma forma um tanto distinta das definições convencionais sobre o assunto, não sendo elas, neste caso, definidoras absolutas da identidade coletiva, nem das expressões tradicionais e, tão pouco, de um movimento que se diga ‘Tradicionalista’. Mas ao contrário, manifestam-se nele lógicas e interpretações muito mais abertas, tênues ou flexíveis sobre essas questões - e que estando inextricavelmente atreladas a complexidade cultural do Rio Grande do Sul - podemos dizer que são os condicionantes de seu aspecto de generalidade, são os epistemes orientadores para certas interpretações próprias do Movimento e que lhe permitem constituir-se como tal.

Definidas essas questões, em um segundo momento - considerando que esses temas tidos por fundamentais na constituição da maioria dos movimentos que lidam com temas culturais, quando entendidos em sua forma clássica ou rígida, são apenas secundários para o Tradicionalismo - nos dedicaremos a explorar os fatores que parecem ter importância superior ou efetiva no Movimento para a definição do que é ou não “tradicional”, fatores definidores da tradicionalidade que legitimam ou não um elemento ou expressão. Ou melhor, tendo em vista uma investigação que enfatize as circunstâncias contextuais próprias do Tradicionalismo, e da matriz cultural a que ele está atrelado, no caso, o Rio Grande do Sul, estabeleceremos uma reflexão sobre as lógicas que parecem operar no processo de seleção daqueles elementos que irão, ou não, compor o conjunto de expressões do Movimento.

Por último trabalharemos a parte que pode ser tida por principal neste capítulo, ou seja, o processo de transformação do folclore em tradição realizada pelo Movimento, ou a maneira como o folclore é adaptado para ser vivido em condições modernas. A partir dessa transformação é que finalmente as expressões do Tradicionalismo se tornam potencialmente generalizáveis, ou melhor, se tornam aptas a serem vividas por culturas distintas (pelos diferentes grupos formadores do estado) e também em circunstâncias modernas. E assim já teremos os subsídios para compreender um pouco melhor tanto sua expansão ou propagação pelo estado como sua continuidade até os dias atuais. Então, a partir de uma atuação fundada nas concepções próprias à cultura do Rio Grande do Sul, que condicionaram suas configurações enquanto Movimento, ele pode adquirir a capacidade de projetar-se muito proeminentemente.

Devemos salientar, no entanto, para que não haja confusões conceituais, que as questões trabalhadas neste capítulo, referentes à maneira como os conceitos culturais são compreendidos e mesmo manuseados pelo Tradicionalismo, não representam

objetivamente as propriedades que explicarão por si só a proeminência bastante significativa do Movimento ao longo de seu desenvolvimento, uma vez que a sua maneira própria de entender essas questões, apenas cria a propensão à generalidade, ou melhor, criam a possibilidade de expansão e de continuidade, mas não a garantia de que isso ocorrerá. Na prática a capacidade de generalidade faz parte, por exemplo, de qualquer “estilo” de vida difundido pelo capitalismo moderno, mas nem por isso todas as pessoas aderem aos mesmos costumes. Deste modo, haverão outras propriedades atuando no funcionamento do Tradicionalismo para que ele adquira ampla aceitação e capacidade representativa em meio a população do estado, (criando inclusive uma espécie de etnicidade gaúcha), e também para que possa ter apresentado a perenidade até os dias atuais tendo suas expressões executadas com notável vigor na sociedade rio-grandense. Como já falamos, veremos as propriedades que explicam esses processos nos capítulos 3 e 4.

Por fim, podemos dizer que essa maneira de lidar e interpretar as questões culturais, como serão observadas, é a base de onde devemos partir para compreender com mais clareza a atual projeção do Tradicionalismo, tendo em vista que justamente a partir destas questões, ou seja, interpretando-o a partir da base cultural que ele se formou, e não por meio de teorias formuladas sobre outros contextos, é que se poderá compreender com mais precisão a maneira de atuação do Movimento e sobre certas visões de mundo presentes nele.

## **2.1 - Considerações acerca de alguns assuntos da “cultura” e do “Tradicionalismo” importantes à compreensão do fenômeno**

Como dissemos, existem vários temas que são obrigatoriamente evocados quando se fala em movimentos culturais ou tradicionais. São aqueles considerados sagrados pelos chamados guardiões ou sacerdotes de qualquer movimento: pureza, integralidade, antiguidade, etc. e são esses os assuntos responsáveis justamente pelas marcações étnicas, religiosas, nacionais, por vezes bastante agudas que observamos pelo mundo, podendo mesmo tornar-se fundamentalistas quando são compreendidos de maneira literal.

No Tradicionalismo estes aspectos também operam, mas percebe-se que eles são interpretados de uma maneira bem distinta da forma como são apreendidos classicamente por outros movimentos. Na verdade, devemos considerar que as lógicas

operantes no Tradicionalismo, como dissemos, estão profundamente atreladas às características de formação histórica do Rio Grande do Sul - e da América como um todo – e assim as características distintas dessas sociedades - tendo em vista suas formações recentes e suas marcações culturais muito menos nítidas se comparadas, por exemplo, as antiquíssimas Europa, Ásia e África - geram novas lógicas e novas problemáticas em torno das questões culturais.

Deste modo, constata-se que se tentarmos compreender o Tradicionalismo utilizando rigidamente as ferramentas teóricas elaboradas por pesquisadores normalmente europeus para análise de outros casos, veremos que elas se aplicam apenas desajustadamente na análise desse fenômeno e não nos encaminham a uma compreensão efetiva do caso. Assim sendo, faz-se necessário estabelecer uma breve reflexão sobre algumas questões fundamentais para o entendimento da atuação e funcionamento do Tradicionalismo, que se referem justamente a disposições que permeiam o Movimento na sua maneira própria de compreender certas noções culturais, atreladas inseparadamente a realidade social que ele se manifesta, como por exemplo: como se singulariza o peso da antiguidade ou temporalidade na definição da tradicionalidade de um elemento; a noção de etnia para a representação coletiva; a separação entre cultura de elite e cultura do povo; e o caráter destradicionalizado (que aqui pode ser entendido como integralidade) da vivência dos membros. A partir da relativização desses aspectos, da maneira flexível que foi assumido pelo tradicionalismo, foi possível ao movimento abarcar a complexidade cultural do Rio Grande do Sul. Com o entendimento dessas questões, poderemos compreender certas visões de mundo e certas características de atuação manifestadas no movimento que estamos estudando.

### ***Antiguidade: A noção de “tradição” para o “Tradicionalismo gaúcho”***

Observa-se que, quanto à questão da antiguidade, tão caro aos discursos sobre folclore e tradição, na qual a falta desse critério em um “elemento” ou “expressão” cultural pode gerar mesmo acusações de falsidade, de invenção, etc. devemos dizer que se quisermos aplicar ao continente americano essas noções com o mesmo significado que se aplica aos velhos continentes, então nem mesmo poderíamos dizer que temos tradições, pois na grande maioria delas não passariam de três séculos (o que para um europeu já significava o início da modernidade, já transcorriam as suas revoluções

industriais e republicanas). O próprio e tão afamado kilt escocês que na Europa sofreu severas críticas por não ter a “devida” antiguidade, por não ter suas origens perdidas no tempo, se fosse avaliado por sua idade (século XVIII), seria um dos elementos mais antigos da tradição gaúcha.

Evidentemente que devido a matriz social própria da Europa e dos outros continentes antigos, já com milhares de anos de civilização, a questão da origem e do tempo adquiriram uma importância muito maior, sendo necessariamente evocadas pelos movimentos de cunho cultural, tradicional, nacional, etc. com muito mais rigidez para justificarem suas causas. E também muito explorados pelas análises sociológicas que acabam colaborando com essas noções ao criticar algo por falso na medida em que um determinado elemento ou expressão não detém tal característica. É uma visão praticamente convencional sobre o assunto, e que certamente influenciou bastante as pesquisas sobre o Tradicionalismo Gaúcho.

Contudo, no continente americano, essas noções só podem ser compreendidas de forma bastante distintas, muito mais flexível, tendo em vista que a origem dos elementos – pelo menos no que tange aos colonizadores – quase nunca é tão antiga e quase sempre é identificável. Evidentemente que ocorre por parte de alguns ativistas do Tradicionalismo – certamente pela forte influência das noções europeias utilizadas pelos intelectuais - a tentativa de sacralizar os elementos pela sua antiguidade, mas mesmo neles, essa noção já é muito flexível, pois, o século XIX já é antigo o suficiente para sustentar algo como verdadeiramente tradicional, e se for ainda mais novo, também não haverá maiores problemas desde que sejam obedecidos certos critérios considerados importantes para definir sua tradicionalidade (critérios que veremos mais adiante). Então, por exemplo, quando a pesquisadora Maria Eunice Maciel, diz que no tradicionalismo “o critério de “antiguidade” é confundido assim com “autenticidade”, ou seja, quanto mais antigo mais legítimo se torna<sup>75</sup>”, ela na verdade equivoca-se, calcada ou influenciada por uma maneira muito convencional de abordar a questão, cruzando teorias elaboradas para outras realidades e desconsiderando as verdadeiras lógicas que operam no fenômeno, que, como veremos mais adiante, só podem ser encontradas quando relacionada a sua matriz histórica, no caso a dinâmica sociocultural sobre a qual o movimento se formou. Deste modo, em uma análise que considere todos esses aspectos, veremos que de forma alguma procede no Tradicionalismo, a

---

<sup>75</sup> MACIEL, 2007.

circunstância da antiguidade determinar a legitimidade ou tradicionalidade de um elemento. Mas ao contrário, podemos dizer que a noção de ‘antiguidade’ no Tradicionalismo é bastante atenuada e não tem peso absoluto na determinação da tradicionalidade das expressões.

Essa propriedade do Tradicionalismo, na forma como ela se coloca, será uma das características que influenciarão a percepção do Movimento sobre o mundo e sobre as tradições, bem como seu funcionamento e atuação. (Essa questão será trabalhada com maior profundidade e poderá ser compreendida melhor logo adiante quando refletirmos sobre as lógicas de seleção de elementos presentes no tradicionalismo. Poderemos constatar que o critério de antiguidade assim como outras noções muito utilizadas são apenas residuais para legitimar algo como tradicional).

### *A ruralidade ao invés de etnia*

Do mesmo modo, podemos dizer que a questão da etnicidade também não é interpretada de forma rígida ou convencional, e possui na verdade - alinhado ao próprio contexto de formação do Rio Grande do Sul (considerando que este é composto por vários grupos étnicos) - caráter secundário na constituição do Tradicionalismo. O fator de identificação comum deslocou-se então para o elemento comum no caso da maioria dos colonizadores do estado: A terra e a vida rural.

Sobre a questão da etnicidade, segundo o antropólogo Fredrik Barth (1998), na literatura especializada o termo étnico é geralmente utilizado para designar uma população que:

- (1) perpetua-se biologicamente de modo amplo;
- (2) compartilha valores culturais fundamentais realizados em patente unidade nas formas culturais;
- (3) constitui um campo de comunicação e interação;
- (4) possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias de mesmo tipo<sup>76</sup>.

Essa definição, segundo o autor, não é muito diferente da proposição tradicional que postula: uma raça = uma cultura = uma linguagem; ou ainda: uma entidade que

---

<sup>76</sup> BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In, Poutignat, Philippe e Streiff-Fenart, Jocelyne. Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. (p. 189 – 190)

rejeita ou discrimina as outras. Essa interpretação, conforme Barth, nos leva a considerar os grupos como homogêneos e com fronteiras ou barreiras nítidas de separação e não problemáticas. Convencionalmente são essas as noções evocadas por grupos que lidam com temas culturais para legitimarem suas causas e sobre a qual as teorias de boa parte dos intelectuais se orienta.

Contudo no caso do Tradicionalismo, muito embora seu ideal remeta a construção de uma unidade psicológica comum, percebe-se que desde o seu início, devido justamente às circunstâncias contextuais do Rio Grande do Sul, essas noções foram tratadas em um sentido diferente.

Devemos considerar sobre o processo de formação do estado, que, por exemplo, o caso da região da Campanha Gaúcha, onde o povoamento foi formado majoritariamente por açorianos, portugueses e espanhóis, o culto a essas nacionalidades não se constituiu como algo institucionalizado, mas as referências patrióticas desde cedo se remeteram aos tipos da região (determinados pelo ambiente e miscigenação). Já ao que se refere às etnias chamadas de imigrantes<sup>77</sup>, justamente por terem um caráter mais recente de povoamento, podemos dizer que as comunidades fechadas, os enclaves, foram algo mais frequente, foram, por certo, muito fortes no passado, principalmente, entre alemães e italianos, e ainda continuam em alguns rincões mais isolados, contudo por outro lado, a abertura e a hibridização também ocorreu com muita intensidade nessas comunidades, enfraquecendo assim a possibilidade de marcações mais severas. Então a questão étnica, embora exista, não chegou a constituir-se como um tabu no Rio Grande do Sul. E deste modo, devido a essas circunstâncias de amplo contato entre as etnias, podemos dizer que a mistura, a hibridização sempre existiram com bastante intensidade, e, assim, o caráter de interrelação superou o isolamento, a hibridização foi mais forte do que a separação.

Neste caso, devido a isso, se fossemos avaliar o Rio Grande do Sul, o Brasil, ou qualquer país do continente americano, com os parâmetros étnicos europeus, nem de longe teríamos a tão buscada pureza<sup>78</sup>, pois não temos composições sociais étnicas no sentido europeu do termo, nossas sociedades são menos demarcadas nessa acepção<sup>79</sup>, e assim, noções como “destino comum”, “nação”, “identidade”, muito frequente em

---

<sup>77</sup> São chamadas etnias imigrantes aquelas que chegaram ao Brasil depois da independência em 1822.

<sup>78</sup> Na verdade, como sabemos, em nenhuma sociedade humana se encontraria a tão buscada pureza.

<sup>79</sup> As sociedades europeias talvez sejam até mais híbridas do que as americanas dado ao grande cruzamento de culturas e etnias daquele continente, contudo, ao menos no plano imaginário, eles enxergam o mundo de uma forma mais demarcada etnicamente.



discursos nacionalistas, são muito mais frágeis e recebem interpretações muito distintas nessas sociedades<sup>80</sup>. Então no caso dessas sociedades, a etnicidade tem apenas um papel secundário e circunstancial, ou seja, existe, mas não é decisivo. Não se constituiu como um parâmetro de avaliação absoluto.

Por outro lado, constituíram-se ou definiram-se outros parâmetros de identificação comum, e no caso do Rio Grande do Sul e do Tradicionalismo, a ‘ruralidade’ ganhou significância maior do que o próprio caráter étnico.

Para entender isso no caso a que nos referimos, vamos considerar que a cultura de um povo é formada por todas as experiências e contatos que ele tem ao longo da história, seja de cunho econômico, social, político e cultural. São todas marcas que aos poucos vão compondo a cultura de uma sociedade. Deste modo, a própria condição de conviver com etnias distintas já é uma experiência que deixou uma marca própria da cultura do Rio Grande do Sul, por assim dizer, estabeleceu a condição ou experiência de conviver ou se relacionar com etnias diferentes e com a “miscigenação” e sobre o qual, certamente, se ergueram alguns aspectos do seu imaginário sobre o mundo. De igual modo, no caso desse estado, com especial relevância, a experiência com a terra, deixou marcas muito fortes na cultura da região. Se a guerra, a fronteira, a miscigenação e a missão colonizadora são fatores importantes, o contato com a terra é justamente o que está por trás de tudo isso. Normalmente a condição de fronteira é tratada como principal elemento na formação da identidade do gaúcho, contudo, devemos considerar que a própria fronteira esta condicionada a terra que esta sendo defendida ou alargada, e a missão de povoação e de colonização que se estende sobre ela, ou seja, não podemos observar o elemento “fronteira” isoladamente, uma vez que ‘cultura de fronteira’ pode se referir simplesmente ao contrabando se não tiver vinculada a um compromisso de defesa, a missão colonizadora e povoadora da terra. Então o problema primordial não seria a fronteira, mas sim a terra.

E sendo assim, este é um elemento que liga todos os povos formadores do Rio Grande do Sul, constitui-se como o elemento comum desde fronteiriços até colonos, uma vez que todos tiveram uma relação íntima e difícil com a terra, pois todos tiveram que defender, povoar, colonizar.

Justamente por situações como essa, que poderíamos explicar, por exemplo, apego do gaúcho com seu ‘pago’, com sua ‘querência’, e assim, as tradições do estado

---

<sup>80</sup> Justamente por essa circunstância, encontram-se aí as tão julgadas contradições e “confusões” culturais de nossas sociedades, na qual a mistura de raças, explicariam o subdesenvolvimento do continente.

serão quase sempre em referência a terra, estarão vinculadas ao mundo rural (diferente de sociedades que podem vincular suas tradições à realeza, por exemplo). E por isso, a ruralidade é tão significativa nesse contexto, superando a questão étnica que é tênue, flexível.

Então o contexto de formação do estado, fez com que a etnia de certa forma se diluísse, perdesse parte de seu sentido em meio à miscigenação que se estabeleceu e assim, a ruralidade – quando passa a ser evocada e mitificada pelo Movimento - colocou-se como elemento central tendo em vista a relação desses povoadores com a terra, na missão de povoá-la, colonizá-la e defende-la. Neste caso, observamos que a ruralidade se coloca, não como um elemento retrogrado, mas significativa, marcante, e mais, em uma matriz histórica comum aos povoadores. E assim percebemos que o “bucólico”, não é algo criado somente pelos literatos, mas tem um sentido nessa cultura e pode, como dissemos, explicar questões como o próprio bairrismo do gaúcho.

Em resumo dessa situação, podemos dizer que o movimento nunca pretendeu ser de cunho fechado ou rigidamente étnico, mas isso, é claro, não por algum tipo de convicção briosa, mas porque a questão étnica não era algo que se fizesse presente nas temáticas políticas e culturais do estado e, portanto, não tinha a necessidade de ser posta em causa. Então ele se apegou em outros temas culturais, que determinados pelo contexto histórico do Rio Grande do Sul, eram considerados muito mais importantes, e se referem aquilo que foi chamado de “tradição” rural do estado, seus costumes e hábitos e que casuisticamente também fizeram referência a todas as etnias formadoras da região, dada a condição histórica de colonização e povoamento que todas passaram. Deste modo, dadas as características de formação do estado, o movimento ao enaltecer a ruralidade como elemento de identificação e deslocar a etnia para um plano secundário (ou inexistente) ele inconscientemente se alinhou as condições socioculturais do estado, podendo assim superar as diferenças culturais e fornecer um elemento de identificação comum.

(A questão da ruralidade será novamente trabalhada no capítulo 3, pois foi a partir desta circunstância, que o Tradicionalismo adquiriu a significância necessária para se estender às diversas comunidades do estado).

## *Cultura de Elites*

A terceira questão que gostaríamos de enfatizar aqui, se refere justamente à diferenciação que se pode fazer na sociedade rio-grandense entre a cultura de elites e a cultura popular e a forma como essa distinção é assumida pelo tradicionalismo.

Para a compreensão desse aspecto vamos considerar que em locais como Europa, China, Índia, Oriente Próximo, onde se manifestam monarquias ou castas constituídas às vezes a milhares de anos, em oposição ao povo, e bastante isoladas, existe uma distinção bem maior, se comparadas ao Rio Grande do Sul, entre elite e classes populares. Justamente nesses casos de sociedades mais antigas que os próprios conceitos de folclore, cultura de elite, e os estudos marxistas de crítica cultural fazem mais sentido, se aplicam melhor, pois na verdade a partir dessas circunstâncias que foram forjados as principais teorias sobre o assunto.

Contudo, sobre a distinção dos hábitos e costumes dessas duas classes - que não é raro se tratar como duas esferas culturais absolutamente separadas - devemos considerar, conforme demonstrou Carlo Ginzburg<sup>81</sup>, que entre as classes dominantes e subalternas existe uma “circularidade cultural” revelando a impossibilidade, ao menos em circunstâncias pré-industriais, de estabelecer uma fissura tão nítida entre cultura elitista e cultura popular, uma vez que essas interagem entre si influenciando-se reciprocamente de forma bastante significativa.

Em consonância com essa constatação, ao analisar a realidade do Rio Grande do Sul, percebe-se que a noção de “circularidade cultural” opera de forma bastante aguda, pois, neste contexto, o contato entre os dirigentes e os subordinados se deu de maneira bem direta e próxima, estabelecendo, ao menos em alguns aspectos (naqueles que se referem à vida rural) uma semelhança bem grande entre aquilo que ambos conhecem e vivem.

Sobre essa característica social, devemos considerar que no caso não só do estado gaúcho, mas de várias outras regiões como, por exemplo, o nordeste brasileiro, os sertões do sudeste e do centro oeste, e inúmeros outros recantos do continente americano – as comunidades se formaram sob condições de ausência de entidades reais

---

<sup>81</sup> O autor trabalha o conceito de circularidade cultural na obra “O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição”. Destacando as influências culturais recíprocas entre as camadas populares e as elites na Europa pré-industrial. Sobre o autor ver artigo de: MELLO, Adilson da Silva; JUNIOR, Otávio Candido da Silva. Uma Leitura da “circularidade” entre culturas em Carlo Ginzburg. janus, lorena, ano 3, nº 4, 2º semestre de 2006.

ou qualquer tipo de poder mais espetacular. Justamente pelo isolamento, pobreza e selvageria, nessas regiões, os agentes colonizadores, nem de longe poderiam apresentar o mesmo refinamento dos nobres das cortes e nem estabelecer uma separação ou distanciamento muito grande entre comandantes e subordinados. E assim, se constituíram em sociedades que a distinção entre cultura da elite e cultura do povo se mostraram bem pouco aparentes. Embora as relações de poder tenham criado diferenças profundas entre esses grupos, ambos compartilhavam de uma gama bem grande de elementos culturais comuns. Deste modo, os mesmos termos dessas sociedades de “realeza” sobre a distinção entre a cultura elitista e cultura popular não podem ser aplicadas para regiões como as que nos referimos, pois embora em todas operem a circularidade cultural, certamente um patrão vivia muito mais próximo do seu peão, do que o rei do seu súdito.

A par dessas considerações, vamos observar como foi apreendida a separação entre cultura de elite e cultura de povo no Rio Grande do Sul, ao menos para a construção do regionalismo e que evidentemente influenciaria o tradicionalismo. Muitos teóricos teceram críticas severas contra o Tradicionalismo acusando-o de generalizar os padrões culturais das elites rurais antigas à população, mas certamente essas formulações estavam enevoadas pelas noções distantes sobre a questão, sem considerar os aspectos particulares do contexto local. No caso do Rio Grande do Sul, se quisermos tecer uma reflexão mais coerente que diferencie cultura de elite e cultura popular, na forma como é assumida ou separada pelo tradicionalismo, então teremos que considerar que os hábitos da elite no século XIX e início do século XX - além daqueles hábitos próprios das atividades da estância e que efetivamente aproximavam o peão e o patrão - eram recheados de usanças francesas, ao ponto de que, por exemplo, a própria sociedade pelotense do tempo de Simões Lopes Neto foi alvo de diversos preconceitos devido aos hábitos demasiadamente refinados de sua elite. A cultura de elite descrita em sua plenitude deve conter esses dois aspectos: os hábitos afrancesados e aqueles próprios à região.

Lopes, no seu regionalismo, ao descrever os costumes e lendas populares, ele automaticamente diferenciava a cultura de elite que era afrancesada, da cultura popular que era a de galpão. Fundado nessa distinção, estabeleceu em seus contos e lendas algumas das mais importantes idealizações sobre o regionalismo e que posteriormente serviriam ao Tradicionalismo. Assim, para Lopes, a cultura gauchesca era aquela própria dos peões e não os hábitos franceses muito comuns entre os mais ricos. Deste

modo, sendo a cultura do galpão aquela relacionada ao povo, pode ser um tanto enganador acreditar que no Tradicionalismo imperam somente hábitos das elites e pouco se referem ao povo, pois ao que parece, o Tradicionalismo moderno, não trata de hábitos franceses, mas ao contrário disso, se refere, muito mais a forma como o povo manifestava suas expressões<sup>82</sup> no ambiente rural.

Podemos citar aqui como exemplo disso uma expressão muito emblemática para essa questão que é o caso dos vestidos das prendas dos CTG's. Essa indumentária muito pomposa, com traços nitidamente afrancesados das damas da alta sociedade, que encomendavam suas vestes, muitas vezes, diretamente dos *ateliers* parisienses, certamente não eram os mesmos vestidos utilizados pelas moças pobres do meio rural, ou seja, daquelas que efetivamente poderiam ser as companheiras dos peões do galpão (realidade que o Tradicionalismo pretende representar). Com essa constatação poderíamos, a primeira vista, considerar que é uma imposição das elites sobre o modo de ser do povo, que nem próximo comungava desses hábitos, contudo quando nos detemos a realidade local, sabemos que a interpretação para esse caso só pode ser outra. Ou melhor, devemos considerar que seria até mesmo uma ofensa para um homem das classes altas, idealizar a moça fina da casa grande, podendo ser essa sua irmã ou sua filha, como sendo ela a mulher do gaúcho, do errante, ou mesmo do próprio peão serviçal. Para este tipo restaria a “china”, mulher de vida solta, divertimento da peonada depois dos dias brutos de lida ou de guerra, ou então no máximo a “chinoca”, que não é meretriz, mas é uma a moça simples, filha também de outros peões. E assim percebe-se que essa tal prenda atual dos CTG's na verdade é a idealização romântica feita pela ingenuidade daqueles jovens fundadores do movimento, sobre a moça bela, cheirosa, filha do patrão, distante deles, mas que no Tradicionalismo, como em um conto cavalheiresco, foi retratada como a mulher do peão, do gaúcho. Neste exemplo observamos o ângulo popular em que se constituíram as expressões do Tradicionalismo.

Essa hipótese da visão popular não poder ser desconsiderada, pois certamente essa circunstância colaboraria para o sentido ou significado que o Tradicionalismo moderno faria às camadas populares. Lopes participara da Sociedade União Gaúcha Pelotense (que era congênere do Grêmio Gaúcho de Porto Alegre), mas mesmo ele tendo admitido a cultura do galpão como sendo a cultura do povo e não das elites, ainda não seria o momento que o Tradicionalismo iria decolar, pois, sua proposta ainda estava

---

<sup>82</sup> O que não anula claro a condição subordinada da população e também que a própria visão do povo seja em boa medida influenciada pela visão das elites.

tomada pela visão elitistas da “cultura popular”, eram clubes próprios das elites, e tiveram seu fim tão logo que as elites encontraram outro divertimento para se entreter. Então somente com o novo Movimento que surgiria em meados do século XX, quando os agentes menos eruditos dentre todos os anteriores que tentaram resgatar as “tradições”, criaram um movimento pelo ângulo popular, é que o Tradicionalismo finalmente decolaria.

### ***Destradicionalização***

Por último iremos destacar outro fator que assume característica bem específica no Tradicionalismo, ou seja, a maneira como a “tradição” é vivida no movimento. Também muito alinhada ao contexto social da região, que tornaria difícil qualquer tentativa de viver a tradição aos moldes tradicionais, na maneira como o movimento se constituiu, se instaurou por assim dizer uma vivência “destradicionalizada” da tradição. Esse aspecto está relacionado à “integralidade” da forma como a tradição é concebida.

Para apreensão dessa característica, devemos considerar que, ao contrário de grande parte dos espetáculos ditos tradicionais, dos países, governos ou monarquias, que muitas vezes estão bem distantes do público, e podem se resumir a cerimoniais, exposições de museus e prédios restaurados, o Tradicionalismo trata suas manifestações como expressões “vivas” que devem ser praticadas por todos. E assim, para que isso fosse praticável, a noção de tradição teria que ser entendida de forma especial, ou melhor, ao contrário de arcaísmos observados em segmentos retrógrados, não se buscou (re)viver a tradição integralmente ou literalmente, mas ao contrário, como veremos, em um processo bem distinto, o Movimento resignificou a tradição e adaptou para ser vivida em condições modernas. E assim, difere-se também de Movimentos, por exemplo, do tipo fundamentalista, pois a ‘integralidade’ de uma expressão, da forma como é vivida, não terá muita relevância para considerar sua tradicionalidade. Se por vezes são proferidas algumas opiniões mais radicais, não pude observar, nas idas a campo, nenhum Tradicionalista que se abstenha das modernidades, que almeje viver a tradição integralmente, na estância. Mesmo um dos mais radicais que contatei, e certamente trata-se de um guardião do Movimento, era adepto de inúmeras práticas da vida moderna.

Deste modo, no Tradicionalismo, a tradição não é vivida de maneira tradicional, Ela está desassociada da seiva da ‘tradição tradicional’ que para Giddens (2003) é a

conexão com a experiência da vida cotidiana<sup>83</sup>. Ou melhor, o Tradicionalismo não está interessado em manter o estilo de vida antigo e nem os valores dessas sociedades tal como eram no passado, mas apenas reproduzi-los adaptadamente, assumindo assim um sentido simbólico da vida antiga. Os elementos são colocados em um plano quase ritualístico e passam a ser cultuados/executados. E assim, por não ser tradicional, ele não é explicado pelo seu próprio ritual interno, como verdade absoluta, mas ele é fruto da reflexividade dos sujeitos que já nasceram inclusos em uma sociedade destradicionalizada. Mesmo que algum membro acredite piamente na integralidade das tradições, ainda sim, participa do Movimento por opção e não por imposição comunitária, então a reflexividade sobrepõe-se a qualquer pretensão de “verdade absoluta” que alguém possa evocar. Deste modo, ao se por como tradição destradicionalizada<sup>84</sup>, o Movimento entra em consonância não só com as características sociais vigentes na sociedade rio-grandense, como com o projeto reflexivo da pós-modernidade<sup>85</sup>.

Esta então é uma característica própria do Tradicionalismo gaúcho que o distingue bastante de outros movimentos tradicionais que por vezes assumem posições fundamentalistas. Mais adiante, no terceiro capítulo, poderemos compreender os motivos do Movimento ser tachado por alguns críticos de retrogrado, destacaremos a que se dirige suas críticas.

\* \* \*

Esses são os pontos presentes no Tradicionalismo que gostaríamos de destacar e que nos ajudam a compreender de maneira mais consistente a atuação do Movimento. Percebemos então que fatores como antiguidade, etnia, noções de cultura de elite ou povo, assim como integralidade, são compreendidos de maneira muito própria pelo Tradicionalismo e não possuem o mesmo peso na determinação da tradicionalidade das expressões como se observa em outros movimentos que versam sobre temas culturais, sejam eles meramente de cunho lúdico, político, religioso, ou nacionalista, etc. Podemos dizer que os termos convencionais construídos para analisar as questões culturais, não

---

<sup>83</sup> GIDDENS, 2003, p. 54.

<sup>84</sup> BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; e LASH, Scott. Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna. Ed. UNESP. São Paulo, 1995.

<sup>85</sup> Giddens não se utiliza da noção de “pós-modernidade” para classificar a sociedade atual, mas fala de “alta modernidade” ou “modernidade reflexiva”.

são aplicados eficientemente ao continente americano, pois essas noções são resignificadas no continente e ganham outros contornos e, assim, exige-se uma maior atenção no uso das teorias. Essas disposições conceituais observadas no Tradicionalismo estão atreladas ou são o reflexo da matriz social e cultural do Rio Grande do Sul. São estas disposições que irão fornecer os contornos de atuação do Movimento, uma vez que essas concepções são os termos sob a qual o Tradicionalismo dispôs suas configurações.

Veremos agora os elementos que parecem ser realmente significativos para o Tradicionalismo no processo de seleção dos seus elementos. Uma vez compreendido isso, poderemos compreender o processo de transformação do folclore em tradição.

## **2.2 - As lógicas que operam na seleção dos elementos do Tradicionalismo**

Existem lógicas bem específicas ao Movimento que condicionam a seleção daqueles elementos considerados “tradicionalis” - e que, portanto, estariam aptos a compor o conjunto de expressões do Tradicionalismo - e que ao mesmo tempo excluem outros. É justamente o conjunto desses elementos que vai compor a possibilidade de identidade do grupo de suas representações.

### ***A noção de “cultura” e “tradição”***

Para entender as lógicas que parecem operar na seleção de elementos do Tradicionalismo teremos que primeiramente fazer uma breve consideração sobre a noção de “cultura” e “tradição”.

Tanto “cultura” como “tradição” são termos bem problemáticos de se tentar definir, entre as inúmeras discussões que se suscitou sobre “cultura”, por exemplo, podemos destacar Max Weber, Franz boas, Levi Strauss, Clifford Geertz, etc. De igual modo, o conceito de “tradição” se mostra talvez ainda mais impreciso, não só pela versatilidade do tema que é usado em muitos sentidos (uma tradição pode ser um método, uma técnica, um ritual, podem ser normas de conduta e convivência, códigos sociais, ou simplesmente, a tradição de fazer uma boa comida, ou de vencer uma corrida, de se prestar um bom serviço, ou ainda pelo fato de existir a muito tempo) como também pelas reduzidas tentativas de defini-lo. Diz Giddens (2003) sobre o tema que:



Há infindáveis discussões sobre modernização, e sobre o que significa ser moderno, mas pouco realmente sobre tradição. Quando estava pesquisando para este capítulo, deparei com dezenas de livros acadêmicos em inglês com “modernidade” no título. De fato, eu mesmo escrevi alguns – mas só consegui uns dois que tratavam de tradição<sup>86</sup>.

Contudo para esta reflexão, como pretendemos apenas destacar o caráter subjetivo das tradições, então poderemos utilizar a noção bem ampla desses conceitos seguindo uma linha ao estilo E. B. Tylor<sup>87</sup>.

Sendo assim, a noção de cultura de uma forma bem geral é todo o conjunto de hábitos, costumes, imaginários, técnicas, expressões e usanças, praticadas em uma determinada sociedade, compreendendo todo o tipo de expressão, sejam elas tidas por “autênticas” ou oriundas de aculturações ou importações. Tradição, por sua vez, também de uma forma bem ampla, é tudo aquilo que se achou interessante ou mesmo conveniente que, no desenrolar das mudanças sociais, fosse preservado dentre as práticas de uma sociedade.

Nesse sentido, qualquer tradição já é fruto de uma seleção sobre o que será mantido do passado. Esta seleção é mediada por uma série de dispositivos fundados nas relações de poder, nos valores vigentes, na importância de algo para uma época, etc. e podem mudar conforme o tempo. Mas ela sempre tem um objetivo que é manter algo considerado importante para um grupo ou para a sociedade como um todo. E muito embora os arquitetos do poder quase sempre recobrem tradições remotas, revestidas de sentidos que muitas vezes nem mesmo existiram, de um tempo de ouro, romantizando situações, a fim de manter o *status quo*, não devemos preconceituosamente colocar sempre questões financeiras ou de poder como os únicos motivos, pois assim estaríamos sendo maquiavélicos demais, uma vez que as próprias questões sentimentais, de lembranças, das boas recordações<sup>88</sup> que uma pessoa possa ter sobre sua história já são suficientes para desejar que algo não se termine, que seja preservado<sup>89</sup>.

---

<sup>86</sup> GIDDENS, 2003.

<sup>87</sup> Sobre o conceito de cultura ver Roque de Barros Laraia “cultura um conceito antropológico” e Denis Cuche “A noção de cultura nas Ciências Sociais”.

<sup>88</sup> Claro que nesse processo, o indivíduo já romantiza as boas recordações e esquece as más, e assim cria um tempo de ouro em sua mente.

<sup>89</sup> Deste modo, nem sempre o objetivo da tradição é manter o status quo, Giddens modernização reflexiva, p. 127.

Sendo assim, tradição é uma reinterpretação daquilo que as disposições de um determinado contexto fizeram nascer e desenvolver, mas que devido às dinâmicas sociais, foram ultrapassadas, e por isso não podendo mais persistir espontaneamente, passam a ser evocadas ritualmente. Quando algo começa a ser percebido como tradição é porque está deixando de ser espontâneo, as pessoas passam a defender isso coletivamente, e então se criam rituais com esse intuito. E assim, conforme Giddens (2003) “todas as tradições são tradições inventadas [...] e tradições e costumes foram inventados por uma diversidade de razões<sup>90</sup>”. Deste modo, por exemplo, alguma receita culinária que era muito comum em um determinado local, quando muda o contexto, as pessoas deixam de fazer aquilo em casa, digamos, à moda antiga, então este pode passar, por exemplo, a ser vendido em estabelecimentos comerciais com toda uma áurea tradicional, mas já muito deslocado da maneira antiga. É uma maneira de preservar algo em outra realidade, mas já não é algo mais efetivamente tradicional, no sentido pré-moderno do termo, mas sim uma releitura de algo tradicional. Mas devemos considerar que nem todos os “elementos históricos”, ou seja, aqueles que inegavelmente fizeram parte dos hábitos do passado (ou do presente) ganham a alcunha de “tradicionais”, pois a isto se refere somente àqueles que são mantidos por rituais como significantes para uma determinada sociedade. Algumas coisas são lançadas aos museus, e passam a ser lembranças mortas, destituídas de qualquer ritual de significância<sup>91</sup>.

Em suma, podemos dizer que “cultura” é todo o englobante das formas de vida de uma sociedade<sup>92</sup>. Tradição, por sua vez, é aquilo considerado importante de se passar de geração em geração. A maior parte dos elementos, hábitos, objetos de nossa vida são modificados de um dia para o outro sem nem mesmo refletirmos sobre sua importância para nossa vida, são artigos de consumo, modos de falar, de fazer, etc. a tradição então são aqueles elementos que por alguma razão, acreditamos que deve ser mantido em nossos hábitos, em nosso cotidiano, passamos então a esforçar-nos coletivamente para manter aquilo mesmo tendo mudado as condições em que aqueles elementos surgiram e de desenvolveram, ainda são importantes para nós e vemos a necessidade de preservá-lo.

Tendo em vista esse processo, como dissemos, podemos perceber que a tradição necessariamente já depende de uma seleção de elementos sobre o que é importante e

---

<sup>90</sup> GIDDENS, 2010, p.50.

<sup>91</sup> Como vimos, a isso Giddens chama de “reliquias”.

<sup>92</sup> Linha compreensiva de E. B. Tylor (1871).

sobre o que não é importante. Essa escolha, evidentemente dependerá das visões de mundo, das relações de poder, das forças sociais, das lógicas operantes na sociedade que o escolhe. Ou melhor, elementos não são escolhidos aleatoriamente, existem dispositivos sociais de seleção que fazem um elemento ser escolhido e outro não. Veremos então como isso se dá no Tradicionalismo, como operam essas lógicas no Movimento, ou melhor, conforme as noções conceituais expressidas pelo Tradicionalismo, veremos quais as lógicas que operam na seleção dos artefatos e expressões que passarão a ser considerados legitimamente “tradicionalis”.

### *Seleção de elementos e a regra maior*

Na observação das expressões e das atividades do Tradicionalismo, é possível verificar que, como dissemos, existem alguns critérios atrelados a matriz social da sua atuação que constroem justamente seu filtro de seleção para os elementos que compõem sua base. Por meio dessa seleção será estabelecido o conjunto de expressões do tradicionalismo. Sobre essa prática, conforme Maria Eunice Maciel (2007):

A construção de tipos ou figuras emblemáticas requer também uma “bagagem” fornecida pela história, a memória e as tradições e costumes locais. Porém, nem tudo é utilizado, somente aquilo que pode atender as necessidades identitárias do grupo, construindo algo que seja capaz de efetuar uma identificação<sup>93</sup>.

E nesse exercício de estabelecimento da identidade do grupo, conforme Denys Cucche (2002), “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais [...]”<sup>94</sup>, ou seja, “uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações<sup>95</sup>”. E sendo assim, “para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para manter sua distinção cultural.”<sup>96</sup>

---

<sup>93</sup> MACIEL, 2007, p. 8.

<sup>94</sup> CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002. p. 182.

<sup>95</sup> CUCHE, 2002, p. 182, conforme Barth.

<sup>96</sup> BARTH, in CUCHE 2002, p. 182.

Nesse quadro insere-se a lógica da seleção de elementos do Tradicionalismo, ou melhor, justamente definida em torno do contexto social em que Rio Grande do Sul está circunscrito, ele promove uma seleção de elementos que, justamente, abarca a diversidade e as peculiaridades do contexto histórico da região e que vão compor as possibilidades de identidade aos sujeitos tradicionalistas.

Sendo assim, sobre o modo de seleção de elementos, podemos dizer que, parece ser sua regra maior, ou seja, parece imperar no Movimento, justamente a condição de que um elemento, para ser incluído no conjunto de expressões Tradicionalistas, deve ter necessariamente ligação estreita com a formação histórica do Rio Grande do Sul. Ou seja, se, como vimos, a condição de tradicionalidade de um elemento não é determinada pela sua integralidade tradicional, nem por sua pureza étnica ou cultural, e tão pouco por sua antiguidade, a relação íntima com a história do estado parece ser fundamental nesse processo. Assim qualquer elemento para estar apto a compor essas expressões terá que obedecer essa regra.

Para melhor compreender a importância dessa regra do vínculo histórico para o Tradicionalismo, devemos lembrar que o Rio Grande do Sul é composto por inúmeras vertentes culturais distintas, que suas expressões culturais, quase que completamente, raramente são originais ou exclusivas do estado, mas são contribuições das vertentes formadoras que evidentemente se singularizaram com maior ou menor amplitude na região. E assim, em meio a tantas expressões possíveis de serem apreciadas, de serem manifestadas nesse estado, considerar somente os elementos que mantenham vínculo restrito com o Rio Grande do Sul (e não com a pátria “original”), ou seja, aqueles que foram trazidos pelos colonizadores - e somente pelos colonizadores - e se singularizaram conforme a realidade socioeconômica local, gera uma série de implicações favoráveis ao estabelecimento do regionalismo e da identidade local.

Primeiramente, essa regra já rebate – dentro daquilo que é considerado tradicional do estado e não de outras regiões – possíveis cultos sistemáticos a outras nacionalidades. Ou melhor, impede o culto a símbolos que possam se referir, por exemplo, a Espanha, Argentina, Uruguai, Portugal ou Açores, no caso da Campanha, tendo em vista suas principais vertentes étnicas formadoras e a Alemanha, Itália, Polônia entre outros no caso das etnias tidas por imigrantes<sup>97</sup>. Em segundo lugar, com esse exercício, ela já diferencia a cultura do Rio Grande do Sul das de outras regiões

---

<sup>97</sup> Mas no caso das etnias de formação mais antiga, o culto a nacionalidades ancestrais não foi algo que tenha se dado de forma expressiva.

devido a combinação de elementos que se estabelece (compondo uma espécie de “bricolagem” aos termos de Levi Strauss (1962) pelo somatório dos artefatos e expressões escolhidas). Em terceiro lugar, estabelece uma identidade comum a essa população, tendo em vista os símbolos adotados e os rituais estabelecidos em torno dos elementos selecionados.

Então no Tradicionalismo identificamos que a ‘originalidade’ - no sentido convencional do termo que remete a algo inédito - é outra questão que também se tornou secundária tendo em vista a circunstância de que a problemática do estabelecimento de um elemento como “tradicional” do estado, não está no compartilhamento com outras nacionalidades, mas sim na relação (no vínculo histórico) com o Rio Grande do Sul. Este é o caso, por exemplo, da bombacha, dos ritmos músicas, do chimarrão, dos rodeios, todas são expressões culturais comuns a diversos países e nem por isso deixam de ser tradicionais do estado na concepção do Tradicionalismo.

A partir dessa consideração, podemos observar na composição do conjunto de expressões do Movimento - conforme a formação histórica do Rio Grande do Sul - que as práticas criadas por sobre as relações sociais e econômicas da Campanha antiga são aquelas tidas naturalmente como genuínas, justamente por estarem inclusas em um quadro próprio do pampa.

Quando estendemos essa reflexão as outras etnias formadoras do estado e que também compõem muito ativamente o Tradicionalismo<sup>98</sup>, observamos que imperam as mesmas lógicas na seleção dos elementos que, justamente, podem considerar as expressões desses grupos como efetivamente tradicionais, mas por serem de colonização mais recente, e por manterem memória mais próxima de nacionalidades ancestrais, a questão se torna um pouco mais problemática.

Para entender a lógica do Tradicionalismo na questão dos elementos dessas etnias - e não o taxarmos precipitadamente de parcial uma vez que o Movimento é por vezes acusado de não abranger em suas manifestações essa parcela cultural tão importante do Rio Grande do Sul - devemos obrigatoriamente fazer uma distinção analítica sobre a diferença entre aqueles tipos que podemos chamar de teuto-gaúcho e ítalo-gaúcho, dos alemães e italianos, conforme as lógicas que parecem operar

---

<sup>98</sup> Para ver a participação das etnias chamadas imigrantes no movimento tradicionalista, ver MTG 40 Anos: Raiz Tradição e Futuro, 2004.

implicitamente no Tradicionalismo. Com essa distinção ficará mais fácil compreender a participação dessas etnias no Movimento e a lógica de seleção de elementos.

Pois bem, normalmente nossa própria idealização sobre o que é a cultura alemã ou a cultura italiana está muito “poluída” pelas construções identitárias sobre estas nações feitas muito recentemente e transmitidas internacionalmente pela televisão e por instituições patrióticas e que chegaram aos próprios colonos do Rio Grande do Sul.

O alemão retratado internacionalmente é aquele tipo medieval que usa chapéu de feltro com uma pena, calça curta com suspensório e tamanco de pau e que foi apropriado pelas *oktoberfest* do estado. O italiano típico seria mais ou menos aquele tipão do sul da península, um Don Corleone, comedor de pizza, etc. Mas na prática esses tipos além de serem uma idealização grotesca, ainda não fazem parte das correntes migratórias que vieram para o sul. Pois estes ou fazem parte de períodos históricos diferentes daqueles mitificados como é o caso dos teuto-gaúchos<sup>99</sup>, ou não fazem parte da região na qual o mito foi criado como é o caso de Vêneto<sup>100</sup> e da Pomerania (Seria como representar os gaúchos migrados para outros lugares do mundo por meio da cultura do Rio de Janeiro). Então na verdade estas identidades são ou mentalizações do próprio observador sobre essas etnias ou apropriações que os próprios descendentes dos imigrantes fizeram.

Deste modo, enquanto que o alemão e o italiano são as figuras mitificadas internacionalmente dessas nacionalidades europeias, no caso do Rio Grande do Sul, deveríamos falar em teuto-gaúcho e ítalo-gaúcho para diferenciar dos países ancestrais e assim destacar as singularidades adquiridas por estas populações no estado. Por assim dizer, esses tipos no Rio Grande do Sul são os conhecidos colonos que na sua missão colonizadora embrenharam-se nos grotões do Estado e no seu desenvolvimento e vida bruta conheceram muito bem os termos de uso frequente no Tradicionalismo que se refere à realidade rural tal como, por exemplo, os instrumentos ou usos do trabalho como enxada, arado, machado, trama ou pontalete, forno a lenha, paiol, mangueira, cacimba, patente e galpão, além de horta, canteiro, lavoura, etc; alimentos crioulos, batata doce, moranga, pinhão, canjica, feijão, amendoim; ao meio ambiente: capoeira, sarandi, banhado, várzea, cerro, sanga, arroio, rio, capão ou os animais silvestres: peria, bugiu, graxaim, além de inúmeros outros elementos. E assim constituiu-se inclusive

---

<sup>99</sup> Eu particularmente nunca vi entre os teuto-gaúchos do interior do estado nenhum trajar que se assemelhe com aqueles retratados.

<sup>100</sup> Esse caso também se aplica aos pomeranos, uma população do extremo norte da Alemanha e que apresenta cultura e língua distinta da prussiana.

dialetos próprios como o “veneto-riograndense” e o “riograndenser Hunsrückisch”, na qual à língua original foram acrescentadas os termos do ambiente local e também mescladas com as línguas já presentes na região, como o português e os termos indígenas e africanos presente neste<sup>101</sup>. E assim, o teuto-gaúcho e o ítalo-gaúcho diferenciam-se bastante dos seus ancestrais alemães e italianos.

A partir dessa consideração, contata-se que embora a língua ancestral e concepções culturais das populações formadoras do Estado possam diferenciar-se bastante, boa parte dos elementos rurais antigos também são comuns àquelas etnias. Deste modo, as práticas que o Tradicionalismo considera dessas populações, as que digamos, estão potencialmente aptas a entrarem no hall Tradicionalista, são aquelas coloniais e não as internacionais.

Uma vez feita essa diferenciação, podemos novamente dizer que não há impedimentos efetivos contra um elemento que seja símbolo de outro país, e isso vale para todas as etnias, desde que mantenha forte ligação com a cultura rural antiga do Rio Grande do Sul. Devido a isso, por exemplo, salame, linguiça e cuca que são muito representativos da Itália e Alemanha, mas por também serem representativos dos colonos do Rio Grande do Sul, passam a ser um prato muito apreciado no café das cavalgadas, sendo considerado tão crioulo, tão próprio do gaúcho e de sua alimentação farta, quanto qualquer outro elemento. A gaita, que chegou ao Rio Grande do Sul somente no final do século XIX, trazida por imigrantes italianos e alemães se constitui hoje como o instrumento musical mais “tradicional” da gauchidade. De igual modo, por exemplo, o conjunto “os três xirus”, um dos mais antigos do nativismo, que misturam germanismo com gauchismo, cantando boa parte de seu repertório em língua alemã, pode ser referendado por Nico Fagundes (um os tradicionalistas mais proeminentes do Movimento, que acompanhou o surgimento do estilo musical regional desde os seus primórdios), com a elogiosa revelação: “eles são o que são, eles foram o que foram, e ajudaram a construir solidamente a história da música regionalista gauchesca<sup>102</sup>”.

Por outro lado, chapéu de feltro com pena, suspensório e tamanco de pau, não mantém relação histórica com o Rio Grande do Sul, embora mantenha com a Alemanha, e assim, é praticamente descartado como elemento passível de ser considerado “gaúcho”. Assim cria-se no Tradicionalismo um subentendimento sobre o que é um

---

<sup>101</sup> Mais adiante voltaremos a esse assunto.

<sup>102</sup> Programa Galpão Crioulo.

elemento tradicional do Rio Grande do Sul e o que é considerado um elemento importado.

### *Exemplo externo*

Para efeito de exemplificação, vamos aplicar essa mesma lógica na análise de em um caso de fora do Rio Grande do Sul: O Samba versus *Funk*.

No caso de se avaliar a “tradicionalidade” desses ritmos seguindo as mesmas lógicas operantes no Tradicionalismo, devemos observar que o samba carioca, embora seja um batuque originado a partir de ritmos africanos, seria considerado tradicionalmente carioca porque ele se originou dentro de uma matriz social de formação do Rio de Janeiro, na qual os negros foram um dos agentes mais importantes. Sabemos que quando o país se modernizava, quando as fazendas substituíam a mão de obra escrava pela assalariada, e por questões racistas os negros foram expurgados das fazendas desprovidos de posses, estes se aglomeraram as margens das cidades mais importantes formando assim as conhecidas favelas. No caso do Rio de Janeiro, neste ambiente, nasceu o samba como atividade artística recreativa dessas comunidades. Deste modo o samba preenche satisfatoriamente o quesito de tradicionalidade

O *funk*, por sua vez, muito embora tenha se singularizado nas favelas de uma maneira muito diferenciada, seria considerado um elemento estranho a matriz cultural formadora do Rio de Janeiro, pois foi introduzido por meio da indústria cultural norte-americana e não por povoadores. O *funk* então, não detendo essa relação com as populações que formaram aquele estado, não passaria da condição de um ritmo importado, imposto pela indústria cultural que foi singularizado, e, portanto destituído da sacralidade necessária para tornar-se tradicional. Assim o samba é tradicional e o *funk* não.

No caso do pagode, por exemplo, muito embora se utilize de instrumentos modernos distintos daqueles dos primeiros sambistas, e tenha feições e acordes modernizados, ele é oriundo de uma evolução local. E deste modo, embora pudessem haver algumas ressalvas, certamente haveria um reconhecimento maior. Os próprios conjuntos de baile gauchesco utilizam todo o tipo de apetrecho tecnológico e mesmo assim são reconhecidos como genuinamente Tradicionalistas<sup>103</sup>.

---

<sup>103</sup> Ressalvas para o caso do Movimento musical chamado “tchê music”, este obedece outras lógicas e será analisado mais adiante.



Nesse mesmo sentido, ao observamos um famoso caso britânico sobre o assunto, relatado por Hobsbawn e Ranger (1984), vemos que Giddens, ao comentar sobre o caso do kilt escocês, se contradiz no capítulo sobre ‘tradição’ do livro “mundo em Descontrole” (1999), pois no início da reflexão, condena os elementos ditos tradicionais escoceses por não terem perdidas a sua origem nas brumas do tempo, mas por terem sido adaptados por um industrial inglês no século XVIII. Contudo, logo depois, em outro caso, citando a tradição inglesa do pronunciamento de natal, ele não usa os mesmos critérios, dizendo que o tempo não é um elemento fundamental para determinar a tradicionalidade de algo<sup>104</sup>. Ele condena a tradição escocesa e defende a tradição inglesa, usa critérios desiguais.

Giddens ao se contradizer, confunde seus critérios sobre o que é tradição. Mas possivelmente, na sua lógica de pensamento, o kilt é um elemento cultural e o pronunciamento, não, pois este é apenas um ritual que celebra a antiquíssima monarquia. Então, o ritual poder ser novo, mas o elemento da qual ele se refere não (se a monarquia fosse nova, não seria uma tradição). Essa lógica opera quase necessariamente no pensamento europeu, pois a noção de tempo é muito importante para eles. Poderíamos até dizer que a identificação da origem histórica de algo, é a sentença de condenação de morte da sua tradicionalidade.

Se fossemos aplicar a lógica própria do Tradicionalismo gaúcho neste caso, então devemos lembrar que se o kilt foi adaptado por um industrial inglês, antes dele existiam os “mantos e roupas axadrezadas utilizadas pelos camponeses montanhesees pobres<sup>105</sup>”, da qual esse modelo foi extraído. Então o kilt moderno demonstra uma ligação histórica com os trajes antigos da escócia. Provavelmente assim como no Tradicionalismo, o que foi evocado neste caso não foi a integralidade desse elemento, mas sim a relação histórica. O kilt passou por um processo de adaptação, mas não perdeu a relação histórica com a escócia. E neste caso, embora na Europa este seja o símbolo mais destacado da “invenção” das tradições, no Tradicionalismo seria aceito como o mais genuíno dos casos, pois a relação histórica se confirma. E em última análise, mesmo sem as relações anteriores, somente o próprio kilt já detém uma antiguidade muito maior do que a grande maioria dos elementos gauchescos (foi adaptado no século XVIII), sendo por isso plenamente apto a se dizer “Tradicional”.

---

<sup>104</sup> Diz Giddens (2003 original de 1999): “é simplesmente errôneo, porém, supor que, para ser tradicional um dado conjunto de símbolos ou práticas precisa ter existido por séculos” (P. 52).

<sup>105</sup> MENASCHE, Renata. Gauchismo: tradição inventada. Estudos Sociedade e Agricultura, 1, novembro 1993: 22-30.

E deste modo, seguindo essa regra do Movimento, que enfatiza o vínculo histórico, mesmo expressões novas nascidas em Porto Alegre que nada tem haver com a realidade campeira, como o “bah” e o “tri” podem ser aceitas pelo Tradicionalismo. E é a regra sob a qual estão mesmo os elementos considerados “mais” tradicionais, como a bombacha, os ritmos e instrumentos musicais e as atividades campeiras. Essas expressões não são “originais” ou “genuínas” do Estado, as músicas são europeias que ganharam contornos locais<sup>106</sup>, a bombacha<sup>107</sup> também pode ser observado em vários continentes e chegou ao Rio Grande do Sul na guerra do Paraguai em 1870, e os rodeios são comuns a todas as regiões de economia pastoril. Então a originalidade – no sentido de inédito - desses elementos é apenas secundária, o importante para determinar sua tradicionalidade é a íntima relação histórica que tiveram com a região.

Essa é a regularidade que tentamos encontrar na escolha dos elementos do Tradicionalismo, claro que existem exceções, mas essa regra parece operar muito fortemente.

### ***A segunda variável: Relações de poder***

Devemos colocar uma segunda variável na problemática da composição do conjunto de expressões do Tradicionalismo. Ou melhor, devemos dizer que embora essas lógicas que acabamos de refletir parecem operar com muita regularidade, os elementos crioulos<sup>108</sup> não são colocados automaticamente no Tradicionalismo, mas na verdade, isso depende muito obviamente das relações de poder dentro do Movimento. Dependendo da participação desse ou daquele grupo no Movimento, um elemento pode ser cultuado ou esquecido, tido por tradicional ou não. Devemos considerar que essas lógicas aqui descritas não são aparentes, um Tradicionalista certamente não sabe que procede segundo esses parâmetros, não há um regulamento para isso, e certamente suas opiniões devem ser mergulhadas em contradições ou mesmo noções de senso comum sobre cultura, sobre originalidade, sobre antiguidade, e tudo mais. Então estas lógicas não são referentes aos Tradicionalistas, mas referentes aos elementos culturais do

---

<sup>106</sup> Somente o ritmo chamado “Bugiu” seria originado no Rio Grande do Sul.

<sup>107</sup> O caso da bombacha introduzida de forma mais massiva no RS somente a partir da guerra do Paraguai, evento que fomentou a compra desses trajes da Inglaterra, pode comparar-se a essa explicação, ou seja, não importa se a bombacha existia em outros lugares, se não foi inventada nos teares das casas gaúchas, o que importa é que esteve ligada a um denso momento histórico do estado, e por circunstâncias da guerra acabou chegando no Rio Grande do Sul e adentrando no uso local.

<sup>108</sup> “Crioulo” se refere a algo intimamente relacionado a cultura do estado, independente da influência étnica.

Tradicionalismo. Na medida em que os teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos mantêm participação muito ativa no Movimento, os elementos tidos coloniais têm sido considerados coletivamente cada vez mais próprios do gaúcho. Além dos casos que já citamos, poderíamos acrescentar ainda, por exemplo, o vinho e a polenta.

### ***Terceira variável: Questões políticas***

De igual modo, não poderíamos deixar de considerar as questões políticas no Movimento. Ou melhor, se podemos dizer que há uma aceitação muito tranquila de elementos dos ‘gauches’ argentinos e uruguaios no Tradicionalismo, ela não ocorre sem atritos, há aqueles que diferenciam bastante o gaúcho do “gaucho”. Por outro lado a distinção mais severa sempre tende para o lado brasileiro, justamente porque, conforme já salientou Oliven (1989), o Rio Grande do Sul mantêm uma relação controvertida com Brasil, ora de aproximação ora de distanciamento e não com o Prata. Essas questões estão relacionadas muito estritamente às relações políticas da região. Então, se hoje a aproximação cultural do Tradicionalismo, ao menos no plano simbólico, é maior com o Prata, é certamente devido a circunstância de sua distancia política ser larga. Podemos supor que se a aproximação fosse maior, então o anseio pela diferenciação também seriam mais forte, o Movimento possivelmente tenderia a diferenciar-se daqueles elementos e talvez até aproximar-se do Brasil em questões que hoje tenta diferenciar-se.

\* \* \*

Estas são algumas lógicas que parecem operar na seleção de elementos do Tradicionalismo. Como dissemos, embora existam exceções, até porque cultura é sinônimo de contradições, mas de uma maneira geral essas lógicas operam com muita constância no Movimento. Se são fracas as noções comumente reforçadas em outros Movimentos, e mesmo muito trabalhadas pelos cientistas sociais, como temporalidade, integralidade, originalidade, etc. no Tradicionalismo, a questão do vínculo histórico, parece ser o único elemento com força de regra.

### ***O termo invenção e suas consequências***

A partir destas considerações, devemos destacar uma questão, ou seja, quando observamos que esses processos de construção de tradições estão atreladas a contextos

muito próprios de uma determinada sociedade, e que na verdade ela só pode ser compreendida plenamente ali onde se manifesta, acreditamos que o termo “invenção” como tem sido usado para se referir a esses casos gera alguns problemas para essa temática.

A nosso ver, o termo “invenção”, na forma com é utilizado para descrever as tradições, é um dos responsáveis pelo mal entendido que ronda hoje o tema, inclusive no círculo dos cientistas sociais. Esse termo “invenção” assume uma entonação pejorativa nos passando a noção de que esses construtos ditos “tradicionais” saíram do nada, quebra a noção de sentido histórico, remete a algo que não existia, que foi criado do zero, como o próprio apedrejamento do kilt escocês parece demonstrar, quando na verdade isso não acontece dessa maneira.

Poderemos ver que existem lógicas que operam na seleção dos elementos e que eles, embora modificados, resignificados, e tendo rituais construídos com fragmentos do que seria a tradição, ainda sim mantêm relação significativa com o povo na qual operam. Nenhuma tradição é criada do nada, pois ela precisa ter algum significado para quem as cultua<sup>109</sup>. Por isso preferimos falar em “construção”, em “resignificação”, em “adaptação”, quando um elemento é colocado em outro tipo de prática, em uma nova condição, quando passa a existir de outra forma, diferente do antigo, mas ainda sim remete a um vínculo histórico<sup>110</sup>.

É importante considerar isso para não criarmos lentes ofuscadas sobre esses fenômenos e que nos impeçam de analisar as lógicas que operam neles.

Agora podemos explorar o processo de transformação do folclore em tradição.

---

<sup>109</sup> Não posso ser taxativo, mas o grande “bombardeio” dos ingleses as “tradições” dos escoceses me parece estar muito carregada de rivalidades políticas regionais no intuito de desqualificar aquela região e seu ímpeto separatista. Não se pode perceber a mesma crítica aos rituais da sua realeza. Então, justamente pela grande influência inglesa sobre a intelectualidade ocidental, se definiu os rumos que temos hoje sobre essas noções, que infelizmente foram profundamente influenciadas pela parcialidade política. Este caso demonstra que, muitas vezes, elementos extra científicos podem influenciar os ângulos de visão sobre determinados fenômenos, e isso aconteceu no caso das tradições escocesas, foi enfatizado somente aquilo que seria “falso”, mas não se falou sobre a relação histórica, não se falou sobre “adaptação”, se falou apenas em “invenção” que notoriamente nesse caso denota “mentira”. Trevor-Roper (1984) fala com muito sentimento de aversão contra o “nacionalismo” escocês, e daí, influencia outros intelectuais.

<sup>110</sup> Não que o termo invenção seja errado, mas ele está carregado de uma entonação pejorativa que remete a “mentira”.

### **2.3 - O processo de transformação do Folclore em Tradicionalismo**

Agora que compreendemos algumas determinações sociológicas atreladas a matriz cultural do Rio Grande do Sul que operam diretamente sobre a compreensão do Movimento para determinados temas como originalidade, antiguidade, integralidade, etc. e que assim ditam o seu modo de proceder, poderemos adentrar na parte central deste capítulo: A transformação do ‘folclore’ em ‘Tradicionalismo’, ou melhor, o tratamento que o Movimento Tradicionalista faz no folclore com intuito de adaptá-lo às condições variadas de tempo e espaço. Ele retira o folclore de sua matriz pré-moderna - que está vinculado a uma comunidade ou uma região - e o prepara para ser vivido ou adotado em qualquer contexto. A partir dessa propriedade é que finalmente as expressões do Tradicionalismo se tornam potencialmente generalizáveis, ou melhor, se tornam aptas a serem vividos por culturas distintas e também em circunstâncias modernas.

Digamos que se os fundadores do Tradicionalismo tentassem manter em plano ‘integral’ a forma de vida das comunidades onde nasceram, com todos os valores de seus pais e avós, então, a grande maioria daquelas expressões seriam inexecutáveis em condições distintas daquela matriz. Contudo, a partir do momento em que a cultura é restringida ao plano emblemático/simbólico, ou seja, que ela deixa de estar atrelada exclusivamente a uma matriz cultural específica e no caso, pré-moderna, ela pode ser universalizada. Por meio dessa propriedade o Tradicionalismo pode não somente ser generalizável às diferentes etnias formadoras do estado, mas também adaptado para ser vivido em condições modernas. Essa circunstância de adaptação será importante tanto para sua ampla adesão pelas distintas etnias formadoras do estado, como para ser vivido na modernidade.

A adaptação do folclore, então, é a condição primeira do Tradicionalismo tanto para sua ampla aceitação no mosaico cultural do Rio Grande do Sul, como por sua continuidade na vivência moderna. A possibilidade de adaptação do folclore é dada justamente pelas concepções culturais flexíveis presente no Tradicionalismo (que vimos anteriormente) atreladas a matriz cultural do Rio Grande do Sul e que permitiram esse tipo de manipulação com os elementos culturais. Essa propriedade permitirá que ele se expanda como elemento representativo de etnias distintas e que seja vivido em condições modernas.

## *Distinção entre folclore e Tradicionalismo*

Para compreender o tratamento dado ao ‘folclore’ pelo ‘Tradicionalismo’ teremos antes que fazer uma breve distinção entre esses dois termos, tendo em vista que ‘folclore’ são as manifestações não institucionalizadas da população, e ‘Tradicionalismo’ refere-se ao culto as práticas próprias do Movimento gaúcho.

Folclore significa o “saber do povo” ou “cultura popular” constituída pelas crendices, tradições e superstições expressas pelas camadas populares. Compõem-se de lendas, contos, causos, músicas, artesanatos, jogos, brincadeiras, métodos, técnicas e sabedorias em geral. Contudo, sobre esse assunto, conforme demonstrado muito bem por Ortiz (1992)<sup>111</sup>, deve-se considerar que, muito embora essa temática quase sempre remeta a tradições muito antigas, na verdade a própria noção de “folclore” ou “cultura popular” trata-se de um projeto da modernidade. Na medida em que processos modernizantes na Europa provocavam a migração de enormes contingentes de trabalhadores do campo para as fábricas da cidade, e assim ocasionavam o fim das antigas formas de vida, alguns intelectuais se lançaram a coletar as expressões em vias de extinção daquelas comunidades. Como descreve Ortiz (1992), o século XIX foi o momento em que “[...] a ideia de “cultura popular” foi inventada, sendo progressivamente lapidada pelos diferentes grupos intelectuais<sup>112</sup>”. Então, devemos considerar que na verdade qualquer tentativa de resgatar aqueles costumes e hábitos populares já é fruto da visão de quem coleta e, por vezes, expressa uma visão estática, anacrônica, estereotipada ou irreal daquilo que realmente é vivido pelas camadas populares. Sendo assim, deve ficar claro que existe uma diferença entre aquilo que é coletado pelos folcloristas daquilo que é vivido de fato pela população. Sendo assim, sobre o movimento que estamos estudando não devemos considerar que aquilo que foi coletado pelos intelectuais do Movimento se trate de uma “essência” incontestável da cultura popular do Rio Grande do Sul, mas simplesmente da visão de mundo expressa por aqueles agentes naquele contexto histórico<sup>113</sup>.

---

<sup>111</sup> ORTIZ, Renato. Românticos e Folcloristas: cultura popular. Ed. Olho d’água. São Paulo, 1992.

<sup>112</sup> ORTIZ, 1992, p. 6.

<sup>113</sup> No caso do Tradicionalismo poderíamos atenuar um pouco essa diferença entre realidade e interpretação, se apegando na circunstância dos próprios populares serem os folcloristas do Movimento, ou seja, diferirem dos casos europeus dos românticos e antiquários que se tratavam de pessoas das elite, e assim, conforme GEERTZ (1989), dizer que ao menos foi coletado em primeira mão diminuindo um pouco a distorção dos dados.

A par disso, podemos falar que, essas expressões chamadas populares, para o propósito que se tem aqui, devem ser entendidas como manifestações do tipo pré-modernas, ou melhor, que se distinguem do saber científico por não possuírem a mesma intencionalidade na busca por resultados ou eficiência, pois se tratam de uma forma espontânea e menos racionalizada de manifestação.

Para exemplificar, vamos observar, por exemplo, a indústria cultural. Esta, oposta ao paradigma pré-moderno, produz seus elementos utilizando recursos tecnológicos avançados com intuito de obter os melhores resultados possíveis na produção de suas mídias, assim como difunde seu conteúdo baseado em técnicas modernas de marketing e vendas buscando racionalmente atingir o consumidor. O folclore não tem essa característica nem na produção e nem na difusão, surge nas camadas populares com objetivos variados como entretenimento, culto, reverência, preenchimento de rituais e utilidades em geral. Não dispõe de mecanismos de otimização de suas técnicas, sendo elas passadas de geração em geração, de boca em boca, e praticadas sem contestações profundas sobre a natureza do seu conteúdo.

De igual modo, a medicina popular, por exemplo, é sustentada pela crença de que determinadas plantas são apropriadas para resolver determinados males. Uma pessoa “simples” jamais contestaria a capacidade que o chá de “Marcela” tem de acabar com a dor de estômago, pois essa sabedoria foi passada a muitas gerações, faz parte da memória coletiva. Diferentemente, os laboratórios farmacêuticos desenvolvem seus antídotos baseados em experimentos empíricos repetitivos até chegarem à constatação da eficiência de determinada fórmula.

Os fenômenos meteorológicos popularmente conhecidos por “tempo” também se distinguem no tratamento oriundo da ciência e da sabedoria popular. O folclore envolve esses fenômenos de características mágicas, podendo ser castigo ou benção vinda do céu. O “tempo” pode ser previsto por observação do canto dos pássaros e dos sons emitidos por outros animais ou mesmo pela simples movimentação destes. Existe também a possibilidade de controlar os fenômenos meteorológicos através de simpatias, rituais ou benzeduras que trazem chuvas ou afastam tempestades. Diferentemente, a meteorologia, enquanto ciência, aplica recursos avançados como satélites e informática no estudo das leis que regulam os fenômenos atmosféricos aumentando assim as chances de previsão exata dos acontecimentos.

Assim sendo, tanto no caso da indústria cultural, da medicina e da meteorologia pode-se perceber a diferença entre o saber científico e o saber popular. O primeiro

dedica-se racionalmente ao estudo de leis e propriedades naturais, enquanto o segundo utiliza-se do conhecimento tido como pré-moderno, oriundo do saber popular, nascido a partir de suas cresças.

Deste modo, segundo Roberto Benjamin<sup>114</sup>, as características das expressões folclóricas devem ser consideradas sempre manifestações espontâneas, que emanam do seio do povo, que surgem, ressurgem, se combinam e se transformam, não compreendem sistematização e nem institucionalização. Da mesma forma, a manifestação folclórica é própria de uma comunidade, de uma vila, de uma localidade, ou seja, possui um caráter regional.

\* \* \*

Nestes termos, devemos ter em vista que o termo “tradição” pode ser compartilhado tanto pelo “folclore” como pelo “Tradicionalismo”. Contudo, esse vocábulo não assume o mesmo significado nas duas situações. A tradição no caso folclórico - conforme a Carta do Folclore Brasileiro<sup>115</sup> e determinações da UNESCO<sup>116</sup> - corresponde aquilo que liga fatos antigos aos novos gerando continuidade entre passado e presente, ou seja, que vem sendo praticado há muito tempo. Já, no caso do Tradicionalismo, a tradição corresponde a todos os elementos e manifestações construídas para compor a base de expressões culturais do Movimento, ou seja, é tudo aquilo que é praticado dentro do Movimento, tudo aquilo que foi escolhido como prática “autêntica” dos Tradicionalistas.

A diferença entre os dois casos, pode ser observada justamente naquilo que é considerado folclore e o que não é. Como foi constatado pelo folclorista Dante de Laytano<sup>117</sup>, o levantamento folclórico no Rio Grande do Sul obedece duas diretrizes: uma de horizonte mais amplo que examina o folclore em toda a sua amplitude, estendendo-se desde a realidade rural e pastoril até as manifestações urbanas e das imigrações. Esta é a *pesquisa folclórica em si*. A outra vertente ele chama de *Tradicionalismo*, pois é o folclore que - segundo ele - alimenta os CTG's. Nesse sentido, Tradicionalismo não é folclore “em si”.

---

<sup>114</sup> BENJAMIN, Roberto Emerson Camara. Folkcomunicação na sociedade contemporânea. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004. 153 p.

<sup>115</sup> Carta do folclore brasileiro. Comissão Nacional do Folclore, 1995.

<sup>116</sup> Recomendações sobre a salvaguarda do folclore. UNESCO. 1989.

<sup>117</sup> LAYTANO, Dante de. Folclore do Rio Grande do Sul. Nova Dimensão. 1987.



Portanto, existe uma natureza distinta daquilo que é tido como folclore e as expressões culturais executadas pelo Tradicionalismo. Como veremos, este cria seu próprio modo de trajar, suas danças, músicas, esportes, linguajar, apetrechos, rituais, etc. distintas do folclore pré-moderno. O folclore, até se tornar Tradicionalismo, passa por um processo bastante complexo de construção.

Sendo assim, para as práticas do MTG, para a atitude de cultivar e “fazer” Tradição próprias ao Movimento, dá-se o nome de “Tradicionalismo” enquanto que as manifestações culturais populares chamamos de “folclore”. E nesse sentido Tradicionalismo e folclore não são a mesma coisa.

Veremos então como ocorreu no Movimento o processo de transformação de um em outro.

### ***O processo de transformação do folclore em tradição e a emergência do Tradicionalismo***

Tendo compreendido a noção de folclore e distinguido de Tradicionalismo, passemos agora a refletir sobre o processo de transformação do folclore e a emergência do Tradicionalismo enquanto Movimento cultural.

Percebe-se por meio da análise da história do Movimento Tradicionalista Gaúcho como se processou o descolamento do folclore de sua base pré-moderna e por consequência a criação da cultura Tradicionalista.

Pode-se observar que o folclore é a fonte de onde o Tradicionalismo retira sua substância, mas os elementos culturais são constantemente adaptados às novas condições trazidas pela modernidade<sup>118</sup>. Para demonstrar isso, observa-se que dois anos após o término da Guerra - e com algumas manifestações da modernidade já bem alojada no Rio Grande do Sul, mas especialmente em Porto Alegre - surge em 1947, na Escola Júlio de Castilhos de Porto Alegre, por iniciativa de Paixão Côrtes, um Departamento de Tradições Gaúchas com objetivo de preservar o “imenso legado das tradições gaúchas” que, segundo os fundadores, estavam desaparecendo em meio aos avanços da industrialização, urbanização, e principalmente pela introdução do modo de vida americano. Queriam esses jovens “proteger” a cultura popular do Estado.

---

<sup>118</sup> Neste caso, a modernidade refere-se principalmente aquela chagada a partir da política do boa vizinhança de Roosevelt, e entendida como a primeira grande investida externa na matriz cultural do Rio Grande do Sul.

Foi realizada então a primeira “Ronda Crioula” - quase duas semanas de atividades - que previam o acendimento da “Chama Crioula” simbolizando a tradição gaúcha, a realização do primeiro baile gauchesco com concurso de trajes, de literatura, palestras e apresentações equestres. O baile foi decorado com apetrechos campeiros e contava com um fogo de chão. Esses jovens passaram por meio das atividades do departamento a agrupar o material que comporia os signos culturais do Tradicionalismo.

O sucesso da Ronda encorajou os jovens a ir mais adiante. Eles passaram a se reunir sábado à tarde na casa de Paixão Côrtes, para discutirem suas ideias sobre o Tradicionalismo e amadurecer a proposta de criação de uma associação civil gauchesca. O grupo foi crescendo e então, finalmente, em abril de 1948, sete meses depois da Ronda Gaúcha, nasceu a agremiação civil gauchesca denominada “35” CTG.

Com a criação do Centro de Tradição Gaúcha o Tradicionalismo passou ter um alargamento ainda maior do seu conjunto de símbolos. Passou-se a criar cada vez mais elementos para representar a “Tradição” do Rio Grande do Sul.

Justamente, a partir dessas primeiras iniciativas, que na verdade estavam institucionalizando o folclore, em que os jovens se destinaram a “resgatar” aquilo que seriam as tradições do Rio Grande do Sul, e adapta-las para ser vividas no galpão simbólico do CTG, que eles passaram a separar o folclore disposto espontaneamente nas camadas populares rurais, das expressões executadas nos CTG’s. Ou seja, por meio da construção dos elementos do Tradicionalismo, os jovens passaram a fazer a separação do folclore da Tradição: os elementos com as características folclóricas passam a ser manuseados intencionalmente e transformados em algo novo. Este processo de construção das Tradições está relatado no livro de Lessa que possui um capítulo intitulado “a invenção das tradições”.

Identificam-se duas questões importantes que eles teriam que lidar na sua tarefa de erguer o Tradicionalismo: primeiramente a coleta de material e depois sua “transposição” para a cidade, ou seja, a adaptação do folclore a uma nova condição, não mais aquela tipicamente pré-moderna de onde ele emana, mas uma nova condição, cidadina, moderna, convivendo com expressões culturais vindas de outras paragens e tecnicamente superiores. Barbosa Lessa relata que desde a denominação dos trajes gaúchos atualmente chamados “pilcha” até as músicas passaram por um processo de construção.

Devido ao pouco conhecimento que detinham sobre o folclore do Rio Grande do Sul tiveram que pesquisar incessantemente, relata Lessa que para conhecer as lendas,

por exemplo, reviraram sebos e livrarias buscando Simões Lopes Neto e Augusto Meyer, para conhecer a história pesquisaram em Dante de Laytano, Moises velho e Walter Spalding.

Quanto às músicas, por exemplo, Diz Lessa (1985) que devido ao costume antigo de prostrar e contar causos instaurou-se uma “pobreza” nas canções gaúchas. Em suas investigações observaram que esse folclore se resumia praticamente a “boi Barroso”. As músicas de cunho regional que se tinham gravadas eram na maioria delas tocadas no Rio de Janeiro e pouco conhecidas no Rio Grande do Sul, serviam mais como recordação-fantasia aos rio-grandenses resididos naquele estado. As poesias existiam aos montes, mas somente passada pela oralidade, livros não existiam. O trabalho de resgate das diferentes expressões folclóricas foi árduo.

No processo de resgate destes elementos, eles teriam que passar por um processo de adaptação a condição moderna e assim praticamente tudo que envolvia o Movimento teria que ser criado. E devido a isso percebemos - Até mesmo pela titulação do capítulo do livro de Lessa (1985) “a invenção das tradições” - que ao contrário do que se pensa, os arquitetos do Movimento não eram nada ingênuos em relação ao objeto que estavam lidando. Sabiam eles que o Folclore disposto espontaneamente no seio do povo era uma coisa, e outra coisa era aquilo que estavam criando, pois, segundo Lessa:

O âmago da questão era o seguinte: com base na cultura tradicional (folclórica) – que respeitáramos em todos aqueles elementos que pudessem ser mantidos em Porto Alegre e alhures – teríamos de criar uma cultura Tradicionalista, adaptável as mais diversas situações de tempo e espaço<sup>119</sup>.

Percebe-se bem essa situação em 1949 quando o 35 CTG - que neste momento já alcançara relativa projeção - juntamente com o clube Farrapos da Brigada Militar organizaram uma apresentação para o dia da Tradição de Montevideu. Viram lá um show do folclore uruguaio e argentino das chamadas “Sociedades Criollas” e concluíram que o folclore rio-grandense era muito pobre se comparado aos vizinhos platinos e também se comparado ao “vivo folclore nordestino”<sup>120</sup>.

---

<sup>119</sup> LESSA, 1985, p. 63.

<sup>120</sup> LESSA, 1985.

Teriam então que elaborar um contingente de expressões muito maior para o Tradicionalismo. Quanto às danças e músicas, por exemplo, Paixão e Lessa estavam em um dilema: ou ir até o Uruguai para aprender as “*danzas gauchas de La grande pátria pampena*”<sup>121</sup> ou recolher os “cacos melódicos”<sup>122</sup> do Rio Grande do Sul, que “convenientemente reunidos e colados”<sup>123</sup> se aproximassem da herança do Estado. Optou-se pela segunda alternativa. A “dança do pezinho”, por exemplo, foi demonstrada em 1950 na III Semana Nacional do Folclore, promovida em Porto Alegre pelo Órgão brasileiro da UNESCO. Sobre esta dança, diz Lessa, nunca constou nas pesquisas da Apolinário, Cezimbra e Simões, mas foi resgatada em uma estância de Palmares do Sul e funcionava como uma espécie de brincadeira de roda de crianças. Devido ao convite para uma apresentação no palco do instituto de Belas Artes eles “montaram” uma apresentação tendo por base “pedaços” que coletaram aqui e ali.

Nesse sentido, reafirma Lessa dizendo que devido às dificuldades de resgatar o folclore e pela “pobreza” da cultura popular rio-grandense tiveram que “fazer”, ou seja, criar. E isso em quase todos os elementos. Conta que, no caso das músicas, para descobrir o que o público entenderia como ‘expressão rio-grandense’ - ou em que a coletividade encontraria sentido - tiveram que elaborar canções pelo método de tentativa-e-erro. Foi lançada uma toada: “negrinho do pastoreio”; duas milongas: do “casamento” e do “bem querer”; e um chamamé: “balseiros do rio Uruguai”<sup>124</sup>.

As letras então eram recolhidas, tinham as melodias reproduzidas pelos gaiteiros e depois passavam para o departamento de danças que criavam as coreografias. Então finaliza ele dizendo “mas por paus e pedras ia nascendo um cancionista no Rio Grande do Sul”<sup>125</sup>.

Pelo fato de saberem eles que estavam adaptando essas danças a uma nova condição, diz Lessa que “há quem, frequentemente, por desconhecimento da terminologia científica correta, as apresente como “danças folclóricas”. Mas são, na verdade – e sem desdouro para ninguém – danças “Tradicionalistas”, classificando-se como uma projeção estética da tradição popular”<sup>126</sup>. Ao passar pelo Tradicionalismo o

---

<sup>121</sup> LESSA, 1985, p. 72.

<sup>122</sup> LESSA, 1985, p. 72.

<sup>123</sup> LESSA, 1985, p. 72.

<sup>124</sup> LESSA, 1985.

<sup>125</sup> LESSA, 1985, p. 66.

<sup>126</sup> LESSA, 1985, p. 73.

folclore perde sua função específica, diria Paulo de Carvalho Neto, pesquisador da Universidade da República (Montevidéu)<sup>127</sup>.

A construção das Tradições ainda prosseguia, diz Barbosa Lessa que enquanto Tradicionalistas o interesse deles era manter - leia-se adaptar - no presente aspectos do passado. Diz ele que quando algum elemento faltasse para a sua ação, eles teriam que “suprir a lacuna de um jeito ou de outro”<sup>128</sup>. E nesse sentido foram tratados também outros temas: como seria o aperto de mão? Entre uma e outra opção, por votação se decidiu que seria a moda vista na zona sul: cruz com os antebraços e confirmando depois.

Da mesma maneira inventou-se o vestido das moças: se tinha o estilo caipira de São Paulo ou um tipo argentino, foi escolhido um modelo antigo de vestidos compridos até os tornozelos<sup>129</sup>, mas essa não era a opinião de todos. As escolhas eram discutidas pelo grupo.

Conta Lessa que no nascimento do “CTG 35”, tiveram que construir todo o equipamento necessário a composição da Tradição. “onde a cultura tradicional se mostrava obscura, não havia outra solução senão de lançarmos mão de uma nascente cultura Tradicionalista”<sup>130</sup>, pois, afinal, diz ele, “não estávamos vivendo num galpão autêntico de estância: nosso galpão, porto-alegrense, teria que ser simbólico”<sup>131</sup>.

Surgiram posteriormente ainda, por intermédio de outros tradicionalistas as competições campeiras, surgiram os “galpões crioulos” para os CTG’s. Foram criados rodeios, festivais, concursos entre outras modalidades que expandiram o Tradicionalismo<sup>132</sup>.

Nesse sentido, as Tradições foram sendo elaboradas gradativamente como um projeto pensado, diferente do folclore que nasce espontaneamente. E como vimos, os arquitetos do Movimento tinham a plena noção de que aquilo não era o folclore no sentido convencional do termo<sup>133</sup>. Contudo sua base sempre esteve assentada na cultura popular pré-moderna. Não podemos dizer que os elementos foram inventados no

---

<sup>127</sup> LESSA, 1985, p. 73.

<sup>128</sup> LESSA, 1985, p. 64.

<sup>129</sup> Vestido esses, como vimos, influenciados pela estética dos vestidos franceses muito em voga entre as moças da elite rio-grandense antiga.

<sup>130</sup> LESSA, 1985, p. 66

<sup>131</sup> LESSA, 1985, p. 63

<sup>132</sup> Aprofundaremos essa questão no capítulo 3.

<sup>133</sup> Lembrando aqui que evidentemente seja muito difícil falar em coletar o “folclore” em sentido literal, mas essa tarefa foi tentada tanto por literatos como por antiquários, ao passo que no Movimento Tradicionalista há a consciência dessa distinção, ao menos no aspecto de adaptação que eles faziam.

sentido de inverdades, pois embora dependam do ângulo de visão do próprio observador, que no caso aqui como vimos é popular, partiram daquilo que conheciam e puderam coletar. Esses elementos eram então montados, reutilizados, enfim adaptados à condição moderna. Os elementos folclóricos foram significados de forma diferente e mais do que isso, foram simbologizados, ou seja, saíram do uso rotineiro e cotidiano para serem inseridos no galpão simbólico do CTG.

As questões principais eram primeiramente resgatar o folclore ainda existente, depois adaptá-lo ao novo contexto e por último completar as lacunas vazias com “montagens” daquilo que se conhecia por costumes populares do estado. Nesse sentido, ou seja, com base naquilo que eles podiam resgatar da cultura folclórica e no exercício que faziam, ia nascendo o Tradicionalismo.

Podemos observar então que na medida em que iam “construindo” o Tradicionalismo, os jovens transformavam ou adaptavam essa cultura popular em uma coisa nova, de natureza distinta chamada “Tradicionalismo”. Portanto, com este processo, o folclore é transformado em Tradição, mas com um significado distinto daquele pré-moderno. O Tradicionalismo transforma o folclore em um conjunto de práticas simbólicas e ritualizadas que passam a representar a “Tradição” do Rio Grande do Sul.

A partir dessa condição, as expressões do Movimento são colocadas em uma base destradicionalizada de vivência, uma vez que são descolados da condição específica onde esses hábitos se faziam de uso corrente. Mas como disse Lessa, são adaptados às mais diversas condições de tempo e espaço, e assim, justamente por essa propriedade de transformar o folclore, o Tradicionalismo poderia ser virtualmente estendido tanto a diferentes matrizes culturais, como obter continuidade frente aos eventos modernizantes que se intensificariam no Rio Grande do Sul. Esses processos de adaptação se intensificaram e se aprimoraram ao longo do desenvolvimento institucional do Movimento e foram uma condição importantíssima para sua manutenção conforme o Movimento crescia<sup>134</sup>.

\* \* \*

---

<sup>134</sup> Veremos o assunto da ‘institucionalização’ mais profundamente no capítulo 3.

Por meio dessa reflexão, observamos que o Tradicionalismo desde o início foi erguido como um Movimento consciente de que suas expressões não representavam um folclore pré-moderno autêntico, mas sempre se tratou, na verdade de arranjos, construções, elaborações a partir daquilo que os militantes do Movimento conseguiam coletar. Devido a isso, diferenciam-se de antiquários ou folcloristas europeus que acreditavam que estavam extraindo e colecionando a essência das tradições populares, na sua forma mais íntegra.

Do mesmo modo, diferentemente dos românticos ou folcloristas europeus, os Tradicionalistas não tinham por intenção apenas resgatar ou colecionar o folclore, mas também praticá-lo, vivenciá-lo. Lessa, falando sobre os momentos iniciais do Movimento, como vimos, diz:

Não nos animavam preocupações literárias, mas sim o empenho associativo<sup>135</sup>. [...] Ao contrário do Movimento literário de trinta anos antes, não pretendíamos escrever sobre o gaúcho ou escrever sobre o galpão: desde o primeiro momento encarnamos em nós mesmos a figura do gaúcho, vestindo e falando a moda galponeira, e nos sentíamos donos do mundo quando nos reuníamos, sábados à tarde, em torno do fogo-de-chão<sup>136</sup>.

Então essa diferença deve ser obrigatoriamente considerada para entendermos o Movimento. A teoria sempre foi residual, e, portanto, não podemos nos prender a ela, mas sim na prática das manifestações que foi efetivamente o que lhe impulsionou. Essa característica o distingue das outras fases do Movimento que sucumbiram e também dos românticos e antiquários europeus, que na verdade eram até avessos as culturas da qual retiravam seus objetos de coleção. Esses jovens não falavam das culturas bizarras, peculiares, como faziam os românticos e folcloristas, mas falavam de si mesmo. E, portanto, essa circunstância foi fundamental nos rumos que o Movimento tomaria, uma vez que ao codificar o “gosto” popular, eles poderiam encontrar eco mais facilmente nos conterrâneos rio-grandenses.

\* \* \*

---

<sup>135</sup> LESSA, 1985, p. 57.

<sup>136</sup> LESSA, 1985, P. 58.

Portanto, as propriedades assumidas pelo Tradicionalismo na interpretação e no manuseio das questões culturais – atreladas as características de formação histórica do Rio Grande do Sul - deram os seus contornos de atuação: destradicionalizado, adaptado, concepções flexíveis de antiguidade, originalidade, integralidade, etc. A partir dessas circunstâncias, veremos agora as propriedades que transformaram essa capacidade virtual do Tradicionalismo de se generalizar no tempo e no espaço - dada a adaptação feita ao folclore - em (1) efetiva assunção pelas diferentes matrizes culturais formadoras do Rio Grande do Sul e (2) que lhe projetaram a continuidade até os dias atuais.



## CAPÍTULO 3

### **A ampla adesão ao Movimento Tradicionalista: O sentido, a mítica, a estética e a ludicidade.**

O Tradicionalismo possui certas lógicas ou propriedades operantes em seu funcionamento que lhe explicam a ampla adesão ou expansão. Como vimos, o tratamento dado ao folclore tornou o Tradicionalismo generalizável a situações distintas de tempo e espaço uma vez que retirou o folclore de sua base pré-moderna (desvinculou de valores comunitários) e o colocou em uma condição destradicionalizada de vivência, de caráter simbólico, muito mais amplo e geral. Contudo, somente o trato diferenciado com o folclore, ou melhor, a maneira destradicionalizada de lidar com a tradição, rompendo vínculos comunitários específicos que poderiam limitar sua vivência em contextos fora daquela matriz geradora, não garantiria por si a expansão do Tradicionalismo, ou, por assim dizer, lhe concedeu a possibilidade de expansão, mas não a garantia. Deste modo, se o tratamento adaptado ao folclore lhe tornou generalizável, a ampla adesão ao Movimento por etnias distintas (e sua continuidade na modernidade dada à vivência adaptada a condição pós-moderna que ele permite, e que veremos no próximo capítulo) não se explica somente por esse fato, na verdade essa é apenas uma condição primeva tanto para sua expansão pelo mosaico cultural Rio Grande do Sul e fora dele, como para sua vivência na modernidade.

Sendo assim, existem circunstâncias sociológicas específicas que, a nosso ver, explicam a ampla adesão do Movimento. Essas circunstâncias se referem primeiramente ao ‘sentido’ que o Tradicionalismo fez para a população do estado por meio da ênfase no aspecto da ‘ruralidade’ ao invés de valores étnicos e comunitários específicos, pois ao exaltar os signos da ruralidade como eixo central de sua representação, o Tradicionalismo adquire significado para essas populações tendo em vista a forte influência rural na formação histórica do Rio Grande do Sul. Soma-se como condição à

significativa expansão, a ‘mítica social’ do Tradicionalismo criada a partir do mito do gaúcho, também a estética de suas expressões e o caráter lúdico de suas manifestações, para que se componha um quadro que justifique razoavelmente a ampla adesão e capacidade representativa que o Movimento adquiriu frente à população do estado.

\* \* \*

Teremos que verificar então como o Tradicionalismo pode fazer sentido às populações de influência rural de uma forma generalizada, tendo em vista, que normalmente considera-se o Tradicionalismo como uma expressão restrita da Campanha Gaúcha que por meio de aculturações teria sido imposta as outras etnias formadoras do estado; depois averiguaremos como o Movimento mitifica e estetifica suas manifestações e a função dessas ocorrências; por último verificaremos o papel da ludicidade nas expressões do Movimento. Todos esses fatores ajudarão a explicar a grande expansão que ele obteve no Rio Grande do Sul desde a sua fundação.

Torna-se interessante a investigação das propriedades de sua expansão a partir do momento que consideramos que o Movimento, já como circunstância peculiar sua, não foi um projeto de Estado, mas uma empresa de iniciativa civil, o que já o distingue de projetos de aculturação nacionalista visto em diversas partes do mundo, levadas a cabo por governos centralizadores com intuito de cooptar regiões distantes e culturas diferentes. No caso do Movimento Tradicionalista, as entidades são fundadas pela iniciativa comunitária e não recebem nenhum apoio externo de órgãos oficiais ou mesmo da federação (MTG), elas são essencialmente locais, tanto em patrimônio como em iniciativa, e congregam-se espontaneamente na federação dos CTG’s denominada MTG. Neste processo de crescimento observamos que os pioneiros do Tradicionalismo moderno fundaram no ano de 1948 o “CTG 35” em Porto Alegre e os outros começaram a surgir sem controle no estado, até que se decidiu, em 1954, quando já haviam 38 entidades, criar um congresso para discutir temas referentes ao Movimento. Em 1966, quando já haviam centenas de entidades, foi criada a federação, chamada MTG, para organizar as atividades conjuntas desses Centros de Tradição. E assim, ele se desenvolveu de forma independente, por iniciativas de cunho civil.

Justamente por esta constatação, podemos supor que deve haver dispositivos muito sólidos de funcionamento que fazem as pessoas aderirem ao Movimento. E isso que pretendemos averiguar. Essa investigação permitirá justamente desvendar os

dispositivos sociológicos que permitiram essa expansão mesmo sem ser um projeto de Estado. Quais foram às lógicas que operaram para isso?

Sendo assim, primeiramente verificaremos como ocorre a identificação com o Tradicionalismo a partir da ruralidade enfatizada no Movimento: a relação Tradicionalismo e ruralidade; E depois verificaremos como o Movimento adquiriu em sua constituição, uma maneira muito própria de lidar com esse aspecto rural, na medida em que ele propôs uma ruralidade muito mais estilizada e mitificada. Observa-se que foram construídos “valores sublimes” para representar a ruralidade por meio da mitificação da figura do gaúcho, gerando assim um elo simbólico de ligação entre essa figura histórica com seus valores romantizados e o homem do campo, criando por isso uma ‘mítica social’ no Tradicionalismo. Da mesma forma, por meio da estética apurada das expressões do Movimento, a vida simples do cotidiano rural, com pouca ou nenhuma magnificência, foi representada de uma forma espetacularizada, bela e sedutora. O quarto fator se trata da ludicidade das expressões, fator que contribuiu significativamente para a ampla adesão que o Movimento teria, devido à proposta agregacionista e não segmentária que isso significou.

Deste modo, se instauraram propriedades de funcionamento muito bem combinadas que lhe deram a atual projeção. Devemos destacar, então, o sentido, a mítica, a estética e a ludicidade, geradas a partir do elemento “ruralidade”, para explicar sua projeção.

### **3.1 – Sentido: A identificação com o Tradicionalismo através da ruralidade**

Como vimos, a ampla adesão ao Movimento primeiramente se explica pelo sentido sociológico que ele fez as populações do estado devido ao uso do ruralismo como eixo central de sua representação. Ao enfatizar em suas expressões as atividades próprias da vida rural, ao invés de signos étnicos ou valores muito segmentados de uma região, por exemplo, o Tradicionalismo se abre como representante possível para grande parte da população do Rio Grande do Sul que teve forte influência rural em sua formação. Assim, os valores do Tradicionalismo adquiriram significado para boa parte das comunidades formadoras do estado.

## *A influência rural sobre a população*

Para a compreensão dessa propriedade presente no Tradicionalismo de representar as etnias distintas por meio da ruralidade, devemos considerar primeiramente que mesmo o Rio Grande do Sul sendo atualmente um estado com população predominantemente urbana, com aspecto modernizador relativamente bem desenvolvido, a ruralidade exerce ainda hoje influência de diversas maneiras na região. Além do contexto de formação histórica do estado em que todas as vertentes de colonização mais significativas exerceram as atividades de cultivo da terra e assim se aproximaram dela, ainda se puseram outros aspectos no processo de desenvolvimento da região que manteve a influência significativa do meio rural sobre o meio urbano. Pode-se destacar, por exemplo: a urbanização recente, o interior significativamente forte, a importância da agricultura na economia, etc.

Então, além da influência na formação do estado a partir das circunstâncias colonizadoras eminentemente rurais e de forte vínculo com a terra, devemos considerar que atualmente, por exemplo, a proximidade com o campo se faz, dentre outros casos, justamente pelo fato do Rio Grande do Sul, caracteristicamente, possuir um interior forte, com cidades importantes e uma população que supera em números absolutos a capital e região metropolitana. Além disso, esse interior projeta uma economia vigorosa, baseada predominantemente na agricultura, mas também possuindo parques industriais dinâmicos e instituições importantes como universidades, hospitais, quartéis, etc. Essa distribuição geográfica e econômica garante um vínculo mais próximo da população com os ciclos rurais, bem como impede uma oposição severa entre Capital - se pondo como sinônimo de civilização - e interior - como sinônimo de provincianismo.

Igualmente, a influência do campo (ou do interior) sobre a cidade, é exercida também devido à migração recente do campo para os centros urbanos, ocorrido massivamente somente a partir de meados do século XX e estendido às décadas seguintes. Devido a isso, na Capital, sobre seus habitantes, ainda muitos nasceram no interior, ou foram seus pais ou avós que nasceram, ou seja, para um morador qualquer de Porto Alegre, pode-se dizer ainda nos dias de hoje, que se ele próprio não é do interior, há grande probabilidade de que seus pais ou avós tenham sido. Isso de certa forma mantém uma herança rural ainda recente na população.

A importância da ruralidade também se dá pela dependência que se tem da agricultura na economia do estado. Por assim dizer, no Rio Grande do Sul (e na verdade em todo o Brasil), ainda vale à máxima: “se o campo vai mal, a cidade vai mal”.

Por fim, diferente de sociedades como EUA e Inglaterra em que além do fato da população urbana ter superado a do campo há muito mais tempo (no caso da Inglaterra a séculos), fazendo com que o ambiente rural seja algo muito distante da população urbana, ainda nesses casos, por exemplo, as propriedades rurais assumem hoje na questão familiar, apenas um aspecto secundário em relação ao empresarial. Diferentemente no contexto do Rio Grande do Sul, em que há bem pouco tempo em termos históricos a população urbana superou a rural<sup>137</sup>, a propriedade familiar (e isso vale para latifúndios e minifúndios) ainda não foi completamente colonizada pelas grandes companhias, mantendo, assim, um vínculo mais estreito com a população.

Portanto observa-se que o campo exerce influência sobre a cidade de diversas maneiras. A importância da ruralidade não pode ser medida apenas pelo número populacional residente no campo, pois no caso do Rio Grande do Sul, o campo exerce uma importância desproporcional a sua população residente devido aos aspectos descritos. Assim, a ruralidade ainda se mantém como algo significativo. Então, quando o Tradicionalismo se coloca como Movimento rural - nos termos simbólicos e destradicionalizados que se propõe - ele pode encontrar correspondência nessa população.

### *A natureza e o sentido dos elementos do Tradicionalismo*

Para compreender o sentido ou o significado que o Movimento fez às populações de todo o Rio Grande do Sul, não se restringindo somente à Campanha, mas estendendo-se a todas as regiões, teremos que abandonar a ideia de que o Movimento provém somente da realidade da região pastoril. Veremos então, como o Tradicionalismo se utiliza da ruralidade em sentido mais amplo ou generalizado.

Quando se fala em Tradicionalismo, o primeiro impulso nos remete a relacioná-lo diretamente a Campanha Gaúcha. De fato, sua estética, digamos “ideal”, está majoritariamente relacionada ao cenário daquela região. Contudo poderemos constatar que este aspecto, se não for analisado com cuidado, pode ludibriar o observador e assim

---

<sup>137</sup> Este, evidentemente, é o mesmo caso do Brasil e da América Latina.

levar a conclusões que não se referem à causa mais profunda do fenômeno. Grande parte das pesquisas sobre o Tradicionalismo considera que seus elementos provenham somente da Campanha Gaúcha e, portanto, nada teriam haver com outras realidades, sendo por isso imposições de uma elite rural falida por sobre as outras populações do estado a fim de restaurar sua importância perdida.

Mas ao nosso ver, esse raciocínio provém do uso de lentes teóricas ou conceitos criados sobre outros contextos para explicar os fenômenos que envolvem tradições, aculturações, cultura de elite e cultura de povo, na forma como se manifestam nessas sociedades, mas que como vimos, diferem bastante da conjuntura histórica do Rio Grande do Sul e da maneira como são apreendidos nessa realidade.

O Tradicionalismo moderno, como vimos, expressa-se como um Movimento de cunho popular, e por isso apresenta um ângulo popular de visão, mas os casos em que o povo assume para si as opiniões de mundo próprios das elites também fazem parte do Tradicionalismo, este, evidentemente não é idôneo (como alguns críticos queriam que ele fosse) de expressar opiniões conservadoras, próprias aos discursos das elites, mas enfim, esta é face da sociedade e do mundo, repleto de contradições, e justamente essas incoerências expressam a maneira como o povo (e qualquer grupo social) pensa, e nesse aspecto encontra-se uma grande capacidade do tradicionalismo de traduzir o código popular e assim estabelecer uma linguagem muito significativa para a população.

A partir dessas condições devemos analisar o Movimento, não da forma como “deveria” ser, criticando a alienação da população, nem tão pouco como as teorias europeias dizem que “é”, baseadas em casos de tradição distintos, mas enfatizar os aspectos importantes tendo por base as manifestações próprias ao Tradicionalismo Gaúcho e o cenário social em que ele atua, o Rio Grande do Sul.

Sendo assim, para observar o sentido do Tradicionalismo para as populações formadoras do Rio Grande do Sul, devemos primeiramente abandonar esse mal entendido que ronda o Tradicionalismo e suas expressões, ou melhor, vamos considerar que o Tradicionalismo, em seu plano de fundo, digamos em seu formato ideal, refere-se à paisagem da Campanha Gaúcha, às atividades e práticas econômicas e sociais daquela região. Mas na prática, essa interpretação é ilusória, uma vez que na atualidade nem mesmo existe mais a tal estância antiga, ela se tornaram “firmas<sup>138</sup>” modernas por assim

---

<sup>138</sup> Os empregados das fazendas atuais tratam por “firma” o estabelecimento, e hoje são absolutamente modernas e tecnológicas, administradas como uma empresa moderna, tendo sobrado muito pouco das práticas econômicas da estância antiga. Essa constatação foi retirada da observação de fazendas na região

dizer, e portanto, nem na Campanha existe esse “algo” tão genuíno. Deste modo, para corrigir nosso raciocínio, devemos dizer que o Tradicionalismo refere-se simbolicamente ao arquétipo idealizado da ‘Campanha Antiga’ nos tempos vigorosos das grandes estâncias, das guerras de fronteira, revoluções, da lida com o gado, etc. de fato, desse tempo são retirados às expressões tidas por mais “genuínas” da identidade gaúcha. Mas ainda sim esse raciocínio não está pleno, pois essas idealizações sobre o mundo da estância antiga e das guerras de fronteira ficam restritas ao plano imaginativo e pouco se referem ao cotidiano do Movimento, ou seja, na análise das expressões do Tradicionalismo, de suas músicas, usos e práticas, observa-se que, objetivamente, a maior parte destas manifestações refere-se não só a Campanha Gaúcha, mas a toda a ‘realidade rural antiga’. Se na Campanha está o cenário ideal, aqueles elementos que podem se referir somente a Campanha, são apenas uma parcela reduzida do conjunto das expressões Tradicionalistas. Somente dessa maneira o Tradicionalismo pôde estender-se a todos, justamente por não ter se localizado demais. Se sua estética está na Campanha, o seu sentido é mais amplo, como poderemos observar.

Sendo assim, vamos destacar alguns exemplos que demonstrem essa identificação, essa forte referência que o Tradicionalismo faz ao mundo rural antigo, aquele ainda submodernizado, mas para onde o Tradicionalismo relaciona suas expressões e remete seu “tempo de ouro”, na qual a “estância antiga” é somente um dos atributos, mas que na verdade se refere à realidade rural bem mais ampla em que podem ser incluídas, com muita facilidade, todas as populações de origem rural do estado. A partir daí se extrai o sentido que ele faz e a possibilidade de se tornar significante - ao menos em caráter simbólico (emblemático) como se propõem as suas práticas – a todo o Rio Grande do Sul.

Veremos então quatro casos que demonstram, com maior ou menor consistência, que o sentido assumido pelo Tradicionalismo está ligado a matriz de formação histórica do estado que é focada na ‘ruralidade’. Para exemplificar isso, consideremos primeiramente o caso das músicas nativistas e os temas contidos nelas; depois o sentido amplo dos ‘galpões’ dos CTG’s com sua estética rústica; ainda as expressões manifestadas pelos colonos que demonstram a proximidade com os temas representados pelo Tradicionalismo; e por fim o relato de um Tradicionalista para justificar a adesão

---

de Camaquã e Tapes e de conversas com funcionários dessas empresas, sendo um deles, P. F. e o outro S. A.

ao Movimento que retrata bem o sentido que fez a sua comunidade. Esses casos não são a totalidade, mas exemplificam bem o raciocínio aqui proposto.

### *As músicas nativistas*

Pois bem, a significação rural ampla do Tradicionalismo pode ser observada já em um elemento bastante importante de ser analisado que são as músicas nativistas. Sobre essa expressão, também ronda o equívoco de considerar que elas se referem somente à vida específica idealizada da Campanha, quando na verdade a maioria delas se refere à realidade rural como um todo. Observamos artistas e conjuntos populares como Teixeira, Gildo de Freitas, Os Serranos, Os Monarcas, Honeide Bertussi, José Mendes, Mano Lima, Xirú Missioneiro, entre outros que atingiram diretamente as camadas populares com suas canções por falarem de temas que lhes eram conhecidos. Esses artistas citados nem mesmo são da Campanha, mas conhecem os temas rurais do gauchismo que também existe em suas regiões e, a partir de temas gauchescos, fizeram carreira de muito sucesso.

Além disso, ao analisar diversos casos, mesmo artistas efetivamente da Campanha, com composições sobre a realidade daquela região, ainda assim, quase sempre, apresentam temas que servem para se referir à realidade rural como um todo. O caso dos Fagundes, por exemplo, autores de repertórios clássicos como o “canto alegretense” que mesmo falando especificamente sobre um município da Fronteira Oeste, se tornou um dos hinos extraoficiais do Rio Grande do Sul. Existem aqueles cantores e compositores que são mais eruditos em suas composições, tal como Lisandro Amaral, Luiz Marengo e Gujo Teixeira, que atingem um público mais festivaresco e intelectualizado, e destinam boa parte de sua arte na imagem da estância antiga e da histórica mitificada das guerras e revoluções. Mas essa circunstância não anula a preponderância de temas rurais universais, a qual estas músicas que versam sobre tempos idealizados servem como complemento as outras que falam de temas rurais mais comuns.

Quando se fala em conjuntos musicais bailesco, segue-se a mesma tendência, ou seja, além de existirem muitos conjuntos de fora da campanha, ainda falam de temas variados. Além dos já citados Monarcas e Serranos, poderíamos ainda destacar Chiquito e Bordoneio, Grupo Rodeio, João Luiz Correia, etc.



Observa-se que desde a fundação do Movimento, se destacaram artistas e conjuntos de diversas regiões. Segundo Barbosa Lessa (1985), o estilo gaúcho na linha regionalista “teve como pioneiros o gaiteiro Tio Bilia, de Santo Ângelo, o gaiteiro e cantor Honeyde Bertussi, de Caxias do Sul, e o trovador repentista Gildo de Freitas, da Grande Porto Alegre. Mais tarde esse estilo de música estouraria nacionalmente com Teixeira, “alegria das massas mais humildes, no ambiente rural e suburbano, [...] o gauchismo de bombachas gastas e de pés no chão<sup>139</sup>”. Os conjuntos de bailes seguiram a mesma tendência: Os Três Xirús, de Pananbí; os Serranos, de Bom Jesus; Os Mirins, de São Francisco de Paula; e da Campanha, Os Araganos.

Sendo assim, as músicas, em sua maioria, assumiram temas rurais conhecidos por grande parte da população do estado, ou como disse Lessa, “das massas humildes no ambiente rural e suburbano”. Neste englobante que o Tradicionalismo fará sentido, atingirá as rádios, se proliferará nos bailões da periferia urbana<sup>140</sup>.

Obsevemos uma composição de José Claudio Machado que retrata bem a circunstância da temática rural:

“São as armas que conheço”

Um lombilho, um baixeiro, cincha, peiteira e rabicho  
Buçal, cabresto e mania e uma espora garroneira  
Mango, rédea e bocal são as armas que conheço  
Pra fazer um cavalo manso quando me entregam um bagual

Ou uma junta de boi mansos, um arado, pula-toco  
Cangas, brochas, tamoeiros, uma regeira um cambão  
Machado, enxada e facão são as armas que conheço  
Pra fazer a terra bruta me dar o trigo pro pão

Esteios, rimas, baldrames, travessas e cachorretes  
Caibros e pontaletes, gaipa, taquara e cipó  
Cupim, leiva em Santa Fé são as armas que conheço  
Pra fazer meu próprio rancho e deixar de viver só

---

<sup>139</sup> Lessa, 1985, p. 78.

<sup>140</sup> Lessa, 1985.

(As plantas estão maduras, os meus cavalos domados

O meu rancho está plantado, só meu catre está vazio

Quem sabe numa volteada eu encontre por aí

Alguém que junto comigo seja feliz por aqui)

Esta letra musical e outras tantas, expressam a ruralidade, quando se remete a natureza, aos animais, ao telurismo, as atividades agrícolas, farão sentido as diferentes populações do estado - e lembremos que o início do Movimento remonta a meados do século XX, uma condição muito mais próxima do mundo rural - e certamente daí vem a identificação que o Movimento obteve.

Mas continuemos esse raciocínio no caso dos galpões de CTG, na qual poderemos observar a mesma regularidade.

### ***O aconchego do galpão***

Analisando os “galpões” dos CTG’s (a edificação sede dessas entidades), observamos que essas construções que idealmente se referem aos galpões das antigas estâncias, onde a peonada se reunia, na verdade preenchem uma lacuna psicológica muito mais concreta do que esse fato tão distante.

Mais do que o galpão de estância, o galpão do CTG representa um mundo ainda submodernizado, um mundo sem os luxos dos tempos modernos, porém bem mais próximo da natureza e da realidade rural antiga. A estética rústica dos CTG’s estabelece uma oposição em relação à frieza do apartamento, do concreto, dos shoppings, do progresso que se instalava a partir dos eventos modernizantes, urbanizadores, bem estranhos à vida rural antiga. Daí resulta, conforme constatações, o aconchego para quem se “aprochega” naquele ambiente rústico, simples, hospitaleiro, sem luxos, onde basta “puxar” um banco e se assentar em qualquer canto, tomar um mate, comer uma carne, saborear uma “pinga”, prosear, e tudo no improviso, sem requintes. Esse é o sentido do galpão do CTG.

Sendo assim, tendo em vista a influência rural do Rio Grande do Sul, o galpão faz referência, não só a estância que não existe mais, mas sim a uma realidade que até bem pouco tempo era predominante no estado, e mesmo ainda se faz presente em muitas comunidades, não só do interior como também das periferias das grandes

idades. E deste modo, a estética do galpão, e os hábitos executados nele, trás lembranças reais ou imaginarias às pessoas.

Observemos no quadro abaixo como essa tese se confirma quando comparamos os CTG's com casos que até bem pouco tempo eram predominantes no estilo de vida do interior e das periferias:

## QUADRO 2: A ESTÉTICA DOS CTG'S E DAS RESIDÊNCIAS



Na coluna da esquerda, imagens dos galpões Tradicionalistas, e na coluna da direita, casas residenciais. Na figura 'A', um CTG; na figura 'C', um piquete de acampamento; e na figura 'D', uma roda de mate na varanda de um piquete. Essas cenas que seriam próprias ao Tradicionalismo, na verdade não estão muito distantes da realidade predominante até bem pouco tempo no estado. A foto 'B' é de uma casa no município de Teutônia, com pátio amplo tal como o CTG Camaquã, da foto 'A', um tipo de construção muito comum até hoje. A foto 'D' é de uma casa na cidade de

Viamão, muito comum ainda em toda a periferia da região metropolitana e também no interior do estado. E na foto 'F', uma família 'simples' tomando chimarrão nos fundos de sua casa.

O comparativo entre as colunas da esquerda e da direita demonstra que o galpão do CTG, não representa somente a Campanha antiga, mais remete a vida simples, mais próxima da natureza e, notoriamente, oposta a frieza dos apartamentos, ao luxo dos shoppings, e a modernidade como um todo. Então encontra-se nele uma espécie de aconchego para aqueles que tem lembranças dessa vida mais simples de tempos atrás, ou mesmo para aqueles que apenas tem em seu imaginário essa tal vida antiga.

A nosso ver, esse sentido que apontamos é mais importante do que a idealização de uma estância antiga. Se não trouxesse lembranças às pessoas, se não apresentassem o tal "aconchego" que destacamos aqui, ele não seria algo dado à prática, mas somente a apreciação distante, como é o caso, por exemplo, de prédios históricos restaurados (existem casas de estâncias antigas restauradas e transformadas em museus como o Museu Bento Gonçalves no município de Cristal) . Mas longe disso, o Tradicionalismo, que tem a prática como sentido principal, tem justamente seu sucesso ancorado nesse sentido que ele faz. Então quando ele apresenta esta estética rústica em seus galpões, ele consegue se tornar referência simbólica para as recordações reais ou imaginárias de um mundo antigo.

### ***Expressões dos colonos***

Seguindo essa mesma tendência, a cultura dos colonos, que em um primeiro momento nos leva a estabelecer uma distancia fundamental da dita cultura Tradicionalista, que seria da Campanha, e que levou a suposições que esses imigrantes teriam aderido ao Movimento por uma espécie de aculturação, por elementos completamente estranhos a sua realidade e a sua cultura, veremos que na verdade existem muitos fatores comuns.

Como já tínhamos observados, os colonos em contato com a natureza e as atividades econômicas existentes na época da sua chegada, singularizaram sua cultura conforme a nova realidade. Então a cultura teuto-gaúcha e ítalo-gaúcha não são a mesma cultura idealizada sobre a figura internacional de um alemão (chapéu de feltro, suspensório e tamanco) e nem de um italiano (tipão do sul comedor de pizza). Os imigrantes e seus descendentes formaram a sua própria cultura colonial.

Deste modo então, os colonos, em contato com a realidade rural e selvagem do estado, singularizaram seu modo de ser e distanciaram-se de seus ancestrais europeus em diversos aspectos, por outro lado, aproximaram-se dos seus novos conterrâneos nestes mesmos aspectos. Considerando o fato de que sua própria condição de camponês lavrador na Europa já lhes condicionava um vocabulário composto em grande medida por temas rurais, estes ainda singularizaram seu modo de falar conforme a realidade local, pois muitas palavras foram incorporadas ou resignificadas nestas línguas, criando dialetos novos como o “vêneto-riograndense” e o “riograndenser Hunsrückisch”, sendo estas consideradas línguas brasileiras não oficiais. Observa-se muito bem essa particularização com o novo ambiente na formação do dialeto riograndenser Hunsrückisch:

Com a imigração alemã ao Brasil, no decorrer dos últimos 180 anos, o Hunsrückisch também veio a se estabelecer como uma língua regional. A forma brasileira da língua foi muito influenciada pelas novas fauna, flora e pelas novas línguas com as quais passou a ter contato. (Por exemplo o português (incluindo palavras indígenas e africanas absorvidas pelo português), o italiano, o pomerano, o alemão-padrão etc...) <sup>141</sup>.

Vejamos então, por exemplo, algumas palavras singularizadas do dialeto Riograndenser Hunsrückisch: Domingeira (domingueira), Fakong (facão), Gurie (guri), Milhebrot (pão de milho), Potrier (potreiro), Scharke (charque), aipi ou manioka (aipim), Barranke (barranca), Bast (pasto), capienen (capim), bischo (bicho), etc.

Percebemos então que muda a língua, mas o significado rural é o mesmo. As populações conhecem a lida e se identificam com ela. Deste modo a representatividade adquirida pelo Tradicionalismo advém do seu significado, que efetivamente, se olharmos sem profundidade, pensaremos que só se refere a Campanha, mas na verdade versa sobre a realidade rural em geral e isso atinge em cheio a vida dos imigrantes nas colônias de todo o estado.

---

<sup>141</sup>Extraído da Wikipédia: acessado em 25 outubro de 2012.  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Riograndenser\\_Hunsr%C3%BCckisch](http://pt.wikipedia.org/wiki/Riograndenser_Hunsr%C3%BCckisch)

### ***A aceitação pelo sentido ou significado***

Por fim, deste modo, observa-se que o Tradicionalismo atingiu grande facilidade de propagação devido justamente a sua capacidade de representar as comunidades por meio da ruralidade. Vejamos abaixo um testemunho sobre o sentido do Movimento e que sintetiza esta tese. Em estudo realizado sobre a presença Tradicionalista na região de Iratí no Paraná em entrevista a um dos pioneiros do Movimento da região, que não era nascido no Rio Grande do Sul, e por isso frequentemente era indagado porque fazer parte de um Movimento dito “gaúcho”, então ele diz:

*Eu sempre cito o seguinte, o pessoal não para pra pensar e às vezes pergunta C.T.Gs, centros de tradições gaúchas, o seu Oscar os seu Chico Anciutti, o Ico Ruva, o Carlito Neuman, o Jefersom Perreto, inclusive o pessoal que ainda participa de todos os Rodeios, o Bira que é Patrão do Esteio enfim, a família Colaço do XV de julho, então todo esse pessoal, como que é gaúcho são tudo nascido aqui em Irati e querem se chamar de gaúcho. Mas o povo iratiense ele deve parar pra pensar e refletir o seguinte, a palavra gaúcho é um nome, mas a questão mais forte ainda é Tradicionalista, e o povo iratiense é Tradicionalista e tem que parar pra pensar porque a assistência é tão grande e os Rodeios aqui em Irati é hoje o maior. Nós temos sete C.T.Gs aqui em Irati, cresce muito o Tradicionalismo na nossa cidade que é hoje a 6ª Região Tradicionalista e a 3ª maior do estado do Paraná. Nós somos hoje na 6ª região 30 C.T.Gs. Hoje a 1ª Região é a cidade de Curitiba, é a maior região do estado do Paraná com 70 C.T.Gs, a 2ª é a região de Ponta-grossa, com 45 C.T.S se a 6ª região é a 3ª maior do estado do Paraná, então a região cresceu muito porque o povo que tá incluído na 6ª região Tradicionalista é um povo Tradicionalista porque se criou em contato com o gado, em contato com a lavoura, a terra e a natureza, então não se pode dizer, não tem como separar porque o nosso povo deixa de ser Tradicionalista, o povo é Tradicionalista, então quando começou vir o rodeio pra representar o laço, a cura do terneiro, o canto, a gaita, então*

*o povo nosso se identificou com o Tradicionalismo*<sup>142</sup>. (Relato do Sr. F. R. N. um dos pioneiros do Tradicionalismo em Iratí)

Percebe-se então que o entrevistado relacionou diretamente o Tradicionalismo ao ruralismo. E encontrou a explicação para a expansão do Movimento naquela região, justamente na circunstância da ruralidade ser muito forte por lá e no sentido que o Movimento pode fazer para eles ao simbolizar aqueles temas em suas expressões.

\* \* \*

Portanto, observa-se que longe de se referir somente a temas da Campanha, as práticas Tradicionalistas referem-se a uma realidade muito mais ampla que na verdade atinge toda a realidade rural. Deste modo, o sentido do Tradicionalismo para essa população – de origem ou descendência rural - advém pela ruralidade colocada como eixo central de sua representação e comum as populações formadoras do estado. Assim, a tese das imposições culturais enfraquece.

Desta maneira, o Tradicionalismo foi constituindo-se como representante da ruralidade, mas não somente do homem do campo, pois mesmo esse atualmente já é modernizado, mas sim, de todos aqueles que possuem influências rurais, que no caso, refere-se virtualmente a toda a população do Rio Grande do Sul.

Então no momento em que ocorriam modificações contextuais modernizantes no estado em meados do século XX, e o Tradicionalismo se colocou como exaltador da vida rural antiga, ele encontrou eco na população. Deste modo, observamos que a aderência ao Tradicionalismo, ou melhor, sua rápida expansão e aceitação pela comunidade gaúcha, se deve a características próprias dessa sociedade de forte formação rural e o papel que o Tradicionalismo assumiu nesse contexto. Em um momento de grandes transformações que o estado passava, quando recebeu sua primeira grande influência modernizante externa a partir dos anos de 1940 com a política da boa vizinhança dos EUA, chegava a cultura de massas, chegavam novos estilos, novos produtos, novos valores que efetivamente somadas ao ímpeto modernizante iniciado por Vargas, transformariam as formas de vida do estado: êxodo rural, o crescimento das cidades, a industrialização, novas técnicas produtivas, etc. nasceu então o

---

<sup>142</sup> FERREIRA, F.G; CORSO, J.C. Do Rio Grande do Sul a Iratí: Tradicionalismo Gaúcho no Município de Iratí – Paraná. Revista Eletrônica Lato Sensu – Ano 3, nº1, março de 2008. UNICENTRO. Iratí.

Tradicionalismo, como uma espécie de alternativa a todos esse novos estilos que chegavam, por sinal muito sedutores. Por ser de caráter rural, por falar de tradições, tudo oposto ao que chegava, o Movimento já adquiriu um caráter especial. Para uns era sinal de grossura, de antiquado, para outros era sinal de raiz. Mas de certa forma, ao menos no discurso dos seus participantes, se tratava de uma espécie de resistência simbólica as “imposições” estrangeiras que “invadiram” o estado. E assim, quando Lessa, Côrtes e outros pioneiros do Tradicionalismo, já inclusos no cenário urbano de Porto Alegre, criam um galpão para reviver as tradições rurais do Rio Grande do Sul - mas estas já desvinculadas de qualquer pretensão integral e portanto somente simbólico - eles permitiram que todos pudessem se reconhecer ou se representar nesse elemento comum que é a ruralidade. E no caso, a ruralidade simbólica dos CTG's. E assim, o Movimento encontrou eco, cresceu e se expandiu por todo o Rio Grande do Sul.

\* \* \*

Então a ruralidade enfatizada pelo Tradicionalismo, ao invés de outros valores como a etnicidade, é uma característica consonante com a matriz cultural em que ele atua, e por isso, podemos dizer que o uso dessa representação rural foi um dos aspectos responsáveis por sua expansão devido ao sentido que fez as populações, acarretando ampla adesão.

### **3.2 - A mítica social do Tradicionalismo**

O sentido mais concreto de identificação com o Tradicionalismo se dá pela ruralidade, e evidentemente esse é o fator mais importante, mas o mito do gaúcho acrescentou elementos míticos, mágicos, de heroísmo que somente ajudou a incrementar isso, e assim, ambos os aspectos são inseparáveis para explicar a ampla adesão que o Movimento obteve.

Por meio do mito do gaúcho se criam os valores que representam não só o gaúcho, mas a ruralidade como um todo. E por meio da ruralidade, todos passam a ser herdeiros dos valores sublimes do gaúcho. A mítica social é dada pela mitificação da figura do gaúcho que cria um elo entre essa figura e a ruralidade como um todo, passando assim os valores do mito, para todos aqueles que cultivam os valores rurais, representando assim um elo simbólico entre passado e presente.



O mito do gaúcho cria uma continuidade moral com o gaúcho histórico a partir do processo de mitificação desta figura, que enquanto imagem representativa possui qualificativos como bravura, honestidade, liberdade, justiça, força, destreza, coragem, patriotismo, próprios ao núcleo simbólico dos mitos/heróis<sup>143</sup>, da qual, em um processo muito singular, para o Tradicionalismo, todos os rio-grandenses seriam herdeiros.

Consideremos no processo de evolução semântica e de mitificação da figura do gaúcho, que essa figura em sua forma original refere-se a um tipo social do pampa tido como vagabundo, sem lei, que andava errante pelos campos, vivia de contrabando e de guerras. Mas conforme mudava o contexto histórico, as condições que permitiam a existência desse tipo tiveram fim, os campos foram cercados (impedindo a livre circulação de outrora), as fronteiras foram demarcadas, instituições religiosas e estatais intensificaram sua atuação, etc.

Parece que o tipo gaúcho não era igual a um peão de estância, este tinha características um tanto distintas, era um tipo menos domável, mais livre, desordeiro, menos governado, era talvez por isso o chamado “vagabundo” da época, decerto pela sua dificuldade em se adaptar as regras sociais. Com as transformações econômicas e sociais do contexto que “civilizavam” o Pampa e impediam o prosseguimento do seu estilo de vida, esse tipo passou à peão de estância, foi por assim dizer “educado”, se agregou a pirâmide social na qual, anteriormente, ele estava excluído.

O tipo gaúcho, a partir da segunda metade do século XIX, passou a ser mitificado pela literatura. O homem campeiro em geral foi relacionado ao gaúcho. Mas a literatura do Partenon primeiramente resgatou a imagem do “bom campeiro”, do “vaqueano”, do “monarca das coxilhas”, e somente em 1887, na obra de Oliveira Belo, o homem do campo foi relacionado a esse tipo<sup>144</sup>. Talvez o caráter ainda um tanto pejorativo, que esse termo tivesse no Estado, impediu que de imediato o campeiro fosse relacionado ao gaúcho. Então a primeira generalização entre campeiro e gaúcho parece ter vindo de fora do Estado, através de José de Alencar no seu romance “o gaúcho”, certamente, muito em razão de não conhecer os códigos que funcionavam no Rio Grande do Sul e que colocavam essa figura como algo pejorativo. Mas logo os próprios literatos locais aderiram a essa significação.

---

<sup>143</sup> Para esse assunto ver Deise Lange Albeche 1996.

<sup>144</sup> ALBECHE, 1996.

A implantação do mito completou sua vestimenta, incluindo-lhe adereços enobrecedores, bem como passou à descrição de seus hábitos e costumes, filtrando o estilo bárbaro e enobrecendo o rústico. Os atributos e peculiaridades que fazem parte do simbolismo ressaltam, por exemplo, a valentia, a bravura, a qualidade de defensor, de fidelidade a uma causa ou paixão, ser guerreiro e livre<sup>145</sup>.

Mas o processo de identificação gentílica com o gaúcho demorou, os habitantes do Rio Grande do Sul passaram a identificarem-se generalizadamente como “gaúchos” somente em meados do século XX:

O que ocorreu foi a ressemantização do termo, através da qual um tipo social que era considerado desviante e marginal foi apropriado, reelaborado e adquiriu um novo significado positivo sendo transformado em símbolo de identidade do Estado<sup>146</sup>.

Quando o termo ‘gaúcho’ passa a ser entendido como peão de estância, já representa uma considerável evolução semântica, de vagabundo e marginal, passa a trabalhador. (Na Argentina e Uruguai, por exemplo, o termo não evoluiu ao ponto de se tornar gentílico). Quando a literatura transforma todos os “bons campeiros” em gaúchos, ressemantiza o termo e limpa seu caráter pejorativo. Por sua vez, quando o Tradicionalismo se utiliza da ruralidade como eixo central de sua representação, então só poder ser a figura do gaúcho, e seus valores romantizados pela literatura, que a essas alturas (década de 1940) já estavam bastante difundidos, o grande representante dos valores dessa ruralidade. Por último, dado a pesada influência rural que o Rio Grande sofre e o sucesso adquirido pelo Movimento, não tardou para que este gaúcho se tornasse gentílico, para que todos pudessem se reconhecer nessa figura.

Então essa figura passou de marginal a peão de estância (ao que parece primeiro por uma evolução das próprias condições sociais que se modificaram e ressemantizaram o termo) depois de simples peão, passou a ser o “bom campeiro” da literatura, e de bom campeiro, no Tradicionalismo ele passa a homem rural como um todo, e, em tese, sendo

---

<sup>145</sup> HEIDRICH, Álvaro Luiz. Aspectos culturais da construção da regionalidade gaúcha. In: Rio Grande do Sul – Paisagens e Territórios em Transformação. p. 215 – 232. Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2005. (p. 7).

<sup>146</sup> OLIVEN, Ruben George. O maior Movimento de cultura popular do mundo ocidental: o Tradicionalismo gaúcho. Cadernos de Antropologia, n. 1. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 1990.

todos os rio-grandenses herdeiros dessa ruralidade, não tardou para que a mitificação dada ao homem rural, passasse a gentílico do Estado.

O certo é que sendo o Tradicionalismo um Movimento urbano, mas de tema rural, e remetendo a um passado idealizado, todos os seus participantes, sendo praticantes simbólicos dessa ruralidade por meio das atividades dos CTG's, então também simbolicamente são herdeiros do gaúcho, o símbolo maior do homem rural.

Ao fazer a continuidade/descontinuada, ou seja, simbólica e não tradicional, com o passado por meio da relação/representação do gaúcho com o meio rural, o Tradicionalismo cria uma mítica de representação, e isso lhe ajuda a dar sentido as suas atividades. Por meio do dispositivo do mito gaúcho para representar a mundo rural, foi possível estabelecer uma continuidade entre o passado heroico, romantizado das guerras e revoluções, com a realidade rural como um todo, independente da vertente étnica ou da região do estado, e assim todos poderiam se representar nessa imagem mitificada.

O Tradicionalismo assumiu esse papel na construção da identidade, fez o elo entre passado e presente ao relacionar as práticas rurais à figura do gaúcho. E assim, estabeleceu uma continuidade moral e não tradicional com o 'tempo de ouro', com o passado idealizado. Conforme Richthofen e Silveira (2004):

As práticas e o discurso Tradicionalistas buscam justamente estabelecer uma continuidade histórica, tentando fixar certos rituais e fazer com que os/as gaúchos/as se constituam como tal, valendo-se, para isso, das tradições, mais ou menos "inventadas", e do discurso que privilegia o passado e a memória que seria comum a todos/as<sup>147</sup>.

Albuquerque Jr. (1999) comenta que o discurso Tradicionalista:

Toma a história como o lugar da produção da memória, como discurso da reminiscência e do reconhecimento. Ele faz dela um meio de os sujeitos do presente se reconhecerem nos fatos do passado, de reconhecerem uma região já presente no passado, precisando apenas ser anunciada. Ele faz da história o processo de afirmação de uma

---

<sup>147</sup> FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A figura do gaúcho e a identidade cultural Latino Americana. Educação. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 2 (53), p. 263 – 281, Mai./Ago. 2004.

identidade, da continuidade e da tradição, e toma o lugar de sujeitos reveladores desta verdade eterna, mas encoberta<sup>148</sup>.

Ainda conforme Richthofen e Silveira (2004):

Este discurso Tradicionalista se vale de sistemas simbólicos, de tradições, que, mesmo inventadas, vão sendo obscurecidas pela bruma do tempo e passam a fazer parte da memória da nação e de cada um de nós, “sujeitos do presente”, que pertencemos, também simbolicamente, à região<sup>149</sup>.

Assim o Tradicionalismo cria um elo justificado com o passado, a partir do qual todos podem assumir os valores míticos do gaúcho: bravura, valentia, honra, etc. ai está sua mítica social. “Enquanto para Minas o *mito da fundação* personifica em Tiradentes o herói, no estado sulino ele é difuso num personagem que muitos podem assumí-lo: o *gaúcho*<sup>150</sup>”. E assim, para qualquer indivíduo que queira cultivar essas tradições antigas, essa ruralidade, irá vestir-se da áurea dessa figura histórica, pois o Tradicionalismo resignifica os elementos causando uma sensação de continuidade com o passado rural. E assim, ao ser um Tradicionalista, herdeiro de um passado rural, então se é um gaúcho “de fato”.

Deste modo, o Tradicionalismo e o mito que ele utiliza, pode fazer sentido a todos, e representar a herança rural do estado, na qual, facilmente qualquer pessoa pode buscar suas origens rurais. E assim, o Movimento pode representar uma continuidade histórica mesmo para quem nunca teve alguma experiência com campo. Então a mítica social do Tradicionalismo encontra-se justamente no mito do gaúcho.

\* \* \*

Justamente pela circunstância do Tradicionalismo não ter suas expressões meramente resguardadas em museus, mas sim primar pela prática, pela vivência, essa mítica assume uma função muito importante de elevar a condição moral do grupo, no

---

<sup>148</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, 1999. (P. 79) in FREITAS e SILVEIRA, 2004, p. 10.

<sup>149</sup> FREITAS e SILVEIRA, 2004, p. 10.

<sup>150</sup> HEIDRICH, 2005, p. 6.

caso, primeiro os próprios Tradicionalistas e depois toda a população que seria também herdeira dessa ruralidade na qual o gaúcho representa:

Assim, seja a quem for, o Gauchismo oferece uma possibilidade de vivenciar uma figura altamente prestigiada e fornece um patrimônio cultural e o inscreve em uma história coletiva, mobilizando assim, expectativas e sentimentos dentre os quais a de pertencer a um grupo<sup>151</sup>.

A função do mito do gaúcho, então, não é “enganar” o passado, mas sim gerar os valores próprios ao núcleo de qualquer mito e relacioná-los a população que ele representa. A mitificação do gaúcho, assim, assume papel importantíssimo para reforçar o grupo e o poder discursivo e de atração do Movimento, colocando-lhe como representante “verdadeiro” de toda essa ruralidade mágica, encantadora, heroica, etc. e não daquela real, ou seja, humilde, com poucos encantos. A população vai dramatizar sua tradição rural não em um tipo pobre do passado, mas na figura heroica e prestigiada do gaúcho.

Essa mítica social que envolve o Tradicionalismo representa uma complementariedade à significação rural que vimos, ou melhor, a partir do somatório tanto do sentido rural do Movimento e da mítica social criada por meio do gaúcho, além dos dois outros aspectos que veremos a seguir, se justifica a expansão e adesão proeminente que o Tradicionalismo teve.

### **3.3 – O Tradicionalismo como projeção estética da vida rural**

O terceiro fator que gostaríamos de destacar nesse conjunto de dispositivos ou propriedades que parece explicar ao menos alguns dos aspectos sociológicos que justifiquem a ampla adesão ou expansão do Movimento, se refere à estética adotada nas suas expressões. O Tradicionalismo em suas manifestações e formas assume o papel de elemento espetacularizador da vida simples do homem rural, ou melhor, por meio da estética apurada das expressões do Movimento, a vida simples, cotidiana da realidade rural, que apresenta aspectos bem humildes, pode ser representada de uma forma espetacularizada, bela, e sedutora. Isso certamente será um fator de extrema importância para a adesão ao Movimento. Por outras palavras podemos dizer que o uso da estética

---

<sup>151</sup> MACIEL, 2007, p.17.

apurada do gauchismo teve e tem um papel fundamental no Tradicionalismo, pois representou o elemento magnífico da ruralidade. Se o cotidiano era simples, singelo, sem muitos atrativos, a sua representação, seus rituais, sua estética, constituiu-se ‘espetacular’, detentora dos valores sublimes do próprio gaúcho mitificado, do valor puro, ideal, belo.

Abaixo uma seleção de fotos que retratam na coluna da esquerda os agricultores em seu cotidiano, sem estilizações, que se referem a figuras bem comuns no estado. E na coluna da direita, as alegorias, o estilismo do Tradicionalismo.

### QUADRO 3: A ESTÉTICA DE AGRICULTORES SIMPES E DE TRADICIONALISTAS



Essa estética (juntamente com o mito do gaúcho) apresentou uma alternativa ou possibilidade muito interessante de representação das tradições rurais, de elevar a moral dessas manifestações e do homem idealizado do campo devido à feição estilizada que apresentou o tipo rural.

O Tradicionalismo, então, não se refere ao homem rural *in loco*, mas sim a representação simbólica dessa figura. Lembremo-nos que o Tradicionalismo é uma projeção estética da realidade. É a representação estética da vida do campo, mas não a vida já modernizada desse campo, mas sim dos tempos antigos ainda sub ou pré-modernos da qual todos seriam herdeiros.

E assim, em uma população de forte influência rural, mas que na verdade não vive mais aquele mundo rural antigo, seja da campanha ou das colônias, foi possível representar essas tradições de uma forma mais espetacular no Movimento Tradicionalista. Ou seja, para quem deseja cultivar as “tradições” antigas, encontra no Tradicionalismo um recurso estético bem interessante para representar/dramatizar essa ruralidade que seria inerente a todos os gaúchos. Essa é a função do Tradicionalismo, representar a ruralidade, o espírito rural que seria inerente a todos os rio-grandenses. Assim, quando alguém se veste desta estética, se veste da ruralidade antiga. Isso que ela representa. Então, o Tradicionalismo se coloca como representativo e simbólico não só para os citadinos, mas também para o próprio homem do campo moderno.

Deste modo, como vimos, esse estilismo se opõe a vida simples do campo, ou seja, se a realidade cotidiana é humilde, sem atrativos, feia, por assim dizer, no Movimento, “os herdeiros da tradição rural antiga” - no caso os Tradicionalistas e em potencial todos os habitantes do Rio Grande do Sul - podem expressar-se de maneira espetacularizada, com pompas e luxo encantadores: a pilcha com seus adereços, o charme da prenda com seu vestido, as danças coreografadas, as lutas de facões, o peão altivo em seu cavalo pronto para um rodeio, a charla retratada em versos poéticos, etc. essa estética espetacularizada da vida do campo gera uma espécie de sedução. Ao fazer esse Movimento, o Tradicionalismo torna-se interessante mesmo para quem nunca viveu no campo.

Eles elementos estéticos são majoritariamente oriundos da campanha antiga, então podemos dizer que seu sentido é universalmente rural, sua estética provém da região pastoril. Contudo os elementos Tradicionalistas não se referem ao trajar do gaúcho “real”, mas como vimos, no primeiro capítulo, são oriundos de inúmeras adaptações e na verdade de vertentes bem variadas, mas que tiveram forte relação com a

Campanha e com o mundo rural como um todo. Dentro do Movimento, a bombacha, o lenço, o chapéu, a bota, a espora, o cavalo, juntaram-se a bandeiras, cores, coreografias e assim compuseram algo novo, construído, que representa uma projeção estética daquela vida campeira e campesina.

Poderíamos, a partir desse raciocínio, dizer que no caso de outras manifestações culturais como o caipira, por exemplo, uma das condições que dificulta sua aceitação como figura representativa de maior reconhecimento, seria justamente sua falta estética, ou mítica. O caso do Tradicionalismo, nos mostra que a representação de um passado pobre não basta, ou melhor, não serve, para representação no presente, principalmente em um Movimento que prima pela execução prática das atividades e não somente literária ou expositiva. Sendo assim, se não houver esta romantização, adaptação, apenas ficará nos livros, museus, como fazem antiquários ou românticos. O cowboy hoje adentra como representação do interior do sudeste e centro-oeste e supera o tradicional Jeca Tatu, por motivos, entre os quais obviamente a sua estética mais interessante. O caipira, ao menos no que se refere à estética, não se colocou como alternativa possível. Em um momento em que a modernidade apresentava seus produtos de consumo sedutores, o Tradicionalismo contrabalanceou com a estética gauchesca e assim elevou a moral dessa “tradição” antiga, tornando-se mais atrativa para a população na qual ela destinava representar.

Abaixo, foto do CTG rancho da saudade de Gravataí, em viagem à França. O Tradicionalismo com seu conjunto de símbolos e expressões cria uma pompa deslumbrante para representar a vida simples do campo e dos campeiros, podendo equiparar-se a espetáculos do mundo moderno.

FIGURA 1: A ESTÉTICA DO CTG RANCHO DA SAUDADE





Então, a população do estado, já predominantemente urbana, para representar sua ruralidade, não vai ter sua representação nos tipos simples, por assim dizer “reais”, mas em um tipo estilizado, construído a partir da imagem da Campanha, com adereços somados e mitificados nos valores românticos do mito do gaúcho que se refere ao bom campeiro. Essa será uma das propriedades que ajudará a explicar a ampla adesão ao Movimento.

### **3.4 - A ludicidade como forma de reprodução da tradição**

Quem cultiva as tradições no Movimento, não são as pessoas rurais antigas, pois este mundo rural antigo não existe mais ou está em vias de acabar, mas sim as gerações já modernizadas, majoritariamente urbanas, que veem no Movimento o simbolismo dessa vida rural que na maioria dos casos nem foi vivência sua. Por isso ele é um Movimento simbólico, e ao se preencher das características de mítica social e espetacularidade, então pode ser alternativa crível, plausível, aceitável, a quem deseja cultivar as “tradições” do passado, mas somente de forma simbólica.

O Tradicionalismo então, não se coloca não como um Movimento rural, mas sim como um Movimento urbano, porém, simbólico das tradições rurais. Assim todos podem se representar nele. Tendo mudado o contexto do estado, não existindo aquele mundo rural antigo, seja da Campanha ou de qualquer outro lugar, resta somente o simbolismo do Tradicionalismo que representa essa realidade. Assim emerge o Tradicionalismo como representante dessa realidade que não existe mais.

O Tradicionalismo, então, é o espaço que as pessoas encontram para cultivar simbolicamente aquele tempo sub-moderno ou pré-moderno que não existe mais. E assim a mítica social e a estética colocam-se como recursos fundamentais para atrair pessoas ao Movimento. Representam, como dissemos, a romantização, a idealização estilizada, daquele tempo que na prática era bem mais simples.

A proposta do Tradicionalismo para a representação dessas atividades rurais, expressas em suas atividades, focaliza-se justamente nas atividades lúdicas como forma de reprodução da tradição. Através das danças, cantos, “camperizadas”, entre outros, pode ser manifestada, dramatizada, toda a mítica e estética da tradição. Assim, com a

execução das atividades do Movimento, as pessoas “fazem” tradição ao passo que apreendem e reproduzem seus códigos<sup>152</sup>.

Essa característica, por um lado, facilita o trabalho do Movimento, ou seja, facilita a transmissão dos códigos, a reprodução da tradição e o agregamento de pessoas. Mas por outro lado, como foi observado pelo pesquisador Claudemir de Quadros, restringe o Tradicionalismo a atividades que não possuem um poder de transformação social, não representam um engajamento político, e assim instaura-se no movimento uma fraqueza de cidadania e de ação transformadora. De fato, esta questão pode ser considerada como uma lacuna que o Movimento deixa a desejar, pois muito embora se observe nos documentos do Tradicionalismo a pretensão de ser um agente transformador, na prática isso não ocorre, pois não há projetos políticos que norteiem o Movimento ou que sejam divulgados por esse, se limitando mesmo a atividades lúdicas e a algumas campanhas de temas bem amplos, muito em voga na mídia, como meio ambiente por exemplo.

Por outro lado não podemos crer que seus membros não sejam fortemente engajados politicamente, e que não influenciem o Tradicionalismo com isso. Não é possível aqui afirmar nenhuma posição categórica, pois necessitaria de uma pesquisa específica para identificar posicionamentos políticos dos Tradicionalistas, muito embora, aparentemente, poderíamos até apontar uma tendência a segmentos políticos mais conservadores.

Mas o que efetivamente nos interessa aqui ao destacar a ludicidade é que, muito embora represente de fato uma lacuna pouco ativa do Movimento, por outro lado enquanto propriedade de expansão, que é o que estamos investigando, essa circunstância lúdica gera algumas implicações interessantes ao Movimento. Além das já citadas de facilitar a transmissão da tradição, a apreensão de códigos, ela evita a segmentação que seria gerada por eventuais posicionamentos políticos, e assim se abre para que mais pessoas se agrupem nele, uma vez que a esfera política fica destinada a escolha individual. Portanto, a limitação à ludicidade constitui-se como uma propriedade importante de seu funcionamento.

\* \* \*

---

<sup>152</sup> Sobre esse tema ver LUVIZOTTO, 2010.

Observamos, então, que o Tradicionalismo conta em sua constituição com uma série de dispositivos que favoreceram ou mesmo permitiram a sua disseminação. Dispositivos esses que são reflexo, ou codificaram a matriz cultural do Rio Grande do Sul, pois só nestas circunstâncias, tendo por base a formação histórica do estado e as disposições geradas nela, se poderia constituir uma engenharia com essas características.

Observamos então que por um lado, o mito do gaúcho cria os valores saudosos para o homem do campo, ao passo que estética apurada das expressões, lhe concede a pompa, a forma, a beleza, que falta a vida cotidiana. Então não só a população rural, mas todos os Tradicionalistas, todos aqueles que cultuam a vida rural antiga, podem representar-se ou assumir esses valores e essa estética. Mesmo quem nunca conheceu o campo, mesmo os camponeses atuais que diferem muito dos antigos, podem representar sua própria ruralidade por meio desses valores e desta estética.

O Tradicionalismo então, em seu cerne, não faz o culto ao gaúcho, mas a ruralidade, o gaúcho e seus valores mitificados são a expressão ideal desse homem rural, e que seria o ancestral simbólico de todos os rio-grandenses. Ou melhor, o Tradicionalismo não está tentando representar a vida do gaúcho antigo em suas aventuras, mas sim o homem rural antigo em suas práticas, e o 'gaúcho' é o mito utilizado para representar o homem rural.

Justamente o somatório do sentido rural, da mítica e da estética criada pelo Movimento e a ludicidade presente em suas expressões, explica, ao menos razoavelmente, sua ampla adesão pela população do estado, sobrepondo-se inclusive a questões de diferenças culturais dadas as diferentes etnias formadoras do Rio Grande do Sul.

Portanto, com essa reflexão torna-se possível compreender - acreditamos com maior credibilidade - seu real funcionamento e desmistificar certas reflexões que abordam apenas a questão da aculturação, da dominação, para explicar a adesão que o Movimento teve pelas diferentes etnias do estado. É justamente na estética construída que os acusadores do Tradicionalismo debruçam suas críticas, não entendendo as verdadeiras lógicas de operação e funcionamento do Movimento, mas acusando-o como sendo de dominação cultural da elite rural sobre o restante da população. Mas não é isso que temos visto, mas ao contrário, existem fatores sociológicos muito atrelados à base cultural do Rio Grande do Sul que explicam sua projeção. As acusações, na maioria das vezes, são resultado de análises calcadas em lentes ofuscadas sobre as noções de

“tradição” que assumem duas características fundamentalmente distintas do Tradicionalismo gaúcho conforme a reflexão feita na introdução: não tem o povo como precursor e quase sempre é um projeto de Estado. Exemplo disso, é a atuação elitizada dos românticos, dos antiquários, das tradições da realeza e mesmo dos nacionalismos, todos distantes da população, e a partir dessa óptica são criados os conceitos sobre tradição, sobre invenção, sobre manipulação, etc. que por uma imprecisão conceitual, passam também a ser utilizados para explicar qualquer fenômeno semelhante no mundo todo, dentre os quais o Tradicionalismo Gaúcho.

Deste modo, tentamos aplicar na compreensão do funcionamento do Tradicionalismo e suas causas sociológicas um ângulo objetivamente fincado na realidade social do Rio Grande do Sul e não de outras sociedades.

Sendo assim, uma vez tendo compreendido as propriedades que fomentaram a ampla adesão ao Movimento, passemos agora a compreender as propriedades que podem explicar sua continuidade até os dias atuais.

## **CAPÍTULO 4**

### **Tradição e modernidade: O caráter ritual e a vivência dos Tradicionalistas**

Em um momento de agudas transformações econômicas e sociais vistas no século XX e na qual a população do estado não abriria mão do tão cultuado progresso, o Tradicionalismo se colocou como uma resistência simbólica por meio das atividades dos CTG's. A forma como o Tradicionalismo constituiu seu culto a tradição, as características desse culto ou os termos de participação no Movimento, certamente foram essenciais para sua continuidade ou extensão no tempo tendo em vista as inúmeras transformações modernizantes que ocorreram na sociedade desde a sua fundação, quando o estado ainda era majoritariamente rural, até os dias de hoje, quando mais de 80% da população reside em cidades e as instituições da modernidade já se consolidaram.

Por outras palavras, podemos dizer que se a ruralidade como eixo central de sua representação foi importante para fazer sentido à população ou para representar as diferentes culturas do Rio Grande do Sul, e acrescidas da mítica social do gaúcho, bem como, da estética, ajudam a explicar sua ampla aceitação e conseqüente expansão em todo o estado e fora dele, a maneira como foi estabelecido o culto a tradição no Movimento, as características que a participação nele assumiram, ajudam a explicar sua continuidade mesmo em meio a profundas transformações modernizantes que o Rio Grande do Sul passou desde meados do século XX até os dias atuais.

Deste modo, as características próprias da relação do Tradicionalismo com a modernidade no que se refere à vivência dos seus membros é outra propriedade sociológica que opera no funcionamento do Movimento de fundamental importância para sua projeção atual.

Veremos que existem lógicas que operam no Tradicionalismo para regular a vivência dos seus membros dentro e fora dos seus domínios e que, justamente, pela dualidade criada para vivência do sujeito nessas duas esferas, dadas às regras que se estabeleceram para o contato entre o mundo de fora - representado pela vida cotidiana e moderna - e o de dentro - representado pelas atividades próprias ao Tradicionalismo - foi possível ao sujeito conciliar Tradicionalismo e modernidade. Compreendendo essas lógicas, podemos explicar a capacidade que ele assumiu de constituir-se como um Movimento de cunho regional-popular com funcionamento ativo em plena era chamada pós-moderna.

Iremos investigar duas propriedades específicas de seu funcionamento e atuação, que demonstram, justamente, a maneira como o Tradicionalismo se relaciona com a modernidade no que tange a vivência de seus membros: primeiro o ‘caráter ritual’ presente no Tradicionalismo que separa a vivência dentro e fora, e, segundo, o papel da ‘evolução institucional’ em meio às transformações econômicas e sociais que o estado passou e que permitiu ao Movimento um aprimoramento em suas execuções contribuindo assim para sua continuidade. As características que o Movimento assumiu na modernidade, puderam se dar em boa medida devido às condições destradicionalizadas que ele se formou, e somado a isso a sua evolução, ele se aprimorou cada vez mais conforme se impunham as características pós-tradicionais e reflexivas da sociedade pós-moderna.

#### **4.1 - A vivência dos Tradicionalistas e o ‘caráter ritual’**

Para compreendermos as singularidades da vivência dos Tradicionalistas na relação com a modernidade, observaremos que o Movimento apresenta uma característica peculiar no que se refere à relação entre a vivência dentro e fora e que permite aos seus membros compartilhar sem atritos as duas realidades, possibilitando assim uma adaptação muito própria à vida pós-moderna. Essa característica se refere ao ‘caráter ritual’ do Movimento e significa a superação da ambiguidade entre tradição e modernidade.

Sobre essa propriedade presente no tradicionalismo, devemos considerar que todo grupo tem a necessidade de demarcar suas fronteiras justamente para se constituir como grupo distinto. Conforme Denis Cuche (2002):

Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social. A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sobre um certo ponto de vista) e os distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista). Nesta perspectiva, a identidade cultural aparece como uma modalidade de categorização da distinção entre nós/eles, baseada na diferença cultural<sup>153</sup>.

Então normalmente essas caracterizações criadas para diferenciar um grupo de outro se situam na necessidade imperiosa de definir o que é certo e o que é errado, ou do que é autêntico e o que é espúrio “[...] de demarcar fronteiras, separando o puro do impuro, num processo análogo ao descrito por Mary Douglas em Pureza e Perigo. [...]”<sup>154</sup>. Esta propriedade de identificação dos grupos se manifesta muito forte no tradicionalismo, conforme Oliven (1993):

As ameaças à integridade gaúcha viriam de fora, pela massificação e introdução de costumes “alienígenas” disseminados pelos meios de comunicação de massa, e de dentro, através das deturpações dos maus tradicionalistas, pelo uso inadequado da indumentária por grupos artísticos, por aberrações nas coreografias das danças gaúchas, etc.

Opinião semelhante a de Maciel (2007), que se utiliza da mesma analogia de “pureza e perigo” de Mary Douglas para se referir a essa separação:

Para o tradicionalismo, o puro, o não contaminado, o nativo, o espontâneo, seria assim o “verdadeiro”. O estrangeiro, o alienígena, o que sofreu influências, o que se transformou, seria o falso, portanto o perigoso.

---

<sup>153</sup> CUCHE, 2002, p. 177.

<sup>154</sup> OLIVEN, 1993.

Contudo, o que chama a atenção no modo de funcionamento do Movimento é que devido ao caráter ritual, que marca a separação entre dentro e fora, o mesmo indivíduo poderá participar das duas realidades e ainda sim não deixar de ser puro. Torna-se, então, particular na atuação do tradicionalismo, a circunstância de que essa separação não é feita para separar uns indivíduos dos outros, mas sim para separar as práticas que se referem ao Movimento, consideradas puras, daquelas de fora, ou do mundo “moderno”, consideradas impuras.

### ***A natureza destradicionalizada do Tradicionalismo***

Pelo fato do Movimento ter nascido como uma experiência urbana, na capital, não atrelada, por exemplo, a uma comunidade fechada do interior que resguarda princípios tradicionais no sentido convencional do termo, atrelados a certos valores próprios da comunidade, mas, diferentemente, ter submetido o folclore a adaptações às condições modernas para ser vivido nas diversas situações de tempo e espaço, ele pôde estabelecer-se de forma mais aberta e flexível e, portanto, de forma mais generalizável. Assim, podemos dizer que o Tradicionalismo gaúcho já nasceu como uma experiência destradicionalizada, constituiu-se, por assim dizer, como um movimento de tema rural, porém de natureza urbana.

Observa-se, então, na maneira do Movimento Gaúcho lidar com o folclore e tradição, que diferentemente de outros movimentos do tipo tradicionalista que convencionalmente tentam manter situações do passado em um contexto já modificado, tornando-se por isso o que se chama de antiquado, obsoleto, etc. o Tradicionalismo não tenta mudar o contexto, não vai contra a maré, mas ele muda os seus próprios elementos, preserva da tradição, aquilo que é possível (como disse Lessa, 1985), mas o resto modifica, adapta. E assim consegue manter-se.

Deste modo, o Tradicionalismo, muito particularmente, diferenciou-se de Movimentos do tipo retrogrado em que se tenta manter vivos valores do passado em uma época em que a mentalidade já modificou, como é o caso de movimentos conservadores ou fundamentalistas. Sendo assim, devido à circunstância de deslocar a tradição de sua base pré-moderna e criar uma nova noção de tradição, relacionada não a comunidades, mas sim ao próprio Movimento, e na forma simbólica que ele se propõe, como já vimos, podemos classificá-lo de tradição ‘destradicionalizada’. Então distinguimos a tradição convencional, vivida no sentido pré-moderno, da tradição



presente no Movimento Tradicionalista. Neste, o folclore é inserido numa posição destradicionalizada, pois não se vive o passado real, mas adaptado.

Por outro lado, ele não se restringiu ao simples resguardo das coisas do passado em coleções de museus como o caso de folcloristas. O Tradicionalismo adquiriu características especiais ao propor a vivência dos elementos do passado no presente, mas com uma resignificação, como é o caso dos CTG e suas atividades.

A condição de o Tradicionalismo ter sido desde o início uma proposta prática e não somente escrita ou apreciativa, certamente foi um dos maiores propulsores dessa adaptação do folclore, pois essa condição seria imprescindível para que ele pudesse ser vivido nos CTG's, uma vez que, para tal pretensão, seria necessário que fosse de cunho simbólico, lidando somente com representações, e não de pretensões literais, pois do contrário, se tornaria fundamentalista.

Deste modo, por outras palavras, podemos dizer que tendo sucumbido às antigas formas de vida rural, tendo sido desfeitas ou profundamente transformadas as comunidades antigas e suas tradições locais, o Tradicionalismo, ao adaptar o folclore, o retirando de sua base pré-moderna e colocando-o em um plano simbólico, emerge como alternativa para que essas expressões sejam lembradas em uma forma figurada, destradicionalizada de vivência. Assim a vida dos sujeitos na pós-modernidade não seria afetada pelo Tradicionalismo, não seria o Movimento um agente retrogrado ou antiquado dentro do novo contexto, mas ao contrário, uma engenharia muito bem elaborada o para culto das “tradições”.

### *A condição pós-moderna*

Consideremos aqui que pós-modernidade no sentido sociológico do termo, se refere ao estabelecimento de uma sociedade em que os enquadramentos e metanarrativas típicas da modernidade como família, classe, igreja, instituições sociais, metanarrativas e tradições como um todo perderam a capacidade de determinar as escolhas do indivíduo, mas ao contrário, vigora uma sociedade em que as escolhas são orientadas mais pela reflexividade deles próprios do que por imposições coletivas ou comunitárias. Essa situação social foi descrita por Bauman (2001)<sup>155</sup> como “modernidade líquida”, uma vez que as estruturas sólidas que orientavam a vida do

---

<sup>155</sup> BAUMAN, Zigmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, c2001. 258 p.

sujeito tal como os enquadramentos e metanarrativas, foram destituídos da força absoluta que detinham e se instaurou uma “fluidez social” a partir do qual recai sobre o indivíduo a responsabilidade sobre suas próprias escolhas. Constitui-se, por assim dizer, como uma sociedade pós-tradicional, em que esses grandes ditames que prendiam o indivíduo, passam a exercer um peso muito menor sobre a determinação de suas vidas se comparado ao que se viu em épocas anteriores. Considerando por esse ângulo, podemos dizer que a sociedade rio-grandense também se movimenta neste cenário, uma vez que apresenta um quadro semelhante de individualidade, e mesmo havendo ainda muitos vestígios tradicionais, sejam eles modernos ou pré-modernos, ainda assim não dispõe de tradições nem de instituições capazes de se sobrepor de forma incondicional sobre as escolhas individuais. E essa foi à circunstância social a que o Tradicionalismo se alinhou, ou melhor, constituiu-se como um movimento destradicionalizado e próprio a vida nesse contexto.

### ***O caráter das regras dentro e fora do Movimento***

O Tradicionalismo opera com noções doutrinatórias diferentes para o que se refere à prática das atividades próprias ao Movimento, e a vida dos sujeitos fora dele. Ou melhor, se por um lado, dentro dos domínios do Movimento é exigido considerável rigor no cumprimento das normas e obediência aos códigos, por outro lado, sua exigência fora dos seus domínios é fraca ou mesmo inexistente. Essa é a dualidade observada no código moral Tradicionalista para a vivência de seus membros: firmeza dentro do Movimento, e flexibilidade fora.

Observa-se, então, que diferentemente de um código tradicional de uma comunidade (que no caso, por exemplo, do interior do Rio Grande do Sul, pode muitas vezes estar atrelada a religiões Católica ou Luterana) abrangente de diversos aspectos da vida do indivíduo como sexualidade, casamento, família, condutas, etc. no Tradicionalismo, este código moral e de conduta para a vida fora do Movimento é praticamente inexistente, uma vez que os únicos valores propriamente universais que ele prega são aqueles abstratos, amplos, vagos, típicos do núcleo simbólico dos mitos - no caso representado pela figura romantizada do gaúcho - como honestidade, valentia, bravura, etc. que na verdade são alusivos a condição de sublimação humana e não representam coerção efetiva. Deste modo, não há um sistema de proibições para a

conduta fora do Movimento, e as únicas sanções que podem haver com relação a conduta fora dele são aquelas que por ventura atinjam a imagem do mesmo.

Mas essa condição flexível das regras institucionais doutrinatórias do MTG em relação à vivência de seus membros fora dos domínios do Movimento, certamente foi fundamental à sua continuidade. Consideremos que a tentativa de doutrina externa colocaria o Tradicionalismo em condição de antiquado uma vez que o posicionaria em relação às forças modernizantes que chegaram muito fortemente ao estado e ao Brasil a partir de meados do século XX. Na verdade, se agisse assim, o Tradicionalismo teria se igualado aos movimentos conservadores convencionais que pregam justamente o cumprimento de valores deslocados historicamente com objetivo de manter certos valores de épocas ultrapassadas. Então sua condição de nascimento, como vimos, dada já sob condição destradicionalizada e simbólica, já anunciava sua capacidade de ser vivido em situações modernas, e assim, em consonância com as características sociais da nova era - que refuta ordenações tradicionais para a vida do sujeito, mas ao contrário dispõe as escolhas como oriundas da reflexão individual - o Tradicionalismo poderia adentrar modernidade adentro como um movimento ativo. Portanto essa característica é uma propriedade fundamental à sua continuidade.

Por outro lado as regras *internas* são bem rígidas e a todo momento recobradas na execução das atividades. A demonstração disso é a enormidade de documentos e protocolos existentes<sup>156</sup> para regulamentar todo o tipo de atividade, além dos concursos de ordem artística, campeira e cultural para que sejam demonstradas, avaliadas e julgadas a execução correta dessas atividades. Consideremos que se estivéssemos falando em folclore tipicamente pré-moderno, não existiriam essas regulamentações e institucionalizações em volta das expressões.

Mas a sustentação da posição de certa forma radical do Tradicionalismo no que se refere a seus domínios internos também é uma condição importante de sua existência. Por princípio o Tradicionalismo, como “baluarte da tradição”, deve sustentar uma posição firme, ou melhor, sua posição é justificada, e embora hajam críticas, na verdade é isso que as pessoas esperam e desejam do Movimento, do contrário a instituição perderia credibilidade enquanto representante da tradição.

Observamos, então, que a vivência dos membros do Tradicionalismo é dividida em duas esferas com exigências distintas. Se por um lado o Tradicionalismo, diferente

---

<sup>156</sup> A lista desses documentos está no final do texto nas “fontes documentais”.

de uma comunidade tradicional, não propõe sistemas morais amplos aos seus membros que por ventura pudesse se opor aos anseios modernizantes, por outro lado, ele espera que as atividades internas, próprias a seu campo, sejam praticadas com rigor. Essa é a dualidade que marca a vivência no Tradicionalismo.

### ***O caráter ritual***

Tendo em vista a distinção entre esses dois campos (dentro e fora), podemos dizer que o contato entre eles é mediado por regras próprias - que parte do Tradicionalismo - para não permitir que suas expressões percam sua distinção em relação ao mundo de fora. A esfera do Movimento representa a “tradição” enquanto que a esfera de fora, a do mundo cotidiano, representa a “modernidade”. Assim cria-se a oposição entre tradição e modernidade. Mas como vimos, essa tradição não é aquela tipicamente pré-moderna, mas sim aquela simbólica ou representativa praticada no Movimento. Então, portanto, essa oposição também é simbólica.

Deste modo, o caráter ritual a que nos referimos se trata, justamente, da marcação entre dentro e fora. Esse caráter ritual será o mediador de conversas entre o Tradicionalismo e as outras expressões.

Pode-se observar que na maneira como a separação é feita pelo tradicionalismo, esse caráter ritual tem dois lados, o primeiro diz que estando nos domínios das práticas Tradicionalistas, então o sujeito terá que cumprir seu *script* de códigos e modos de ser, não poderá ofender o Tradicionalismo por um gosto particular seu que não seja reconhecido pelo Movimento. E nesse ponto, ou seja, dentro dos domínios, a cobrança é severa. Por outro lado, a característica do Movimento, que é tão severa dentro de si, se atenua e despacha seus membros para viver todo tipo de prática quando estão fora de seus domínios, em suas vidas cotidianas. Pode um indivíduo então gostar de “baladas”, fazer rapel, ser colecionador de selos, gostar de filmes Hollywoodianos, e isso não acarretará em sansões por parte do Movimento.

O Tradicionalismo então exige um comprometimento com seus rituais, com suas práticas, com seus códigos, quando se está dentro de sua abrangência. Mas por outro lado não proíbe ou não interfere naquilo que não lhe atinge, que não lhe refere.

Na prática, a separação entre dentro e fora por meio do caráter ritual, quer dizer que um sujeito Tradicionalista poderá viver todos os elementos do mundo moderno e ao mesmo tempo não deixará de ser um Tradicionalista, desde que respeite o caráter ritual.

As disposições em que o Tradicionalismo se pôs, representou a superação da ambiguidade tradicionalismo e modernidade no que tange a vivência pelos sujeitos, o que pode ser interpretado como uma adaptação da vivência Tradicionalista a condição pós-moderna que se instalava.

### *A função e os limites do caráter ritual*

Como vimos, o caráter ritual vai justamente marcar o que é Tradicionalismo e o que não é, sua função então é manter essa linha divisória entre o que está dentro e o que está fora. Devemos considerar, contudo, que os domínios do Tradicionalismo não correspondem somente ao ambiente do CTG, mas se estende a TV, ao rádio, a momentos cívicos e a datas especiais, etc. Se o CTG é o templo dos Tradicionalistas, e onde as expressões do Movimento podem ser vividas em sua forma mais plena, ao mesmo tempo ele é o momento de maior distância do Tradicionalismo em relação ao mundo a sua volta. Porém, nas ocasiões de festividades, por exemplo, ocorre uma maior imersão do Tradicionalismo no mundo de fora, gerando, assim, a proximidade entre as duas esferas, onde justamente Tradicionalistas e “modernos” (neste caso entendida como mundo oposto), ficarão cara-a-cara. Junto a esse contato, estão as regras implícitas, porém socialmente atuantes e conhecidas não só por Tradicionalistas - mas também por não Tradicionalistas - que admitem aquele espaço ou momento como sendo próprio do Tradicionalismo. E assim, no caso da Semana Farroupilha, por exemplo, é possível ver Tradicionalistas andando pelas ruas, expondo sua tradicionalidade sem problema algum. Então dentro de seus domínios, mesmo que se aproxime do contato com o mundo de fora, é o espaço próprio de manifestação dessas expressões.

Mas essa exposição deve se restringir a esses momentos, pois ao Tradicionalismo também é imposto limites, o recíproco também é verdadeiro, ou seja, se não é permitido manifestar no Tradicionalismo elementos não reconhecidos por este como tradicionais, de igual modo, se um membro romper o caráter ritual em sentido oposto, ou seja, tentar viver o Tradicionalismo fora de seus domínios, ou nos domínios, por assim dizer, da vida moderna, também pode sofrer sanções, constrangimentos, enfim uma série de penalidades sociais como ridicularização, por exemplo, partidas justamente da esfera exterior ou moderna. Isso na verdade faz com que o Tradicionalismo se mantenha em seu lugar, ou seja, no seu templo, nos seus espaços reservados, e não tente invadir os territórios da modernidade, que se refere a vida

cotidiana. Assim não pode haver violação do caráter ritual nem de um lado e nem de outro<sup>157</sup>.

Com estas mesmas lógicas podemos analisar pessoas que andam praticamente cotidianamente trajadas ‘a gaúcha’ e tentar explicar porque isso ocorre. Observa-se que essa pessoas, na maioria das vezes, como é o caso das lideranças do Movimento na qual tive contato, circulam quase que totalmente por espaços de domínios do Tradicionalismo, a exemplo do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, o MTG, Congressos, por diversos CTG’s, fazem palestras, etc. e assim se sentem a vontade para assumirem integralmente essa identidade.

Mais do que isso, poderíamos dizer até que essas pessoas se tornam “guardiões” do Movimento. E ao se tornar um “guardião”, então o próprio sujeito passa ser um domínio do Tradicionalismo, e por isso a ele é admitido essa assunção em tempo integral da identidade do Movimento. Mas isso não se refere aos Tradicionalistas “comuns”, que como vimos, devem manter essa distinção entre um lado e outro.

Deste modo, observamos que existem marcações nítidas entre um campo e outro e são mediadas por um caráter ritual que marca essa separação.

### ***O modo de operação do caráter ritual***

Observaremos então como opera o caráter ritual do Movimento na forma como os Tradicionalistas vivenciam as tradições. Primeiramente devemos explorar um pouco a reflexividade desse sujeito, uma vez que essa é uma propriedade essencial da dimensão pós-moderna e depois verificar em alguns casos as lógicas que operam, e que permitem o relacionamento dos elementos Tradicionalistas com outras tendências, gerando assim um ecletismo nos sujeitos – circunstância típica da identidade do sujeito pós-moderno - uma vez que esses podem combinar o Tradicionalismo com outras tendências, e nem por isso deixarem de ser Tradicionalistas.

Como vimos anteriormente, um erro conceitual que normalmente ocorre quando se pensa em Tradicionalismo, é não diferenciar as tradições vividas em comunidades tipicamente pré-modernas, das tradições cultivadas nos CTG’s. Esses últimos, de forma alguma conseguiriam impor normas de conduta e convivência como se faziam em

---

<sup>157</sup> Veremos mais adiante que o único caso em que Tradicionalismo se confunde com a vida cotidiana é justamente em situações rurais ainda arcaicas, pois neste ambiente, a vida cotidiana das pessoas pode se confundir com aquilo que o Tradicionalismo representa que é o mundo rural antigo.

comunidades antigas, nem impedir seus membros de partilharem de outras formas culturais distintas da sua. Segundo Giddens (2002) nas sociedades pré-modernas a identidade social do indivíduo é limitada pelo costume, pelo parentesco e pela localidade. Já na sociedade moderna, pós-tradicional, são rompidas as práticas preestabelecidas e passa-se a cultivar as potencialidades individuais que possibilitam uma identidade móvel e mutável.

O Tradicionalismo surgiu na década de 1940 por meio de um processo de reinvenção das tradições, adaptadas às condições modernas, em um cenário urbano, repleto de possibilidades e opções. Por isso, nunca poderia deixar de lado “a reflexividade da vida social moderna que consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre essas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter<sup>158</sup>”. O sujeito que faz parte do CTG não nasceu em uma comunidade tradicional em que se vê obrigado a exercer os valores locais, sob pena de sanções, ou então que já possui as regras comunitárias de tal modo introjetadas quem nem mesmo as percebe e assim, as segue instintivamente, mas ao contrário, a participação no Tradicionalismo ocorre por um processo de reflexividade. Segundo Dias (2005, *apud* Luvizotto, 2010, p. 72):

[...] na modernidade, o “eu” torna-se, cada vez mais, um projeto reflexivo, pois aonde não existe mais a referência da tradição, descortina-se, para o indivíduo, um mundo de diversidade, de possibilidades abertas, de escolhas. O indivíduo passa a ser responsável por si mesmo e o planejamento estratégico da vida assume especial importância.

Então se a tradição (no sentido tradicional) por si só já evoca elementos emblemáticos ou simbólicos, então o Tradicionalismo é supra emblemático e simbólico, uma vez que é ainda mais abstrato, está ainda acima do simbolismo destas tradições comunitárias e que exercem força sobre as condutas dos indivíduos. Assim, por se colocar acima, o Movimento constitui-se como uma tradição destradicionalizada, na qual o sujeito participa conforme um exercício reflexivo seu. O Tradicionalismo, por

---

<sup>158</sup> GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: UNESP, c1991. 177 p. (P. 39).

isso, está englobado nas mesmas lógicas das escolhas pós-modernas referentes ao consumo e aos estilos de vida.

Dessa forma, de nada adiantaria ao Movimento evocar as tradições imemoriais do passado com o mesmo sentido que faziam os sacerdotes antigos, pois essa tradição só pode ser concebida nos termos atuais, ou seja, mediante a reflexividade do sujeito sobre suas práticas. Conforme Hall (2000), não devemos confundir que as identidades na pós-modernidade sejam retomadas como “firmemente enraizadas em localidades definidas”, mas atuantes “nas lógicas da globalização”.

Assim, a partir das características de formação do Movimento e sua maneira de lidar com as expressões culturais, cria-se um “mundo Tradicionalista”, com seus elementos distintivos de práticas externas, com barreiras que separam o “nós” e os “outros”, mas cria-se também a abertura para outras práticas no dia-a-dia que não se referem ao Tradicionalismo. Essa é uma condição essencial para adaptação à contemporaneidade. Nos Congressos Tradicionalistas, por exemplo, onde são decididos os rumos do Movimento, conforme constatado, exige-se muita solenidade por se tratar de um momento especial, e por isso as pilchas são obrigatórias durante o evento, contudo essa mesma reverência é relaxada antes ou depois do momento da programação, sendo comum ver pessoas de roupa esportiva, ou bermuda, circulando pela área do congresso<sup>159</sup>.

A tendência ao ecletismo e a construção da identidade utilizando várias fontes de representação fazem parte do mundo globalizado e é resultado da reflexividade de cada indivíduo em relação às possibilidades que lhes são apresentadas.

No Tradicionalismo gostaríamos de exemplificar a característica tanto do ecletismo quanto do caráter ritual que separa dentro e fora, observando em especial o grupo musical “Buenas e M’espalho”. Esse conjunto é um projeto musical surgido em 2007 em Porto Alegre pela reunião de quatro músicos nativistas bem conhecidos nos festivais do estado: Cristiano Quevedo, Erlon Péricles, Shana Muller e Angelo Franco. Recentemente foi agregado ao grupo outro músico também muito conhecido no meio nativista chamado Pirisca Grecco.

A proposta do Buenas e M’espalho caracteriza-se pela tentativa de estabelecer uma ponte entre os elementos Tradicionalistas e os círculos jovens e urbanos antes não atingidos pela cultura regional. Diferentemente do Movimento conhecido como “Tche

---

<sup>159</sup> Observação feita no 54º Congresso Tradicionalista em Canguçu.



Music” - que acaba descaracterizando a cultura gaúcha pela forma como maneja os símbolos - a intenção do Buenas se resume no seu slogan: “modernos, sem esquecer a tradição”. Nesse sentido eles conseguem combinar as duas coisas, se apresentam trajados ‘à gaúcha’, utilizam temas e ritmos regionais em suas músicas e mantêm participação constante em festivais nativistas, mas tudo isso envolto de um *layout* jovem, combinando bombacha, alpargata e camiseta. Ritmos e letras alegres que sugerem um convívio pacífico entre o moderno e a tradição, entre o “CTG e a cidade”, entre o “chimarrão e a cerveja”. As apresentações do grupo ocorrem em bares da Cidade Baixa, em teatros, em rádios, em festivais promovendo a integração da cultura gaúcha com outras expressões culturais.

Essa característica de integração do Buenas entre o tradicional e o moderno pode ser percebida nos relatos proferidos por comentaristas da Zero Hora e descritos no disco do grupo:

“Zero Hora foi até um sobrado na Zona Sul de Porto Alegre para encontrar a jovem guarda do nativismo. O cenário da reunião com Érlon Péricles, Angelo Franco, Shana Müller, e Cristiano Quevedo, não poderia ser melhor: na sala uma bandeira do Rio Grande estava junto a um dos vários computadores da casa. Espalhados pela casa, troféus de festivais nativistas. Na área, uma churrasqueira assava uma paleta de ovelha trazida de Piratini, a poucos metros de um estúdio caseiro de gravação com softwares sofisticados”. (Renato Mendonça, Zero Hora, abril de 2007)

“Uma nova tribo, a jovem guarda do nativismo, começa hoje a conquistar os palcos de Porto Alegre. A partir das 22h30 o espetáculo Buenas e M’espalho reúne Shana Müller, Érlon Péricles, Angelo Franco e Cristiano Quevedo no Abstratus Bar da Cidade Baixa... Destaques da nova geração de músicos e compositores do regionalismo, os quatro artistas compartilham as raízes interioranas e a convivência na capital, unindo violão e computadores, chimarrão e internet, modernidade e tradição...” (Luis Bíssigo, Zero Hora, 30/05/2007)

Esse espírito do grupo se reflete na principal música do primeiro CD gravado, onde pretender unir modernidade e tradição. Vejamos a letra:

“A bombacha da modernidade”

Os compadre e as comadre.  
Buenas m’espalho eu não tô nem aí.  
Eu visto a bombacha da modernidade.  
A festa é gaúcha eu também quero ir.

Faz um convite pra aquela guria  
Faz um convite pra aquele peão  
Deixa a tristeza pra fora da sala  
Busca alegria no teu coração

Buenas m’espalho eu não to nem aí  
A festa é gaúcha eu também quero ir (2x)

Um amigo tomando cerveja  
Outro amigo de mate na mão  
Tem a turma lá da faculdade  
Os moderno e os da tradição  
Buenas m’espalho eu não to nem aí  
A festa é gaúcha eu também quero ir.

Um gaúcho que laça em rodeio  
Uma prenda lá do CTG  
O pessoal do centro da cidade  
Todo mundo pagando pra ver.

Buenas m’espalho eu não to nem aí  
A festa é gaúcha eu também quero ir.

A letra da música expressa à intenção de integrar alguns valores tipicamente modernos e urbanos com a tradição gaúcha. Quando versa, por exemplo: “Um amigo tomando cerveja, outro amigo de mate na mão, tem a turma lá da faculdade, os moderno

e os da tradição”, parece referir-se a um momento casual em que todos compartilham a amizade, gente de diferentes hábitos interagindo alegremente, sem atrito. Do mesmo modo quando versa: “Um gaúcho que laça em rodeio, uma prenda lá do CTG, o pessoal do centro da cidade, todo mundo pagando pra ver”, corrobora a ideia de confraternização entre os diferentes grupos.

A proposta do Buenas agrada inclusive aqueles que são considerados os “guardiões” do Tradicionalismo. Veja o que relatou Nico Fagundes no Galpão Crioulo e que também está descrito no CD do grupo:

“Um quarteto Maravilhoso! Mas é mais do que isso. São os quatro Ases de um baralho de truço: com o Ás de ouro flamejando como um sol radiante. São os três reis magos com uma estrela guia. Buenas e M’espalho. Uma reunião de quatro amigos: Angelo Franco, Cristino Quevedo, Shana Müller e Érlon Péricles espalhando música pelo Rio Grande e pelo Brasil”.

Devemos nos perguntar: porque o grupo Buenas é chancelado pelos “guardiões da Tradição” e a Tchê Music não? A distinção que parece ser mais consonante com as reflexões aqui descritas sugere que o grupo Buenas, embora, interaja a todo o momento com o mundo fora do Tradicionalismo, que participe e frequente locais distantes dos domínios da tradição e que se utilize de todos os recursos tecnológicos disponíveis, eles conseguem manter a linha divisória entre o que é tradição e o que não é, e, portanto, eles mesmos se colocam como parte da tradição. Nesse sentido, eles mantêm a significância do Tradicionalismo enquanto grupo distinto, mas ao mesmo tempo partilham de outros elementos fora da égide da Movimento. Por outras palavras, podemos dizer que o Movimento não colocou impedimentos para eles exercerem outras atividades e interagirem com outros grupos, desde que mantenham separado uma coisa da outra. Seguindo essa mesma lógica, como ocorreu, Luiz Marengo pode tocar música em parceria com o grupo de pop rock “Nenhum de Nós” e também participar de uma orquestra. Enquanto o cantor Neto, do conjunto “Os Fagundes”, pode montar o projeto “Rock de Galpão”; e Joca Martins pode dividir o palco com o cantor “pop” Luan Santana no Planeta Atlântida.

A Tchê Music não procedeu dessa forma, eles misturaram os elementos do Tradicionalismo com outras fontes. Miscelâneas que confundam os domínios entre um

campo e outro não são aceitas, pois elas rompem esse caráter ritual e tornam indistintos os elementos do Tradicionalismo e de outras vertentes. Tornam-se por assim dizer algo novo, que não obedeceu às lógicas de seleção de elementos, não passaram pelo crivo do Movimento e, portanto não podem ser chamadas de “Tradicionalistas”.

Nesse sentido, fica posta uma clara distinção entre o que é o Tradicionalismo, e o que é a vivência dos seus membros. O membro pode se dar a todo tipo de mistura e ecletismo, pode frequentar locais da mais alta diversidade, pode partilhar das mais variadas opções que o mundo moderno oferece e pode até reunir Tradicionalismo com outros elementos, como faz o grupo Buenas e M’espalho. Mas o que ele não pode deixar de fazer é reconhecer as fronteiras entre o que é tradição e o que não é, quando se refere aos domínios do Movimento, seus momentos solenes, rituais, em que terá que afirmar sua posição de Tradicionalista e diferenciar-se daqueles que não são, pois isso é o que confere significado ao grupo. Se não há diferenciação entre estabelecidos e *outsiders* não há grupo.

Essa circunstância do Tradicionalismo demonstra uma característica pós-moderna na vivência dos seus membros. Sujeitos que não estão sob os códigos de uma tradição pré-moderna, mas partilham, com os outros agentes sociais, os mesmos anseios na construção da sua identidade que é eclética. Se deparam a todo o momento com uma série de opções e caminhos que necessitam reflexão, e o Tradicionalismo é apenas mais uma dessas possibilidades.

\* \* \*

Percebemos, então, que devido a esses dispositivos no qual o Tradicionalismo dispõe, o Movimento pode ser combinado com a modernidade, tendo em vista que a partir de suas exigências doutrinárias fracas para fora do Movimento, então quem quiser ser um Tradicionalista, também poderá desfrutar sem problemas de uma vida moderna. Mas, ao mesmo tempo, ele não se mistura com essa chamada ‘cultura-mundo’<sup>160</sup> devido ao seu caráter ritual, mantendo-se assim como um apêndice desse sistema, que está lá, mas não é visto, e os sujeitos podem transitar entre um lado e outro.

Essa separação entre a vivência do membro e as atividades do Tradicionalismo, geram a abertura do Movimento, que embora seja fechado em si e tenha a relação dentro

---

<sup>160</sup> Termo de Lipovetsky 2010.

e fora regulado por um caráter ritual de sacralidade, é aberto para a vivência dos seus membros em expressões fora de seus domínios. Então justamente esse caráter ritual é o dispositivo que concede essa possibilidade de vivência dos membros nas duas esferas sem destituir o Tradicionalismo enquanto grupo distintivo. E, justamente, essas características lhe torna um Movimento aberto, adaptado a vivência moderna.

#### **4.2 - A evolução institucional: sua importância e consequências**

Refletiremos agora sobre alguns aspectos do processo de ‘evolução institucional’ que o Movimento passou desde a sua inauguração e a função deste evento para a continuidade do Tradicionalismo tendo em vista a modernização da sociedade e o crescimento do próprio Movimento. Observaremos também que o efeito colateral dessa institucionalização foi a exacerbação do caráter ritual que marca as distinções entre dentro e fora e o distanciamento cada vez maior entre folclore e tradicionalismo.

Consideremos que em comunidades ainda com pouca influência de tendências modernizantes, ou seja, que ainda apresente muitos aspectos pré-modernos em termos técnicos ou culturais, os limites entre o que é folclore e o que é Tradicionalismo não ficam tão nítidos. Nestes casos as distinções entre Tradicionalismo e vida cotidiana podem se confundir, não na sua estética, pois o Tradicionalismo, como vimos, apresenta uma forma mais exuberante, mas naquilo que ele representa que é a vida rural antiga, e assim, em condições arcaicas, o Tradicionalismo em si, se confunde com aquilo que ele representa: a realidade rural antiga.

Então na medida em que os processos técnicos modernos avançam sobre as maneiras antigas de fazer as coisas, e conseqüentemente passa a ter fim aquele estilo de vida antigo, então começa a ficar mais nítido o que é o Tradicionalismo – que é a representação daquela vida rural – e o que são as manifestações modernas (que se impõem como cotidiana). Por outras palavras, vai se separando o “joio” do “trigo”, ou cotidiano (modernidade) do Tradicionalismo. Devido a essas circunstâncias, quanto mais moderna a sociedade vai ficando, mais nítidas ficam as marcações entre o Tradicionalismo e o mundo de fora.

Esse processo de modernização da sociedade foi acompanhado de um crescimento enorme do número de CTG’s, e por esta razão poderíamos supor até que a proliferação dos Centros de Tradição é sintoma da modernização, do avanço dos processos técnicos sobre as formas antigas de fazer as coisas. Então as pessoas, por um

lado, não desejando abrir mão desse progresso técnico, ao mesmo tempo, poderiam manter no Movimento essas tradições cultivadas simbolicamente. Assim morre o mundo antigo, mas fica o Tradicionalismo.

Então o Movimento Tradicionalista se deparou com a necessidade de organizar esse enorme número de entidades, pessoas e atividades em geral que aderiram ao Tradicionalismo tendo em vista a modernidade que dismantelava as formas de vida antigas e o anseio de muitas pessoas de simbolizar essa vida. E assim, o Movimento se viu passar por um constante processo de evolução institucional, que se refere a diversos aspectos, desde administrativo até a regulamentação das expressões. Na medida em que o Tradicionalismo crescia, maior se tornava sua hierarquia, suas normas, diretrizes, maior também passou a ser o seu profissionalismo. O Tradicionalismo, então, se tornou uma grande instituição burocrática para a gerência da dessa cultura tida por “manifestações populares do Rio Grande do Sul”, se utilizando de técnicas de gestão típicas de organizações modernas para isso.

Deste modo, a evolução institucional gerada pela necessidade de organizar esse cenário, está atrelada inevitavelmente a modernização da sociedade tendo em vista que as pessoas passaram a aderir ao Movimento justamente para cultivar simbolicamente as tradições que não eram mais possíveis praticar em sua forma “original”. Deste modo, Justamente por esta circunstância de normatização, cada vez mais desenvolvida na qual ele passou a envolver as expressões culturais no decorrer de sua evolução institucional, pode-se dizer que encaminhou elas para um distanciamento cada vez maior da base folclórica pré-moderna - fonte de onde o Tradicionalismo tirou sua substância - mas devido justamente a esse aprimoramento cada vez maior, foi se distanciando.

E assim, a evolução institucional - aprimorada justamente para dar conta de organizar esse grande movimento que o Tradicionalismo se tornou - gerou um distanciamento do folclore devido à enormidade de regramentos e normatizações criadas para disciplinar os membros e as atividades. Deste modo, foi fechando-se cada vez mais em si e perdendo o contato com o folclore que o alimentou e que ele representa - e que por sinal desaparecia no mesmo ritmo das modernizações – e encaminhou-se para que a marcação entre dentro e fora ficasse cada vez mais nítida, mais severa. O Tradicionalismo por assim dizer, na medida em que a sociedade se modernizava e que o mundo rural antigo ia desaparecendo, desenvolvia seus processos institucionais, e separava-se da vida cotidiana, tornando-se assim um campo autônomo com suas próprias regras e expressões. Assim, o caráter ritual que marca as distinções

entre dentro e fora, foi exacerbado, pois, morrendo o mundo rural, ficaram mais nítidas as separações entre as esferas do Tradicionalismo e do mundo a sua volta.

Em razão disso, podemos dizer que o Tradicionalismo se manifesta em seu caráter mais próprio ou “puro”, ou seja, mais ritual e institucionalizado em regiões com a modernidade consolidada. Ele adquire caráter ritual mais agudo, mais nítido, e, portanto, diferente da vida cotidiana, quanto mais modernizada a comunidade, em realidades mais distantes do meio rural, ou onde o meio rural é mais desenvolvido (como seria o caso, por exemplo, de comunidades da Serra Gaúcha), pois como vimos, em locais ainda arcaicos, as expressões que ele representa pode confundir-se com ele próprio.

### ***O processo de institucionalização***

O processo de institucionalização então, como função principal para o Tradicionalismo, permite a adaptabilidade às condições modernas, aprimora e fortifica a atuação do Movimento, e assim exerce importância fundamental na continuidade no Movimento pela pós-modernidade. O Tradicionalismo moderno já nascendo institucionalizado no departamento de tradições gaúchas da Escola Julio de Castilhos, viu-se sempre acompanhado em seu desenvolvimento de longos processos de evolução institucional e burocrática. E assim como a transformação do folclore em tradição é uma propriedade necessária para a atuação do Tradicionalismo na ordem pós-moderna, a forma de organização institucional em que ele se dispõe, constituindo-se como uma maneira tipicamente moderna/pós-moderna de gestão, também permite uma *performance* adequada em meio as condições impostas pelas transformações modernizantes. Esta performance refere-se justamente a doutrinação de seus membros e a organização interna do Movimento, para que esse possa manter o controle e a padronização das atividades dos Centros de Tradições.

Neste sentido, *o processo de institucionalização* ocorrido é uma condição do Movimento Tradicionalista Gaúcho considerada por nós de fundamental importância para sua atuação na pós-modernidade. É uma condição necessária para sua disseminação e sustentação na era moderna.

O avanço institucional é efeito de uma adaptação do Movimento as novas condições que estavam sendo impostas. Na medida em que a modernidade avançava, e consequentemente o Movimento crescia tendo em vista o aumento do número de

adeptos, o Movimento foi aprimorando sua maneira de organizar-se. E a formalização ocasionou uma atuação mais eficientemente neste cenário.

O processo de evolução da institucional do Movimento pode ser observado tanto na evolução das regulamentações criadas em torno das expressões culturais com intuito de doutrinar as próprias expressões e os membros, como na história do Movimento e de suas expressões. Neste sentido, então, se faz necessário recorrer primeiramente às fontes documentais que mostram o avanço das regulamentações. Estas estão dispostas nos anais dos Congressos e nos documentos oficiais como diretrizes, estatutos, normas e regulamentos que se referem desde a organização das entidades filiadas, até as músicas, danças, jogos, eventos campeiros, avaliadores, jurados, atividades e expressões em geral.

Deste modo, quando falamos em institucionalização, não nos referimos somente a hierarquia burocrática, mas podemos citar pelo menos cinco pontos: (1) crescimento quantitativo do Movimento: aumento do número de CTG's, membros, eventos, ativistas, simpatizantes, categorias etárias; (2) crescimento das instâncias burocráticas; (3) a ampliação das regulamentações; (4) a elaboração das teses ideológicas; (5) ampliação das expressões culturais: rodeios, pilchas, invernadas, danças, jogos, modalidades;

O desenvolvimento desses fatores revela que o processo de crescimento foi bastante amplo, se referindo não somente ao caráter quantitativo pelo número de adeptos, mas também ao crescimento hierárquico e burocrático, as normatizações em torno das atividades, a construção ideológica, e, por último, as expressões culturais novas que surgiram como adaptação ou resignificação do folclore.

Assim, percebe-se ao longo da evolução institucional do MTG, que juntamente com o crescimento do Movimento em termos numéricos, bem como com o desenvolvimento de novas instâncias hierárquicas, burocráticas e administrativas, além do desenvolvimento de novas modalidades artísticas, culturais, campeiras, e expressões em geral, houve uma intensa evolução das diretrizes, instruções normativas e regulamentos em torno desses episódios. O objetivo evidentemente da elaboração de documentos regulamentares é doutrinar a execução das atividades e por ordem ao Tradicionalismo que expandiu muito e atingiu amplitude considerável.

O MTG estabeleceu um complexo sistema de regulamentações em torno das suas atividades, de suas instâncias e de seus membros. Pode-se dizer que por meio da constante regulamentação o MTG tem levado suas expressões a obterem regularidade e



homogeneidade nas execuções, assim como suas entidades filiadas a manterem-se nos objetivos propostos e seus membros a manterem-se doutrinados.

Deste modo, quanto à evolução numérica, podemos dizer que em meio a essa evolução institucional, o Movimento Tradicionalista teve uma expansão em passos largos. Observa-se que desde a fundação da primeira entidade em 1948, até o primeiro congresso em 1954, ou seja, apenas seis anos transcorridos de sua fundação, foram inauguradas 38 entidades. No ano de 1976, já haviam cerca de 400 CTG's<sup>161</sup> em funcionamento no estado. Segundo dados do MTG, em Oliven (1989)<sup>162</sup>, havia em 1987, um número de 886 Entidades. Contudo, objetiva-se - também em Oliven - que o vice-presidente do MTG revelou haver em 1988 um total de 1196 entidades incluindo não apenas CTG's, mas outras modalidades como piquetes de laçadores, grupos folclóricos, grêmios, etc. Ou seja, comparando dados de 1976 quando se estimavam existir 400 entidades em funcionamento, com os números de 1988, com um total de quase 1200 entidades, percebe-se que foram fundados em um período de 12 anos, em torno de 800 entidades Tradicionalistas. Atualmente no Rio Grande do Sul existem em torno de 1400<sup>163</sup>.

Como extensão do Movimento para fora do Estado, foram criados muitos outros CTG's que formaram outras federações como o MTG de Santa Catarina, do Paraná, do Mato Grosso do Sul, do Mato Grosso, de São Paulo e de Rondônia, além da Federação Gaúcha do Planalto Central, Federação Gaúcha do Rio de Janeiro e União Tradicionalista do Nordeste. Todas juntas compõem a Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha. Existem hoje em torno de 2800 entidades.

Soma-se a isso a existência de CTG's no exterior, em países como França, Espanha e Estados Unidos. No caso da América do Norte, foi criada em 2006 a 'Confederação Norte-Americana da Tradição Gaúcha'.

Fechando a abrangência do Tradicionalismo, pela união da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha, com a Confederação Uruguaia e a Confederação Argentina, somadas a Confederação Norte-Americana, formou-se a Confederação Internacional da Tradição Gaúcha (CITG). E assim observa-se a amplitude que o Movimento atingiu.

---

<sup>161</sup> OLIVEN (1989) cita dados de Mariante. Ressalta o autor que não há certeza sobre os dados exatos do número de CTG's.

<sup>162</sup> OLIVEN, 1989, p. 39.

<sup>163</sup> Dados do livro: MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. MTG 40 anos: raiz, tradição e futuro- 1966-2006. Pesquisa e texto base de Paulo Roberto de Fraga Cirne. Porto Alegre, 2006. 195 p.

Quando no referimos a burocratização e hierarquização, os marcos principais nesse processo foram a fundação do primeiro CTG, o “35”, em 1948, sendo esta a primeira entidade da fase moderna do Tradicionalismo; O primeiro Congresso Tradicionalista em 1954 que estabeleceu diretrizes comuns aos CTG’s do estado quando estes já atingiam o número de 38 entidades; Em 1959 é criado o Conselho Coordenador para organizar as atividades de um congresso ao outro; em 1966 é criado o MTG que é a federação dos CTG’s, órgão central que passa a ter funções administrativas e executivas: “o MTG hoje é o órgão catalisador, disciplinador e orientador das atividades dos seus filiados”<sup>164</sup>. A criação da Fundação Cultural Gaúcha (FCG), em 1980, um órgão com objetivo de profissionalizar a atuação do Movimento nos mais diversos aspectos. No ano de 2011 também houve uma simplificação dos documentos do Movimento, tornando-os mais claros. Todos foram eventos significativos para aprimorar a organização institucional.

No campo das ideias, podemos elencar, as teses ideológicas lançadas paulatinamente ao longo dos Congressos Tradicionalistas, na qual se destaca “O sentido e o valor do Tradicionalismo” de 1954 de Barbosa Lessa, que representa uma espécie de manifesto Tradicionalista justificando sua função na sociedade e a “Carta de Princípios” do Tradicionalismo de 1961, redigida por Glaucus Saraiva, outro considerável avanço no estabelecimento do Movimento, pois tratava-se de um documento sistematizado dos assuntos até então elaborados sobre o Tradicionalismo que ainda não contava com um documento dessa natureza. A Carta de Princípios fixa objetivos do Movimento e baliza ações dos Tradicionalistas<sup>165</sup>. Serve como um norte onde estão dispostos sistematicamente as principais funções e objetivos do Movimento.

Os eventos seguiram a mesma evolução. Surgiram e se desenvolveram os concursos e competições nos segmentos ‘culturais’, ‘artísticos’ e ‘campeiros’, bem como foram expandidas as categorias para abarcar as diversas faixas etárias. Dentre os principais eventos podemos citar a ‘Ciranda Cultural de Prendas’ e o ‘Entrevero Cultural de Peões’, ambos têm o objetivo de avaliar o domínio dos competidores sobre as expressões do Tradicionalismo e da história do Rio Grande do Sul; O Encontro Nacional de Artes e Tradição (ENART), sendo este o evento máximo dos departamentos artísticos dos CTG’s, e onde os competidores disputam troféus em 23 modalidades envolvendo música, dança, canto, trova, etc; a Festa Campeira (FECARS),

---

<sup>164</sup> MTG 40 Anos, 2006.

<sup>165</sup> MTG 40 anos, 2006, p. 65.

evento máximo dos departamentos campeiros dos CTG's e onde se encontram os campeões de todo estado para competirem entre si. Além de inúmeros outros rodeios e festejos realizados em todo o Rio Grande do Sul.

Por último, no que se refere aos elementos que compõem o corpo de expressões do Movimento, observa-se que foram sendo resgatadas e construídas novas expressões culturais no Tradicionalismo conforme ele desenvolvia. A pilcha, o cavalo, as músicas, as lidas de campo foram aos poucos reutilizadas como idealização daquilo que se viveu no passado, foram criados esportes, modalidades, atividades, etc. E este trabalho foi aos poucos compondo o corpo de elementos e expressões do Tradicionalismo.

Por assim dizer, o Tradicionalismo passou por esse processo de crescimento nos diversos aspectos se tornando uma entidade grande e atuante no Estado. A institucionalização teve um papel muito claro que foi aprimorar a atuação do Movimento.

### *O distanciamento do folclore*

Contudo, o crescimento do Tradicionalismo e a necessidade de organizá-lo geraram consequências que se referem ao distanciamento cada vez maior da condição pré-moderna do folclore. Em meio ao avanço da institucionalização, foram criados novos elementos e modalidades no corpo de expressões do Movimento que diferem bastante da forma como eram executas na base folclórica pré-moderna da sociedade gaúcha. Trata-se de uma resignificação cada vez mais exacerbada. Foram criados eventos, trajes, músicas, arquiteturas, protocolos, hierarquias, modalidades, etc. que não pertencem ao folclore, mas nasceram no Tradicionalismo. E assim pode-se dizer que suas expressões, por meio da evolução interna e das regulamentações, vão compondo um corpo autônomo que se referem propriamente à cultura Tradicionalista e não a folclórica. Construções essas que o complexificaram, que o deram corpo próprio, mas o tornaram um campo cada vez mais distante da base pré-moderna.

Como exemplo da evolução que ele faz com os elementos folclóricos, podemos citar a criação do “tiro de laço” como modalidade esportiva<sup>166</sup>. A prática de laçar era comum nas fazendas e estâncias como atividade laboral. Contudo, na medida em que novas técnicas foram sendo adotadas, as antigas maneiras de fazer as lidas de campo

---

<sup>166</sup> Fonte: MTG. <http://www.mtg.org.br/textosdiversos.html>

perderam, em boa medida, sua função ou importância. No caso do “tiro de laço”, ele ganhou resignificação em 1951, no Distrito Vacariense de Esmeralda, quando alguns peões resolveram montar um quadro (time) para treinarem o laço recreativamente. A atividade agradou os participantes incentivando-os a criarem outros quadros. Foi quando em 1952 se realizou a primeira competição do gênero denominada “torneio de laço” ou “rodeio”. Proliferaram-se essas disputas pelos Campos de Cima da Serra e mais quadros foram formados. Devido a esse crescimento da modalidade, em 1958, em Vacaria, foi realizado o primeiro “Rodeio Crioulo” do Rio Grande do Sul. Nesta época já foram determinadas várias regras para a modalidade que perduram até hoje, como a armada de oito braços, as quatro rodilhas e a extensão da cancha. Depois disso, esse tipo de evento se espalhou por todo Estado e hoje é uma das práticas mais vigorosas do Tradicionalismo.

Perceba neste exemplo, que de atividade laboral, o tiro de laço passou a ser uma recreação de peões, depois passou a competição de times - chamados quadros - chegou à realização de um grande rodeio e, atualmente, se estende a todo o Rio Grande do Sul como modalidade do Tradicionalismo. Este é um processo de transformação de um elemento da base pré-moderna de atividades, em uma nova prática, resignificada, repleta de regulamentos, cercada por grandes eventos, juízes, público em geral, ocasionando o distanciamento daquilo que se via ou se vivia quando ele era meramente uma atividade laboral do campo.

Este, então, é o processo que a institucionalização faz com os elementos e expressões da cultura popular. Está é a maneira de adaptá-los as novas circunstâncias de vivência impostas pela consolidação da modernidade. Deste modo, então, se por um lado o aprimoramento institucional permitiu uma atuação mais efetiva do Tradicionalismo, por outro lado, lhe afetaram diretamente a espontaneidade das manifestações. O resultado desse distanciamento do folclore foi, justamente, a exacerbação do caráter ritual, das marcações entre o que faz parte do Tradicionalismo e o que faz parte do mundo de fora. Cada vez mais a modernidade se consolidava e o Movimento se institucionalizava, então menos as práticas e expressões nele executadas, confundiam-se com aquilo que era de uso corrente no cotidiano.

### ***A dinamicidade do tradicionalismo***

A partir da observação da grande movimentação ou atividade sobre a qual estão lançadas as expressões e elementos do Tradicionalismo, então longe de ser uma cultura fossilizada, rígida - tal como foi acusada, por exemplo, por Oliven (1983)<sup>167</sup> quando diz que no tradicionalismo é feita a construção social de um gaúcho cristalizado a partir do passado não havendo grandes possibilidades para modificações – percebemos que existe uma grande dinâmica em torno das expressões do movimento, que evidentemente seguem os caminhos traçados pela própria realidade contextual do Movimento. Assim como toda a dinâmica cultural esses elementos são inventados e reinventados conforme se põem novas solicitações<sup>168</sup>. As fronteiras não são imutáveis, pois elas “[...] são concebidas como uma demarcação social suscetível de ser constantemente renovada pelas trocas<sup>169</sup>”. Isso acontece conforme o contexto muda, “qualquer mudança social, econômica ou política, pode provocar deslocamento de fronteira<sup>170</sup>” e novas configurações.

### ***A exacerbação do caráter ritual: os novos e os velhos Tradicionalistas***

Observemos agora como a evolução desse caráter ritual reflete nas expressões do Tradicionalismo por meio do comparativo dos trabalhos musicais de cinco artistas da música regional, sendo que três são da geração mais antiga e dois são da geração mais nova. Os primeiros são aqueles que tiveram contato mais próximo com a cultura pré-moderna do estado e que, portanto, carregam nitidamente essa influência em seu trabalho. Os segundos, por sua vez, já apresentam uma aproximação maior com as condições modernas, ou melhor, certamente estão muito menos influenciados pela condição pré-moderna - que é inerente ao primeiro grupo - e assim seu trabalho assume características distintas. A partir desses casos é possível distinguir bem a exacerbação do caráter ritual dos antigos para os novos Tradicionalistas.

Contudo, observemos que, quando falamos que esses artistas mais novos possuem um maior contato com as condições modernas, isso não quer dizer que eles

---

<sup>167</sup> OLIVEN, Rubem. A construção social da identidade gaúcha. 1983. Trabalho apresentado no grupo de trabalho “Sociologia da Cultura Brasileira” no VII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais em outubro de 1983, em Águas de São Pedro, SP.

<sup>168</sup> GIDDENS, 2003, p. 51.

<sup>169</sup> CUCHE, 2002, p. 201.

<sup>170</sup> CUCHE, 2002, p. 201.

fazem músicas mais citadinas, globais, pop, ou qualquer outra tendência que combine com as expressões do *mas media*, pois em se tratando de Tradicionalismo, isso quer dizer que, contrário a isso, eles diferenciarão mais ainda dessas tendências e assumirão características próprias ao código Tradicionalista. E a isso justamente se refere à exacerbação do caráter ritual, pois não havendo mais aquele mundo antigo, pré-moderno, resta somente o Tradicionalismo e o simbolismo dos CTG's para representar aquela realidade rural que não existe mais. Assim, o Tradicionalismo se assume como campo fechado com suas próprias expressões e códigos que não é pré-moderna, mas também não é global, mas é mesmo “Tradicionalista”.

Para observar a diferença entre os antigos e os novos Tradicionalistas, destacaremos então brevemente o trabalho de Gildo de Freitas, Teixeira e Iedo Silva, como exemplificação do grupo dos artistas mais velhos; e a dupla Cesar Oliveira e Rogério Melo e o cantor Luiz Marengo como os artistas mais novos.

Quanto aos artistas mais antigos, como dissemos, poderemos perceber que eles apresentavam letras mais populares, utilizavam de um vocabulário simples e de histórias mais ingênuas, bem relacionadas à vida no campo e a realidade que lhe era próxima, expressando seu imaginário sobre, por exemplo, as noções de respeito, honra e heroísmo. Tanto Gildo de Freitas, como Teixeira e Iedo Silva seguem essa tendência. Por outro lado, as letras interpretadas ou compostas por Cesar e Rogério e também Luiz Marengo são muito mais estilizadas, simbólicas, representando não a vida cotidiana antiga, mas o imaginário romântico e espetacular próprio ao modo de ser Tradicionalista sobre aquela vida antiga.

Abaixo três músicas do primeiro grupo: “Tordilho Negro”, (Teixeira), “Eu reconheço que sou grosso” (Gildo de Freitas) e “Mala na Garupa” (Iedo Silva), na qual poderemos perceber a ingenuidade e o imaginário popular e simples de suas composições.

### **Tordilho Negro - Teixeira**

Correu notícias que um gaúcho  
Lá da estância do paredão  
Tinha um cavalo tordilho negro  
Foi mal domado ficou redomão

Este gaúcho dono do pingo  
Desafiava qualquer peão  
Dava o tordilho negro de presente  
Prá quem montasse sem cair no chão

Eu fui criado na lida de campo  
Não acredito em assombração  
Fui na estância topar o desafio  
Correu boato na população  
Era um domingo clareava o dia  
Puxei o pingo e o povo reuniu  
Joguei os trastes no lombo do taura  
Murchou a orelha teve um arrepiu

Botei a ponta da bota no estribo  
Algum gaiato por perto sorriu  
Ainda disseram comigo eram oito  
Que bolhou a perna montou e caiu

Saltei do lombo e gritei pro povo  
Este será o último desafio  
Tordilho negro berrava na espora  
Por vinte horas ninguém mais nos viu

Mais de uma légua o pingo corcoviou  
Manchou de sangue a espora prateada  
Anoiteceu o povo pelo campo  
Procurando um morto pela invernada

Compraram vela fizeram um caixão  
A minha alma estava encomendada  
A meia noite mais de mil pessoas  
Deixaram da busca desacorçoadas

Dali a pouco ouviram um tropel  
Olharam o campo noite enluarada  
Eu vinha vindo no tordilho negro  
Feliz saboreando uma marcha troteada

Bolhei a perna na frente do povo  
Deixei a rédea arrastar no capim  
Banhado em suor o tordilho negro  
Ficou pastando ao redor de mim

Tinha uma prenda no meio do povo  
Muito gaúcha e eu falei assim  
Venha provar a marcha do tordilho  
Faça o favor e monte de selim

Andou no pingo mais de meia hora  
Deu-me uma rosa lá do seu jardim  
Levei prá casa o meu tordilho negro  
É mais uma história quem chega no fim.

### **Eu reconheço que sou grosso – Gildo de Freitas**

Me chamam de grosso, eu não tiro a razão;  
Eu reconheço a minha grossura;  
Mas, sei tratar a qualquer cidadão,  
Até representa que eu tenho cultura;  
Eu aprendi na escola do mundo,  
Não foi falquejado em bancos colegiais;  
Eu não tive tempo de ser vagabundo,  
Porque quem trabalha vergonha não faz.

Lalará, rará, Lalará, rará, Lararárarárarárarárará  
Lalará, rará, Lalará, rará, Lararárarárarárarárará



Eu trabalhava, ajudava meus pais,  
Sempre levei a vida de peão;  
Porque no tempo que eu era rapaz...  
Qualquer serviço era uma diversão;  
Lidava no campo cantando pros bichos,  
Porque pra cantar eu trouxe vocação;  
Por isso até hoje eu tenho por capricho...  
De conservar a minha tradição.

Lalará, rará, Lalará, rará, Lararárarárarárará  
Lalará, rará, Lalará, rará, Lararáraráraráraráaaaa

Eu aprendi a dançar aos domingos...  
Sentindo o cheiro do pó do galpão;  
Pedia licença apeava do pingo...  
E dizia adeus assim de mão em mão;  
E quem conhece o sistema antigo,  
Reclame por carta se eu estou mentindo;  
São documentos que eu trago comigo,  
Porque o respeito eu acho muito lindo.

Lalará, rará, Lalará, rará, Lararárarárarárará  
Lalará, rará, Lalará, rará, Lararáraráraráraráaaaa

Minha sociedade é o meu CTG,  
Porque nela enxergo toda a antiguidade;  
E não se confunda eu explico por que...  
Os trajes das moças não são à vontade;  
E se, por acaso, um perverso sujeito,  
Querer fazer uso e abusos de agora...  
Já entra o machismo impondo respeito...  
E arranca o perverso em seguida pra fora.

Lalará, rará, Lalará, rará, Lararárarárarárará  
Lalará, rará, Lalará, rará, Lararáraráraráraráaaaa

Ô mocidade associem com a gente,  
Vá no CTG e leve um documento;  
Vão ver de perto o que dança os decente,  
E que sociedade de bons casamentos;  
Vá ver a pureza, vá ver alegria,  
Vá ver o respeito dessa sociedade;  
Vá ver o encanto das belas gurias,  
Que possam lhe dar uma felicidade.

Lalará, rará, Lalará, rará, Lararárarárarárará  
Lalará, rará, Lalará, rará, Lararáraráraráraráaaaa

### **A la pucha, tchê – Iedo silva**

Ala Pucha Tchê  
Não se assustemo  
Que no perigo  
A bala vem  
Nos se abaixemo

Se a bala vem por baixo  
Eu salto por cima  
Se a bala vem por cima  
Me atiro por baixo  
Se a bala vem no meio  
Respingo pra qualquer lado  
E saio dando pulo  
Mais do que tatu faqueado

Se me apontar o revólver  
Esse gaudério nem liga

Mas se puxar uma faca  
Me da um frio na barriga  
Procuro me defender  
Quando a coisa fica feia  
Não corro sem ver do que  
Não ta morto quem peleia

Tratar bem não é ter medo  
Dizia o velho ditado  
Eu não nasci de susto  
Portanto não sou assustado  
Não entro numa briga  
Querendo me divertir  
Dou um boi pra não entrar  
E uma tropa pra não sair

Respeito todo mundo  
Gosto de ser respeitado  
Me orgulho das amizades  
Por onde tenho passado  
Faço amor não faço guerra  
Porque sou homem de bem  
Tenho amor por essa terra  
E o povo que quero bem

Essas composições representam bem o código popular mais antigo, e assim esses artistas, ao falar a linguagem do povo, conseguiram grande projeção em meio à população rural, do interior como um todo e mesmo das periferias das maiores cidades de suas épocas, formadas em grande medida por pessoas vindas do interior.

Diferentemente desses, quando falamos sobre o outro grupo de artistas, observa-se que a nova geração da música regional, é por assim dizer “mais Tradicionalista” do que a anterior, ou seja, embora essa descrição possa parecer imprecisa, ela quer dizer que eles distanciam-se do pré-moderno e assim simbolizam melhor o sentido ritual e simbólico dos CTG’s. Ou melhor, estes artistas, independentemente de contato com a

vida rural, e até por serem mais jovens, mantiveram um contato com a vida moderna muito mais íntima do que aqueles artistas antigos, e por isso, eles não tem as características populares pré-modernas inerentes a sua formação como tiveram os artistas antigos. Essa condição reflete diretamente nos seus trabalhos, pois apresentam letras destituídas daquela mesma ingenuidade bucólica, são mais eruditos em suas composições e interpretações, se utilizam de um vocabulário extremamente simbolizado, estudado, e acabam inclusive por tornarem-se mais difíceis de compreensão tendo em vista a utilização de palavras já fora de uso corrente. Cria-se então um campeirismo exacerbado, muito mais ritualístico e estético do que os cantores antigos. Esses artistas, então, não são populares, mas são muito mais segmentados dentro do ambiente Tradicionalista.

Constata-se essa diferença nos públicos de um e de outro, enquanto o grupo de Gildo, Teixeirinha e Iedo são os preferidos pelos Tradicionalistas mais velhos, é possível perceber que César e Rogério e Marengo agradam bastante aos jovens<sup>171</sup>. E se os primeiros alcançaram maior projeção é, justamente, porque a população na época em que atuavam ainda era predominantemente arraigada a hábitos pré-modernos. Ao passo que o segundo grupo atende muito especificamente um público Tradicionalista.

Vejamos agora duas músicas da dupla César Oliveira e Rogério e uma de Luiz Marengo que demonstram bem essa evolução que a música regional passou, indo de pré-moderna até Tradicionalista.

### **Apaysanado - César Oliveira e Rogério Melo.**

Floreio o bico da gansa  
Nesta gateada lobuna  
A melhor da minhas alunas  
Na doma tradicional  
Por favor não levem a mal  
Este meu jeito fronteiro  
Filho de pai brasileiro  
Hijo de madre oriental

---

<sup>171</sup> Constatação feita em uma apresentação de Cesar Oliveira e Rogério Melo em Camaquã (2012) em que a plateia era absolutamente jovem.

Não carrego pretensão  
Mas não sou de me achicá  
Decerto trouxe de alla  
O gosto pela guitarra  
Quando a saudade se agarra  
Num bordoneio entonado  
É o meu povo enforquilhado  
Num bagual mandando garra

Sou assim apaisanado  
Domador e guitarreiro  
Diariamente peão campeiro  
Nas folgas campeio festa  
Tapeio o chapéu na testa  
Pra ver melhor as imagens  
Talento fibra e coragem  
Não se compra nem se empresta

Quem é do garrão da pátria  
Alma sangue e procedência  
O amor pela querência  
Traz retratado na estampa  
Retovos de casco e guampa  
No repertorio da lida  
Pra que o sentido da vida  
Finque raízes na pampa

No cabo de uma solinge  
Sou mais ligeiro que um gato  
No aporreado um carrapato  
Largando só no garrote  
E macho pra me dar bote  
Não se perca por afoito

Junte mais uns sete, oito  
E me atropelem de lote

Numa milonga crioula  
Numa chamarra gaúcha  
Prego um grito de a la pucha  
E me acomodo no embalo  
Mateio ao canto do galo  
Gosto do assunto bem claro  
Se de a pé já não disparo  
Quanto mais bem a cavalo

### **Cabanha toro passo – Cesar Oliveira e Rogério Melo**

Lindera ao passo velho do Toro Passo  
Desde os tempos da linha férrea  
Passando o bolicho do Gaiola,  
A vida lá fora  
Vista do "Arroio do Fundo",  
Me cala fundo  
Quando apeio ali, na Cabanha Toro Passo

Quando uma milonga fronteira, floreia grongueira, charlando  
distâncias de campo e de flor, por onde for...  
Um tempo novo abre os trabalhos, metendo cavalo, com o pinho  
nos braços fazendo um fiador, pra alguma dor!

Quando uma milonga marcada, Cutuca por nada mandando a  
palavra,  
"Botá" no serviço a inspiração...  
A vista do lombo do arreio,  
Chuleia os "terneiro",  
A eguada, os "carneiro",  
E a cuscada ovelheira no corredor!

Quando uma milonga buenaça  
Ponteia lindaça, fazendo fumaça  
Pra um chibo estendido n'alguma cruz...  
A gente faz tudo que gosta,  
Mas só quem se topa, termina na volta;  
Deitado nas cordas, ouvindo um violão!

Então tá!!!  
Que tal fecha um mate, tocando pro gasto.  
Com a alma lavada, cheirando a pasto,  
Batendo na marca de um milongão...  
Então tá!!!  
Que tal quebra o cacho da cola dos planos,  
Largar a galope e a todo pano,  
Matar a saudade de rir e chorar...  
Milonga!!!Milonga!!!

### **Quando o verso vem pras casa - Luiz Marengo**

A calma do tarumã, ganhou sombra mais copada  
Pela várzea espichada com o sol da tarde caindo  
Um pañuelo maragato se abriu no horizonte  
Trazendo um novo reponte, prá um fim-de-tarde bem lindo

Daí um verso de campo se chegou da campereada  
No lombo de uma gateada frente aberta de respeito  
Desencilhou na ramada, já cansado das lonjuras  
Mas estampando a figura, campeira, bem do seu jeito

Cevou um mate pura-folha, jujado de maçanilha  
E um ventito da coxilha trouxe coplas entre as asas  
Prá querência galponeira, onde o verso é mais caseiro  
Templado a luz de candeeiro e um "quarto gordo nas brasa"

A mansidão da campanha traz saudade feito açoite  
Com olhos negros de noite que ela mesma querenciou  
E o verso que tinha sonhos prá rondar na madrugada  
Deixou a cancela encostada e a tropa se desgarrou

E o verso sonhou ser várzea com sombra de tarumã  
Ser um galo prá manhãs, ou um gateado prá encilha  
Sonhou com os olhos da prenda vestidos de primavera  
Adormecidos na espera do sol pontear na coxilha

Ficaram arreios suados e o silêncio de esporas  
Um cerne com cor de aurora queimando em fogo de chão  
Uma cuia e uma bomba recostada na cambona  
E uma saudade redomona pelos cantos do galpão

Esses artistas, então, representam, a nosso ver, o ponto alto, ou a síntese do sujeito Tradicionalista. Eles, sendo mais recentes do que os cantores anteriormente citados, exemplificam bem o caráter ritual do Movimento uma vez que compõem letras muito mais distantes daquele sentido ingênuo e bucólico dos primeiros, mas ao contrário enchem seu trabalho da estética e simbolismo próprio ao Tradicionalismo. E assim, como dissemos, podem fazer sentido, por exemplo, muito mais aos jovens Tradicionalistas do que aos velhos. Foi possível constatar na apresentação de César e Rogério a predominância de jovens que demonstraram domínio das letras, mesmo sendo elas difíceis de aprender. Por fim, como dissemos, uma vez tendo desaparecidas as condições rurais antigas, fica somente a estética, fica somente o simbolismo representado pelo Tradicionalismo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

São essas as propriedades sociológicas que operam no funcionamento do Tradicionalismo: o sentido, a mítica, a estética, a ludicidade, a adaptação do folclore, a vivência moderna, o caráter ritual, são todos dispositivos que se forjaram em consonância com a matriz cultural do Rio Grande do Sul e que justamente dispuseram o Movimento de forma a ele, de uma maneira muito própria, adquirir ampla adesão (ter se propagado) no estado, mesmo sob condição de diversidade cultural e étnica, assim como se lançar até os dias atuais tendo suas expressões executadas com notável vigor, mesmo tendo havido neste tempo profundas transformações sociais e econômicas que mudaram bastante o contexto.

### **O fim último do Tradicionalismo**

A ideia inicial dos mentores do Movimento seria que o Tradicionalismo - por meio da multiplicação das suas células locais, que são os CTG's - teria a função de recriar a “unidade psicológica” rio-grandense que estaria se destituindo em razão dos eventos modernizantes trazidos ao estado<sup>172</sup>. A pretensão de constituir um povo, uma nação, uma etnia, se torna perceptível no tradicionalismo quando ele ambiciona recriar a unidade psicológica. Evidentemente que ele não faz isso, mas o que ele conseguiu – e o que mais se aproxima desse ímpeto – é a capacidade de exercer uma espécie de macro representação coletiva do Rio Grande do Sul, e assim, ao menos supra simbolicamente – por meio de seus emblemas - poderíamos dizer que ele consegue gerar essa “unidade” buscada<sup>173</sup>. Ou melhor, justamente, por seu modo de atuação próprio - que não pretende

---

<sup>172</sup> LESSA, 1985, p. 83.

<sup>173</sup> Poderíamos até dizer que o papel de coesão social do CTG como reprodução de um núcleo local, pode, de certa forma, fazer sentido com os migrantes da diáspora gaúcha, fora do Rio Grande do Sul. Estes estando longe de sua terra natal, em um lugar desconhecido, puderam, em alguma medida, encontrar no CTG a função de manter o grupo integrado naquele ambiente novo para eles. Esta foi a mesma função

uma “unidade” que vise padronizar práticas da esfera cotidiana, mas ao contrário, por constituir-se como um movimento pós-tradicional que permite a vivência pós-moderna e múltipla para seus membros e ainda se põe apenas como expressão simbólica - ele conseguiu se espalhar pelo corpo social e atingir um grau elevado de reconhecimento e representação, fazendo com que atualmente praticamente todos os habitantes do estado, sendo ou não sendo rurais, sendo ou não Tradicionalistas, em maior ou menor grau, reconheçam os signos identitários difundidos pelo Movimento (e muitas vezes até se sintam representados por ele) <sup>174</sup>. O que nos leva, inevitavelmente, a constatação de que, de fato, não em referência a vida cotidiana, mas ao menos em torno das alegorias, se atingiu, em considerável grau, a tal “unidade psicológica”. Devido a isso, podemos dizer que, igualmente, também em termos simbólicos, o Tradicionalismo definiu uma certa identidade comum aos rio-grandenses. Identidade essa que não se refere às práticas e hábitos da população, que podem ser as mais variadas possíveis, mas aos símbolos que grande parte dos habitantes passarão a reconhecer como sendo de fato próprio ao Rio Grande do Sul, e no caso, esses símbolos são aqueles promovidos pelo Tradicionalismo. Assim, se considerarmos os termos de Barth (1998) sobre o estabelecimento de um grupo étnico em que “as características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças “objetivas”, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes<sup>175</sup>”, e devido a isso, “os grupos étnicos são categorias de atribuição realizadas pelos próprios atores e, assim, tem a característica de organizar a interação entre as pessoas<sup>176</sup>”, então, podemos dizer que o Tradicionalismo obteve considerável sucesso em sua empreitada.

### **O mérito da institucionalização**

Deve ser destacado na atuação do Movimento o evento da ‘institucionalização’ e a conseqüente organização e eficiência que isso gerou, ou melhor, a grande capacidade do Tradicionalismo de conseguir expandir-se por diversas regiões dentro e fora do estado, assim como estar em pleno vigor até os dias atuais (como pode se constatar pela

---

exercida pelas comunidades religiosas das colônias italianas e alemãs nos primeiros tempos de colonização. (ver ROCHA, Betty Nogueira. (Re)construindo o Tradicionalismo: Imagens de migrantes gaúchos no Mato Grosso).

<sup>174</sup> O caso do hino rio-grandense cantado pelas multidões nos estádios é um exemplo do reconhecimento coletivo de valores difundidos pelo tradicionalismo.

<sup>175</sup> BARTH, 1998, P. 194.

<sup>176</sup> BARTH, 1998, p. 189.

sua presença na mídia, a grande quantidade de músicos no estilo regionalista, o sucesso dos eventos, a difusão dos seus signos, etc.), deve muito a essa forma burocrática de se organizar. A institucionalização permite colocar o Tradicionalismo em plano simbólico e reproduzi-lo em diversas condições. A partir da institucionalização, não é necessário mais ter vínculo real com a coisa para fazer parte da coisa, ou seja, “com a institucionalização, muitas pessoas que antes não conheciam a cultura Tradicionalista gaúcha ou conheciam por reportagens ou livros, puderam ter contato e fazer parte do Tradicionalismo, tornaram-se gaúchas<sup>177</sup>”. Então mesmo quem não conheceu aquele mundo rural antigo, ou nenhum outro ambiente rural, pode participar do Movimento. Essa condição explica não só sua grande expansão por diversas regiões brasileiras e mesmo fora dele, mas também sua própria atualidade e projeção.

### **O Tradicionalismo como síntese**

Ao falarmos sobre a natureza classificatória do Tradicionalismo, observamos que se o Movimento por um lado, adapta o folclore, o retirando de sua base pré-moderna criando algo novo, próprio a seu meio, que deixa de ser folclore; por outro lado, ele também não é reconhecido como elemento da cultura chamada moderna, aquela do *show business* na qual os estilos do tecnocapitalismo global estão inseridos.

Os ritmos musicais ilustram bem essa situação, enquanto os mais variados ritmos dentre os quais alguns brasileiros como a “bossa nova”, por exemplo, encontram grande facilidade de compartilharem os mesmos canais de divulgação daqueles estilos polidos conforme os interesses do tecnocapitalismo global, como a música pop, o Rock, o Regee, o Hip-Hop, o Funk, (mais recentemente o chamado sertenejo pop), etc. e que justamente por seu grande ajustamento as exigências massificadoras, ganham grande projeção nos espaços nobres da mídia, os ritmos gauchescos, muito embora sempre se utilizassem de recursos tecnológicos modernos como instrumentos elétricos, rádios, autofalantes e mídias de gravação, nunca foram reconhecidas como apropriadas a esse formato. Nos anos de 1970, por exemplo, as músicas gauchescas não eram aceitas em festivais de MPB, pois se mostravam estranhos à proposta desses festivais, e assim, motivou-se a criação da Califórnia da Canção Nativa, para que os músicos desse estilo tivessem um local onde se apresentar.

---

<sup>177</sup> CARDOSO e MÁXIMO, 2010, P. 07.

Observamos, então, duas situações no caso do Tradicionalismo, por um lado ele convive com a ‘cultura-mundo’, pois se utiliza de recursos e instrumentos próprios ao mundo moderno tanto administrativamente, como criando uma verdadeira indústria cultural regional sobre suas manifestações<sup>178</sup>, mas, por outro lado, ele não se mistura ou não se confunde com ela. O seu caráter ritual reforça essa demarcação. O Tradicionalismo, então, se trata de uma linguagem que só pode ser compreendida a partir de suas próprias lógicas e da matriz social que ele atua.

O Tradicionalismo se alimenta do folclore, mas se utiliza dos recursos modernos. Deste modo, então, vamos dizer que se o Tradicionalismo não é folclore do tipo pré-moderno, nem é reconhecido pela cultura mundo, ou seja, se utiliza das duas tendências, mas não é nenhuma delas, podemos supor então que ele é um campo cultural terciário, algo que emerge do encontro entre essas duas tendências. Assim, classificatoriamente, o Tradicionalismo pode ser entendido como síntese do encontro entre a cultura global trazida pelos eventos modernizantes que o estado passou a partir de meados do século XX, com a matriz cultural pré-moderna com ela se deparou. É síntese do encontro entre modernidade e pré-modernidade.

### **Os limites do Tradicionalismo**

Tendo observado as características do Tradicionalismo, podemos dizer que ele possui aspectos pré-estabelecidos de operação que indicam os limites de sua atuação. Ou seja, justamente por não representar um projeto político de transformação social, mas optar pela ludicidade e pela representação coletiva simbólica, podemos dizer que a atuação do Movimento é limitada pela difusão de suas expressões e realização delas, bem como pela representação identitária do Rio Grande do Sul. Tendo feito isso, seu limite de motivação foi alcançado. Não é possível mais deslumbrar novos avanços sem uma modificação de objetivos. E assim, podemos dizer, que o Tradicionalismo está chegando a seu limite de atuação, na forma como está disposto atualmente.

Muito pelo fato do Movimento ter se expandido bastante, assim como já ter uma boa estrutura montada, evidentemente os espaços para impulsos acelerados de crescimento não existem mais, sua curva de crescimento provavelmente já se estabilizou, e por fim ele chegou na zona de acomodação. O que se pode projetar, então,

---

<sup>178</sup> Sobre esse assunto ver Nilda Jacques, 1987.

é um aprimoramento cada vez maior das suas estruturas (principalmente os CTG's), a profissionalização da administração, o aperfeiçoamento da sua atuação como um todo, enfim, uma série de especializações no intuito de adapta-lo cada vez mais as circunstâncias modernas e de consumo que se impõem.

### **A função do Tradicionalismo**

Portanto, por meio da análise de todas essas características do Tradicionalismo no trato com a cultura regional que observamos aqui, na qual verificamos os mecanismos e dispositivos da qual ele opera e as lógicas que obedece e que envolvem sua atuação e funcionamento, e que justamente lhe fazem constituir como uma experiência urbana, não tradicional, é que podemos justificar sua exponencial atuação nesta era social chamada pós-modernidade.

Embora seu modo de atuação atinja diretamente a espontaneidade das expressões folclóricas, ainda assim ele acaba constituindo-se como um mecanismo de defesa para essas expressões, uma vez que fomenta sua prática e desta forma, mesmo resignificadas e simbólicas, elas não são esquecidas, não se resumem a museus e não são totalmente colonizadas por expressões globais.

O Tradicionalismo, portanto, trata-se de uma engenharia bem aprimorada para a execução das atividades regionalistas na era moderna, ele é, por assim dizer, devido a todos os dispositivos, devido a suas características, uma tecnologia da cultura, um construto sociológico bem adaptado para a vivência da cultura regional na pós-modernidade.

\* \* \*

Por fim, através desse estudo, ficamos seguros para admitir não que esse ângulo de observação que estamos aqui propondo e desenvolvendo seja o único, ou definitivo, ou completo sobre esse fenômeno cultural. Certamente muitas outras questões poderiam ser levantadas para problematizar, acrescer ou criticar este trabalho, até porque quando se fala em temas culturais, nada é definitivo, tudo é extremamente dinâmico. O importante é que nossa proposta destina-se a uma análise baseada na observação *in loco* e ampla sobre o Tradicionalismo, tentando extrair os aspectos sociológicos mais importantes que permeiam seu funcionamento e não somente fazer

comparativos entre os textos teóricos para daí arrancar conclusões, na maioria das vezes, espetaculares sobre o papel inverossímil, falseador ou camuflador que o Tradicionalismo teria, mas que pouco ou nada tem haver com a realidade cotidiana do observada em suas práticas. Com este estudo pudemos perceber como alguns conceitos relacionados a cultura e a tradição se singularizaram no Rio Grande do Sul e como refletiram diretamente na atuação do Tradicionalismo. Só assim, tendo em vista a matriz cultural que ele atua, é que puderam ser estabelecidas as características de manifestação do fenômeno, e, assim, chegar a conclusões mais condizentes com a realidade observada.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBECHE, Dayse Lange. Imagens do gaúcho : história e mitificação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. 152 p. (Coleção História; 13).
- BARBOSA, Lívia. Sociedade de consumo. 3ª Ed. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2010.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In, Poutignat, Philippe e Streiff-Fenart, Jocelyne. Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BAUMAN, Zigmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, c2001. 258 p.
- BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, c1998. 272 p.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; e LASH, Scott. Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna. Ed. UNESP. São Paulo, 1995.
- BENJAMIN, Roberto Emerson Camara. Folkcomunicação na sociedade contemporânea. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004. 153 p.
- CARDOSO, Ariele Silverio; MÁXIMO, Maria Elisa. Identidade Tradicionalista - Evidências da Relativização Cultural em Santa Catarina. Instituto Superior Luterano de Educação de Santa Catarina (Ielusc), Joinville, SC. (Trabalho apresentado no DT II08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010).
- CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO. Comissão Nacional do Folclore, 1995.
- CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- DOMINGUES, José Maurício. Reflexividade, individualismo e modernidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2002, vol. 17, n. 49, pp. 55-70.
- FERREIRA, F.G; CORSO, J.C. Do Rio Grande do Sul a Irati: Tradicionalismo Gaúcho no Município de Irati – Paraná. Revista Eletrônica Lato Sensu – Ano 3, nº1, março de 2008. UNICENTRO. Irati.
- FLORES, Moacyr. História do Rio Grande do Sul. 4. ed. rev.ampl. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993. 190 p.

- FREITAS, Leticia Fonseca Richthofen; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A figura do gaúcho e a identidade cultural Latino Americana. Educação. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 2 (53), p. 263 – 281, Mai./Ago. 2004.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas, cap. 1 Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. LTC Editora, Rio de Janeiro, 1989.
- GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: UNESP, c1991. 177 p.
- GIDDENS, Anthony. Mundo em descontrolo. 3ª edição. Editora Record 2003. Original 1999.
- GOLIN, Tau. A ideologia do gauchismo. Porto Alegre: Tchê, 1983.
- GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luis Augusto (orgs.). Nós, os gaúchos. Editora da Universidade, Porto Alegre, 3 ed. 1995.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 4ª edição. Ed. DPeA. Rio de Janeiro, 2000.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna. 12ª edição. 2003. Edições Loyola, São Paulo. (original 1992)
- HEIDRICH, Álvaro Luiz. Aspectos culturais da construção da regionalidade gaúcha. In: Rio Grande do Sul – Paisagens e Territórios em Transformação. p. 215 – 232. Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2005. (p. 6).
- HERRLEIN Jr. Ronaldo. Desenvolvimento industrial e mercado de trabalho no Rio Grande do Sul: 1920-1950. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 14, p. 103-118, jun. 2000.
- HOBBSBAWN, E & RANGER, T. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- IANNI, Octávio. A sociedade global. 10 ed. – rio de janeiro: civilização brasileira 2002. Original 1992.
- INSTITUTO GAÚCHO DE TRADIÇÃO E FOLCLORE. Nossos Símbolos: Nosso Orgulho! Organizado por Manoelito Carlos Savaris. Porto Alegre: CORAG, 2008. 180 p.
- JACKS, Nilda. Mídia nativa: um estudo sobre a cultura regional no Rio Grande do Sul e a sua relação com a indústria cultural. Dissertação de mestrado. São Paulo: ECA/Universidade de São Paulo, 1987.



LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 16 ed. Jorge Zahar Editor, 2003, Rio de Janeiro.

LAYTANO, Dante de. Folclore do Rio Grande do Sul: levantamento dos costumes e tradições gaúchas. 2. ed. Porto Alegre : EST, 1987. 350 p.

LESSA, Barbosa. Nativismo: um fenômeno social gaúcho. Porto Alegre: L&PM, 1985. 119 p. (Coleção Universidade Livre)

LESSA, Barbosa. O sentido e o valor do Tradicionalismo. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br>>. Acesso em 03 de dezembro de 2000.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. A Cultura-Mundo: Resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: companhia das letras, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio. Lisboa : Relógio d'Água, c1983. 204 p. (Antropos; 16)

LIPOVETSKY, Gilles. Os tempos hipermodernos. Tradução Mário Vilela. Ed. Barcarola, São Paulo, 2004.

LOPES NETO, João Simões. Contos gauchescos e lendas do sul. Porto Alegre: Editora Globo, 10 ed., 1978.

LUVIZZOTO, Caroline Kraus. A racionalização das tradições no contexto da modernidade tardia: o caso das tradições gaúchas. Marília, 2010. Tese de doutorado UNESP.

MACIEL, Maria Eunice. Gauchismo, Tradição e Tradicionalismo. Caderno IHU ideias, n. 87, 2007. São Leopoldo.

MARIANTE, Hélio Moro. História do Tradicionalismo sul-rio-grandense. Porto Alegre: Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, 1976. 27 p. (Cadernos Gaúchos; 1).

MELLO, Adilson da silva; JUNIOR, Otávio Candido da Silva. Uma Leitura da “circularidade” entre culturas em Carlo Ginzburg. janus, lorena, ano 3, nº 4, 2º semestre de 2006.

MENASCHE, Renata. Gauchismo: Tradição Inventada. Estudos Sociedade e Agricultura, n. 1, p. 22-30, 1993.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. MTG 40 anos: raiz, tradição e futuro- 1966-2006. Pesquisa e texto base de Paulo Roberto de Fraga Cirne. Porto Alegre, CORAG. 2006. 195 p.

MOURA, Maria Izabel de. Conceituações. disponível em:  
<http://www.mtg.org.br/conceituacoes.html>

OLIVEN, Ruben George. A parte e o todo. A diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

OLIVEN, Ruben George. “Em Busca do Tempo Perdido: o Movimento Tradicionalista gaúcho.” Revista Brasileira de Ciências Sociais, 6(15), 1991, p. 40-52.

OLIVEN, Ruben. A construção social da identidade gaúcha. 1983. Trabalho apresentado no grupo de trabalho “Sociologia da Cultura Brasileira” no VII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais em outubro de 1983, em Águas de São Pedro, SP.

OLIVEN, Ruben. A cidade e a tradição. Ciência e Ambiente, IV(7) jul/dez 1993, p. 69-78.

OLIVEN, Ruben George. O Maior Movimento de Cultura Popular do Mundo Ocidental. Cadernos de Antropologia, Porto Alegre, v. 1, p. 1-46, 1990.

OLIVEN, Ruben George. “O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controvertida”, In Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo: Vértice: ANPOCS, 3(9): 3-14. fev. 1989.

ORTIZ, Renato. Românticos e Folcloristas: cultura popular. Ed. Olho d’água. São Paulo, 1992.

ORTIZ, Renato. Mundialização : saberes e crenças. São Paulo : Brasiliense, 2006. 211 p.

POLANYI, Karl. A grande Transformação: as origens da nossa época. 5. Ed. Tradução Fanny Wrobel. Editora Campus. Rio de Janeiro, 2000.

QUADROS, Claudemir de. Tradicionalismo Gaúcho em questão: suas pretensões e realidades.

Recomendações sobre a salvaguarda do folclore. UNESCO. 1989.

ROCHA, Betty Nogueira. (Re)construindo o Tradicionalismo: Imagens de migrantes gaúchos no Mato Grosso. Artigo apresentado no grupo de trabalho Cultura, Meios e

Comunicação durante o XXV Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia realizado em Porto Alegre (RS) no período de 22 a 26 de agosto de 2005.

SENNETT, Richard. A cultura do novo capitalismo. Tradução Clóvis Marques. Ed. Record. Rio de Janeiro, 2006.

SOARES, Maria Susana Arrosa. E por falar em modernidade...somos modernos? XIV encontro anual da ANPOCS.

TREVOR-ROPER, Hugh (1984). “ A invenção das Tradições: a tradição das Terras Altas (Highlands) da Escócia”, in E. Hobsbawm e T. Ranger (orgs). A invenção das tradições, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

TOTA, Antônio Pedro. O imperialismo sedutor : a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo : Companhia das Letras, 2005. 235 p.

WARNIER, Jean-Pierre. A mundialização da cultura. Bauru : EDUSC, c2000. 182 p.

## **RELAÇÃO DE FONTES DOCUMENTAIS**

Diretrizes para a pilcha gaúcha;

<http://www.mtg.org.br/DIRETRIZES%20PARA%20AS%20PILCHAS.pdf>

Diretrizes para encilha de equinos nas atividades campeiras;

<http://www.mtg.org.br/Diretrizes%20para%20encilhas%20dos%20equinos%20-%20aprovadas.pdf>

Diretrizes de curso para juiz de campeira;

<http://www.mtg.org.br/Diretriz%20de%20Curso%20para%20Juiz%20Campeiro.pdf>

Diretrizes para trajes de época;

<http://www.mtg.org.br/diretrizes%20para%20traje%20de%20epoca.pdf>

Instrução Normativa que Regula a Ciranda Cultural de Prendas, o Entrevero de Peões e a Mostra Folclórica Estadual;

[http://www.mtg.org.br/instrucao%20normativa%20%2001\\_2011.pdf](http://www.mtg.org.br/instrucao%20normativa%20%2001_2011.pdf)

Regulamento Geral;

<http://www.mtg.org.br/REGULAMENTO%20GERAL%20-%20aprovado.pdf>

Regulamento da Ciranda Cultural de Prendas;

<http://www.mtg.org.br/REGUL%20%20CIRANDA%20CULTURAL%20DE%20PRENDAS%20-%20aprovado.pdf>

Regulamento Entrevero Cultural de Peões;

<http://www.mtg.org.br/REGULAMENTO%20ENTREVERO%20PEOES%20-%20APROVADO.pdf>

Regulamento ENART;

<http://www.mtg.org.br/REGULAMENTO%20DO%20ENART%20-%20aprovado.pdf>

Regulamento Campeiro;

<http://www.mtg.org.br/REGULAMENTO%20CAMPEIRO%20-%20aprovado.pdf>

Regulamento de esportes tradicionais;

<http://www.mtg.org.br/REGULAMENTO%20DE%20ESPORTES%20-%20aprovado.pdf>

Regulamento artístico;

<http://www.mtg.org.br/REGULAMENTO%20-%20ARTISTICO%20-%20Aprovado.pdf>

Regulamento da festa campeira.

<http://www.mtg.org.br/REGUL%20%20FECARS%20-%20aprovado.pdf>